Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Cassiano Butti

A Lexicologia no Brasil (1960-2000): historiografia de sua origem, desenvolvimento e institucionalização

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

São Paulo
2024

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Cassiano Butti

A Lexicologia no Brasil (1960-2000): historiografia de sua origem, desenvolvimento e institucionalização

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Língua Portuguesa, sob a orientação da Profa. Dra. Dieli Vesaro Palma.

São Paulo
2024

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura:
Data: 29 de janeiro de 2024
E-mail: cbutti@pucsp.br

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Butti, Cassiano
B988 A Lexicologia no Brasil (1960-2000): historiografia de sua origem, desenvolvimento e institucionalização. / Cassiano Butti. -- São Paulo: [s.n.], 2024.
178p. il. ; cm.

Orientador: Dieli Vesaro Palma.
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingua Portuguesa.

1. Historiografia da Linguistica. 2. Lexicologia. 3. Linguistica brasileira. 4. Lingua Portuguesa. I. Palma, Dieli Vesaro. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingua Portuguesa. III. Titulo.

CDD

Cassiano Butti

A Lexicologia no Brasil (1960-2000): historiografia de sua origem, desenvolvimento e institucionalização

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Língua Portuguesa, sob a orientação da Profa. Dra. Dieli Vesaro Palma.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

_____
Profa. Dra. Dieli Vesaro Palma
(PUC-SP, Orientadora)

_____
Profa. Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos
(PUC-SP/Mackenzie, membro interno)

_____
Profa. Dra. Nancy dos Santos Casagrande
(PUC-SP/Mackenzie, membro interno)

_____
Profa. Dra. Lúcia Helena Ferreira Lopes
(UEMG/FacMais, membro externo)

_____
Profa. Dr. José Herbertt Neves Florencio
(UFCG, membro externo)

_____
Profa. Dra. Sueli Cristina Marquesi
(PUC-SP, suplente interno)

_____
Profa. Dra. Marilena Zanon
(UNIP, suplente externo)

A todos(as) aqueles(as) que dedicaram e/ou dedicam parte de sua vida à construção do saber científico.

À futura geração de historiógrafos(as) da linguística, lexicólogos(as) e demais interessados(as) nas investigações em Ciências da Linguagem.

À memória da querida amiga e Profa. Dra. Jeni Silva Turazza, que me introduziu nos estudos lexicais.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que, na sua onipotência, onipresença e onisciência, sempre me guia e me orienta.

À Profa. Dra. Dieli Vesaro Palma, pelo acolhimento acadêmico num momento pessoal de muitas incertezas, pelo conhecimento compartilhado, pela paciência e pela liberdade proporcionada para planificar a presente tese.

Às Profas. Dras. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos e Lúcia Helena Ferreira Lopes, por terem realizado uma leitura criteriosa do trabalho no processo de qualificação, indicando valiosas sugestões para o aprimoramento da pesquisa. Agradeço-lhes também por se manterem na banca de defesa pública.

À Profa. Dra. Nancy dos Santos Casagrande e ao Prof Dr. José Herbertt Neves Florencio, pela aceitação e disponibilidade para compor a banca examinadora. Agradecimentos estendidos às Profas. Dras. Sueli Cristina Marquesi e Profa. Dra. Marilena Zanon.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP, que respondeu pela minha formação acadêmico-científica.

Aos familiares, amigos, colegas e discentes, que sempre vibram positivamente para que eu possa concretizar meus projetos acadêmico-profissionais, conforme planejado.

“Uma disciplina alcança a sua maioridade quando contempla seriamente o seu próprio passado”.

(Koerner, 2014a [1994], p. 10)

RESUMO

A tese proposta está inserida na linha de pesquisa História e Descrição da Língua Portuguesa da Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e tem como tema o processo de institucionalização da Lexicologia na segunda metade do século XX, mais especificamente entre os anos 1960-2000. Justifica-se o estudo pela ausência de trabalhos acadêmicos que analisem, por um viés historiográfico, eventos sobre a recepção, desenvolvimento e institucionalização da Lexicologia na história da linguística brasileira. O objetivo geral da investigação, portanto, é compreender como a Lexicologia foi percebida, recebida e proposta no Brasil, na segunda metade do século XX. Como objetivos específicos, propõe-se a: 1) (re)construir uma narrativa historiográfica interpretativa sobre a origem, o desenvolvimento e a institucionalização da Lexicologia no cenário europeu – espaço geográfico onde a essa disciplina foi concebida; 2) mapear as fontes documentais e episódios históricos que evidenciem o processo de consolidação da Lexicologia moderna como disciplina acadêmico-científica; 3) analisar, à luz dos princípios teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, como os estudos lexicológicos foram implantados, desenvolvidos e institucionalizados no cenário acadêmico brasileiro, num recorte sincrônico circunscrito aos anos 1960 a 2000; 4) avaliar, por meio das categorias interpretativas da Historiografia da Linguística, quais ideias linguístico-lexicológicas de matriz europeia foram continuadas ou descontinuadas no marco temporal em foco, de modo a que se possa postular a existência de uma escola brasileira de Lexicologia. A pesquisa se orienta pela hipótese de que a Lexicologia brasileira, inicialmente marcada pela continuidade dos modelos europeus de descrição estrutural, migrou para uma perspectiva interdisciplinar e discursiva. Como procedimentos metodológicos contemplam-se os parâmetros *externos* e *internos* de análise, neles pressupostos os princípios koernerianos da *contextualização*, *imanência* e *adequação*. Os fundamentos teóricos são aqueles orientados em Historiografia da Linguística, tomando-se como principais referências os estudos de Konrad Koerner, Pierre Swiggers, Cristina Altman e Ronaldo Batista. As análises estão guiadas pelas seguintes categorias interpretativas: reconstrução externa e interna; recepção; grupos de especialidade; liderança intelectual e organizacional; programa de investigação; e continuidades/ descontinuidades. Os resultados obtidos apontam que a Lexicologia se institucionaliza, no século XX, como uma área da ciência linguística e uma disciplina acadêmica autônoma, caracterizada, sob o ponto de vista historiográfico, pela continuidade epistemológica de modelos teóricos franceses, mas que deles se diferencia na proposição de modelos metodológicos rigorosos para observação, análise, descrição e explicação de fenômenos lexicais que tipificam o português brasileiro na dimensão de sua história, estrutura, conteúdo, funções e usos.

Palavras-chave: Historiografia da Linguística. Lexicologia. Linguística Brasileira. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The proposed thesis is part of the History and Description of the Portuguese Language line of research at Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) and its theme is the process of institutionalization of Lexicology in the second half of the 20th century, more specifically between the years 1960-2000. The study is justified by the lack of academic papers that analyze, from a historiographical perspective, events on the reception, development and institutionalization of Lexicology in the history of Brazilian linguistics. The general objective of the investigation, therefore, is to understand how Lexicology was perceived, received and proposed in Brazil, in the second half of the 20th century. The specific objectives are: 1) to (re)construct an interpretative historiographical narrative about the origin, development and institutionalization of Lexicology in the European scenario – geographical space where this discipline was conceived; 2) to map the documentary sources and historical episodes that highlight the process of consolidation of modern Lexicology as an academic-scientific discipline; 3) to analyze, in light of the theoretical-methodological principles of the Historiography of Linguistics, how lexicological studies were implemented, developed and institutionalized in the Brazilian academic scenario, in a synchronic period limited to the years 1960 to 2000; 4) to evaluate, through the interpretative categories of the Historiography of Linguistics, which linguistic-lexicological ideas of European origin were continued or discontinued in the time frame in focus, so that the existence of a Brazilian school of Lexicology can be postulated. The research is guided by the hypothesis that Brazilian Lexicology, initially marked by the continuity of European models of structural description, has migrated to an interdisciplinary and discursive perspective. As methodological procedures, the *external* and *internal* parameters of historiographical analysis are considered, in which the Koerner's principles of *contextualization*, *immanence* and *adequacy* are presupposed. The theoretical foundations are those oriented in the Historiography of Linguistics, taking as main references the studies of Konrad Koerner, Pierre Swiggers, Cristina Altman and Ronaldo Batista. We opted for documentary research, guided by the following interpretative categories: external and internal reconstruction; reception of ideas; specialty groups; intellectual leadership and organizational leadership; research program; continuities and discontinuities. The research shows that Brazilian Lexicology was institutionalized in the 20th century as an area of linguistic science and an autonomous academic discipline that deals with the observation, analysis, description and explanation of lexical phenomena that typify Brazilian Portuguese in terms of its history, structure, content, functions and uses.

Keywords: Historiography of Linguistics. Lexicology. Brazilian Linguistics. Portuguese Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Plataforma Lattes – sistema de busca de currículos eletrônicos 43
Figura 2: Plataforma Lattes – exemplo de um resultado de pesquisa..... 44
Figura 3: Critérios de pesquisa na ferramenta digital Google..... 45
Figura 4: Catálogo de pesquisadores por ordenação alfabética..... 45
Figura 5: Verbete da primeira edição do dicionário Moraes Silva (1789) 52
Figura 6: Primeira atestação do verbete «Lexicologia» em Moraes Silva (1858)..... 53
Figura 7: Retrodatação do termo «Lexicologia» em diferentes línguas..... 53
Figura 8: Definição de «Lexicologia» na Encyclopédie..... 55
Figura 9: Subdivisão da Lexicologia na Encyclopédie 56
Figura 10: Páginas do Boletim publicado pelo Laboratório de Análise Lexicológica de Besançon 66
Figura 11: Capa de um dos *cahiers de lexicologie* 67
Figura 12: Domínios de interface da Lexicologia 74
Figura 13: Modelo de planilha para catálogo de publicações gerais 80
Figura 14: Modelo de planilha para catálogo de dissertações e teses 81
Figura 15: Amostra de projetos de IC 91
Figura 16: Primeira publicação de Scliar-Cabral no jornal Diário de Notícias 101
Figura 17: Definição de palavra.....101
Figura 18: Sistema de busca de Grupos de Pesquisa certificados pelo CNPq ……. 119
Figura 19: Exemplo de como realizar uma análise variável aleatória …….. 141

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pesquisa lexicológica no Brasil – situação acadêmica..... 83
Gráfico 2: Titulação no Brasil – distribuição geográfica 84
Gráfico 3: Titulação no Exterior – distribuição geográfica..... 85
Gráfico 4: Filiação acadêmica 86
Gráfico 5: Distribuição de dissertações e teses por universidade..... 86
Gráfico 6: Comunicações orais em eventos científicos 121
Gráfico 7: O uso do termo «ciências do léxico» em páginas eletrônicas ……149

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1: Distribuição de dissertações e teses por universidade 88
Quadro 1: Amostra de monografias realizadas em cursos de Especialização..... 89
Quadro 2: Amostra de teses produzidas nos anos 1970 115
Quadro 3: Amostra de livros publicados nos anos 1970.....115
Quadro 4: Coordenações do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll 119
Quadro 5: Lista dos Grupos de Pesquisa certificados pelo CNPq 119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abralin	Associação Brasileira de Linguística
Alfal	Associação de Linguística e Filologia da América Latina
Anpoll	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Celsul	Círculo de Estudos Linguísticos do Sul
Cellip	Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná
Cf.	Confira, confronte
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
e ss.	e [páginas] seguintes
Farpi	Faculdade Rio-pretense de Filosofia Ciências e Letras
FCG	Fundação Calouste Gulbenkian
GEL	Grupo de Estudos Linguísticos do estado de São Paulo
Gelne	Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste
GT	Grupo de Trabalho
GTLEX	Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL
HL	Historiografia da Linguística
IC	Iniciação Científica
ICHoLS	Congresso Internacional da História das Ciências da Linguagem
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
s.l.	*sine loco*, sem [indicação de] lugar
s.p.	sem página
s.v.	*sub voce*, sob o verbete
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
Uece	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
Uerj	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Uesb	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Ufac	Universidade Federal do Acre
Ufal	Universidade Federal de Alagoas
Ufba	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Ufpa	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Ufro	Universidade Federal de Rondônia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade de Campinas
Unimarco	Universidade São Marcos
Unimontes	Universidade Estadual de Montes Claros
Unir	Universidade Federal de Rondônia
Unisinos	Universidade do Vale dos Sinos
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17
1 HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA: IDENTIDADE CIENTÍFICA, EPISTEMOLOGIA, OBJETO E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO 24
1.1 História e Historiografia: intersecções 25
1.2 Historiografia da Linguística: identidade científica 27
1.3 Historiografia da Linguística: epistemologia e objeto de investigação 29
1.4Método da pesquisa historiográfica: parâmetros, princípios e fases 33
1.4.1 Parâmetros da análise historiográfica 33
1.4.1.1 Parâmetros externos 33
1.4.1.2 Parâmetros internos 34
1.4.2 Princípios da análise historiográfica 35
1.4.2.1 Princípio da contextualização histórica e intelectual 35
1.4.2.2 Princípio da imanência 37
1.4.2.3 Princípio da adequação teórica 38
1.4.3 Fases da análise historiográfica 38
1.5 Procedimentos metodológicos da tese: seleção e descrição do *corpus* 39
1.5.1 Procedimentos empregados na coleta dos dados 40
1.5.1.1 Critério para escolha da periodização 40
1.5.1.2 Critério para levantamento dos dados 42
1.5.2 Procedimentos empregados na análise dos dados 46
1.6 Considerações sobre o capítulo 46
2 LEXICOLOGIA: GÊNESE DE UMA DISCIPLINA 48
2.1 As primeiras descrições lexicológicas na Antiguidade 49
2.2 O termo «Lexicologia» e sua origem 51
2.3 A *Encyclopédie* e a criação da Lexicologia no século XVIII 54
2.4 A (re)criação da Lexicologia no século XX 57
2.5 A Lexicologia moderna: episódios de sua institucionalização 60
2.5.1 Georges Matoré e sua Lexicologia social 60
2.5.2 Quemada e o centro de estudos de Besançon 64
2.5.3 Lexicologia soviética: uma ilustre desconhecida 68
2.5.4 Escola de Praga e a Lexicologia funcional 71

2.5.5 Interfaces da Lexicologia 73
2.6 Considerações analíticas sobre a origem europeia da Lexicologia 75
3 A LEXICOLOGIA NO BRASIL: PARÂMETROS EXTERNOS 79
3.1 Apresentação dos dados 80
3.1.1 Perfil descritivo dos agentes de recepção, produção e divulgação 82
3.1.1.1 Titulação 82
3.1.1.2 Distribuição geográfica 84
3.1.1.3 Filiação acadêmica 86
3.1.2 Perfil descritivo das publicações realizadas 87
3.1.2.1 Dissertações e teses 87
3.1.2.2 Monografias de especialização 90
3.1.2.3 TCCs e ICs 92
3.1.2.4 Outras publicações 93
3.2 Os estudos linguísticos nos anos 1960: contextualização 94
3.3 A Lexicologia no Brasil: episódios de sua institucionalização 97
3.3.1 Anos 1960: produção de textos inaugurais 97
3.3.1.1 Leonor Scliar-Cabral: a vulgarização do discurso científico 98
3.3.1.2 Clemente Segundo Pinho: a reivindicação de um centro de estudos lexicológicos no Brasil 103
3.3.1.3 Maria Tereza Camargo Biderman: recepção à léxico-estatística 106
3.3.2 Anos 1970: implantação da disciplina e publicação das primeiras teses 107
3.3.2.1 Institucionalização por meio de disciplinas acadêmicas 107
3.3.2.2 Institucionalização por meio da produção e publicação de teses 114
3.3.3 Anos 1980: criação e sedimentação dos grupos de pesquisa 117
3.3.3.1. O GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL 117
3.3.3.2 Os grupos do CNPq 120
3.3.4 Anos 1990: divulgação de resultados e macroprojetos 122
3.3.4.1 A vulgarização do conhecimento lexicológico 123
3.3.4.2 O Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil 124
3.3.5 Anos 2000: ciências do léxico 127
3.4 Considerações analíticas sobre os parâmetros externos da HL da Lexicologia 128
4 A LEXICOLOGIA NO BRASIL: PARÂMETROS INTERNOS 131

4.1 Ideias lexicológicas brasileiras revisitadas 131
4.1.1 Lexicologia e seu objeto de investigação 132
4.1.2 Programa de investigação 137
4.1.2.1 Léxico e quantificação da linguagem.....137
4.1.2.2 Construção de modelos teóricos.....144
4.1.2.3 Neologia, neologismos e as mudanças sociais 146
4.2 Temas e interfaces.....147
4.3 Adequação teórica 149
4.4 Considerações analíticas sobre os parâmetros internos da HL da Lexicologia 153
CONCLUSÃO 156
REFERÊNCIAS 161
APÊNDICE.....152

INTRODUÇÃO

A tese que ora se apresenta tem como tema o processo de institucionalização da Lexicologia no espaço geográfico brasileiro, delimitada, temporalmente, pela produção acadêmico-científica desenvolvida na segunda metade do século XX. Trata-se de uma investigação inscrita na área da Historiografia da Linguística e situada na linha de pesquisa História e Descrição da Língua Portuguesa, da Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

A Lexicologia tem sido compreendida como uma disciplina linguística que se ocupa do estudo científico do léxico em suas mais diversas perspectivas (Cf. Rey, 1970; Quemada, 1972; Barbosa, 1991; Nebot, 2001 [1997]; Lutzeier, 2002; Tournier; Tournier, 2009). Assim sendo, a Lexicologia é tema de interesse historiográfico, na medida em que as fontes documentais derivadas desses estudos condensam, em si, vestígios do que se afirmou sobre as línguas e a linguagem humana, sob o ponto de vista do conhecimento lexical. Nessa perspectiva, o léxico, objeto de estudo da Lexicologia, passa a ser interpretado como um sinal por meio do qual os conhecimentos linguísticos são representados no fluxo do tempo — e não apenas como um conjunto de unidades linguísticas prontas para serem atualizadas no discurso.

Ainda que a Lexicologia seja uma das disciplinas que compõem o vasto campo dos estudos linguísticos, raramente a reflexão lexicológica foi tema de investigação historiográfica: negligenciada nos capítulos dos tradicionais manuais de introdução às Ciências da Linguagem,[1] tampouco é estudada nas mais de 1.700 páginas que totalizam os 3 tomos da *Histoire des idées linguistiques*, de Sylvain Auroux, editados pela belga Mardaga, entre 1989-2000 (Auroux, 1989; 1992; 2000),ou nas quase 3.000 páginas da monumental *History of the Language Sciences*, organizada pelos pesquisadores Sylvain Auroux; Konrad Koerner; Hans-Josef Niederehe e Kees Versteegh, publicada em 3 tomos pela editora alemã de Gruyter, entre 2000-2006 (Auroux *et al.*, 2000; 2001; 2006).

[1] Faz-se, aqui, uma referência a obras como as de Mounin (1970 [1967]), Leroy (1971 [1967)] e Mattoso Câmara Jr., 2011 [1962], cujas publicações sobre histórias da linguística foram amplamente referendadas na bibliografia linguística brasileira. Uma análise crítica do modelo de fazer historiográfico dessas publicações pode ser recuperada em Koerner (2020b [2007]) e Altman (2021a).

Talvez os únicos trabalhos de natureza historiográfica que tenham se ocupado de apresentar um panorama sistemático das principais ideias lexicológicas construídas ao longo dos séculos sejam aqueles produzidos pelo linguista-lexicógrafo francês Alain Rey (1928-2020). Trata-se dos livros *La lexicologie: lectures* (Paris, Klincksieck, 1970) e *Le lexique: images et modèles, du dictionnaire à la lexicologie* (Paris, Armand Colin, 1977) — anos depois reeditado sob o título *De l'artisanat des dictionnaires à une science du mot: images et modèles* (Paris, Armand Colin, 2008).

Há de se reconhecer também algumas histórias panorâmicas nas quais é possível recuperar dados sobre eventos, autoria, artigos, temas de investigação, princípios e métodos que foram essenciais para a formulação, circulação e sedimentação de ideias linguísticas lexicológicas. É o que se apreende dos trabalhos de Filipec (1996 [1968]), Weinreich (1970), Quemada (1972), Barbosa (1991), Pruvost (2000), Lutzeier (2002) e Schippan (2002).

Pretende-se justificar, a partir desses dados, que a principal motivação para a escolha temática da presente tese tem como ponto de ancoragem um fato latente: a profícua produção científica na área da Lexicologia – tanto no exterior quanto no Brasil – e o ofuscamento das investigações realizadas nessa área dos estudos linguísticos nas principais produções bibliográficas de natureza historiográfica. O desconhecimento de pesquisa similar no cenário nacional é igualmente uma forma de postular o ineditismo da investigação que aqui se propõe a desenvolver.

O interesse pela reconstrução histórica de eventos da ciência linguística por meio de suas disciplinas tem despertado a atenção de pesquisadores brasileiros neste primeiro quarto de século. Ao menos é o que se pode apurar em recentes produções acadêmicas brasileiras. É o caso, apenas a título de ilustração, do estudo de Guimarães (2004)[2] sobre a semântica; de Vieira (2020)[3] sobre a sintaxe; de Oliveira

[2] GUIMARÃES, Eduardo. **História da semântica**: sujeito, sentido e gramática no Brasil. Campinas: Pontes, 2004.

[3] VIEIRA, Francisco Eduardo. A sintaxe no Brasil: notas historiográficas e eixos temáticos de investigação. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 64, 2020. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12288. Acesso em: 10 jan. 2021.

(2021)[4] sobre a fonética e a fonologia; de Moura (em preparação)[5] sobre a sociolinguística, e o de Oliveira (2022)[6] sobre a própria Historiografia Linguística. A presente tese, centrada na Historiografia da Lexicologia no Brasil, coaduna-se, por conseguinte, com esse conjunto de investigações.

São várias as problematizações impostas à elaboração de uma narrativa historiográfica das ideias lexicológicas em circulação no século XX. Diferente do que ocorreu com os estudos de fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, linguística textual, análise do discurso, entre outros setores dos estudos linguísticos, o século XX foi concluído sem que se tivesse produzido, no Brasil, um manual, um compêndio e/ou um livro de introdução à Lexicologia. Nesse sentido, as reflexões linguístico-lexicológicas que serviram de material informativo para a implementação dessa disciplina nas universidades brasileiras foram influenciadas por dois fatores essenciais: ou derivaram da leitura analítica de obras produzidas em línguas estrangeiras ou foram guiadas pela visão epistemológica que emergiu das ideias defendidas por lideranças intelectuais e organizacionais responsáveis pela recepção e propagação do que se passou a entender como estudo científico do léxico. Coube a um número restrito de intelectuais formar uma rede de influências entre pesquisadores e instituições dos mais diferentes polos universitários brasileiros e institucionalizar suas investigações por meio da formação de grupos de especialidade teórica (Murray, 1998 [1994]).

Sabe-se, contudo, que as publicações e outras fontes documentais que possam ajudar na reconstrução dessa narrativa estão dispersas em dissertações, teses, artigos, resumos de comunicação oral e precisam ser recuperadas para um exame sistemático e verticalizado dos conhecimentos lexicológicos sedimentados na linguística brasileira. Entende-se, assim, que a análise interpretativa dos materiais produzidos por membros dessa rede de agentes e grupos de especialidade deve

---

[4] OLIVEIRA, Karina Gonçalves de Souza de. **História da Fonética e da Fonologia no Brasil (1949-2000)**: aspectos do conhecimento em circulação em teses e dissertações. 2021. 270 p. Tese (Doutorado em Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2021.

[5] MOURA, Maria Aldetrudes de Araújo. **Sociolinguística no Brasil (1970-2010)**: uma análise historiográfica sobre a produção e a recepção do conhecimento acerca da área. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí (em preparação).

[6] OLIVEIRA, Meryane Sousa. **A Historiografia Linguística no Brasil (1993-2020)**: um estudo acerca da recepção de ideias e da produção de materiais ao longo de quase três décadas de implantação da área. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, 2022.

apontar as ideias, teorias e métodos recebidos, continuados ou descontinuados, validados ou não dentro da comunidade acadêmica brasileira.

Diante dessa contextualização, o principal questionamento que se pretende responder na realização desta tese é: Que ideias linguísticas foram defendidas para que a Lexicologia fosse percebida e institucionalizada como uma disciplina científica pela comunidade acadêmica brasileira, num momento histórico em que o paradigma científico da investigação linguística vigente nas décadas finais do século XX verticalizava-se para os estudos do texto e do discurso? Como perguntas subsidiárias, questiona-se:

a) Que reflexões sobre as línguas e sobre a linguagem demandaram a criação de uma disciplina que se ocupasse do estudo científico do léxico?

b) Que relações podem ser estabelecidas entre as visões científicas, políticas e socioculturais em circulação fora e dentro do Brasil e a criação da ciência lexicológica, isto é, em qual clima intelectual emerge a moderna Lexicologia?

c) Quais programas de investigação foram propostos e desenvolvidos pelos lexicólogos e que contribuíram para a institucionalização de uma nova área de pesquisa no campo das ciências da linguagem?

d) Que preocupações científicas foram continuamente perseguidas no fluxo do tempo na Lexicologia brasileira e por que os lexicólogos chegaram às reflexões postuladas nos trabalhos por eles produzidos e/ou orientados?

e) Que relações de continuidade ou descontinuidade podem ser observadas na Lexicologia brasileira, se comparada aos modelos lexicológicos produzidos em outros países?

A tese aventada é a de que a moderna Lexicologia brasileira[7] se institucionalizou na segunda metade do século XX como uma área da ciência linguística e uma disciplina acadêmica autônoma caracterizada, sob o ponto de vista historiográfico, pela continuidade epistemológica de modelos teóricos franceses, ainda que deles tenha se diferenciado na proposição de modelos metodológicos

[7] A expressão «Lexicologia brasileira» será compreendida sob dois pontos de vista: a) em sentido amplo, o termo Lexicologia é adjetivado para fazer referência a seu objeto de estudo: o português brasileiro; designa, pois, as produções científicas que circulam no Brasil nessa e sobre essa variedade da língua portuguesa; b) em sentido restrito, trata-se de identificar a possível existência de uma Lexicologia “à brasileira”, ou seja, de uma linha de pensamento lexicológico tipicamente brasileiro.

rigorosos para a observação, análise, descrição e explicação de fenômenos lexicais que tipificam o português brasileiro na dimensão de sua história, estrutura, conteúdo, funções e usos.

Para orientar esta pesquisa, de modo a alcançar os resultados interpretativos que respondam aos questionamentos aqui elencados, bem como para comprovar a tese formulada, tem-se por objetivo geral compreender como a Lexicologia foi percebida, recebida e proposta no Brasil, nas quatro décadas finais do século XX. São objetivos específicos desta tese:

1. (re)construir uma narrativa historiográfica interpretativa sobre a origem, o desenvolvimento e a institucionalização da Lexicologia no cenário europeu – espaço geográfico onde a essa disciplina foi concebida;
2. mapear as fontes documentais e episódios históricos que evidenciem o processo de consolidação da Lexicologia moderna como disciplina acadêmico-científica;
3. analisar, à luz dos princípios teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, como os estudos lexicológicos foram implantados, desenvolvidos e institucionalizados no cenário acadêmico brasileiro, num recorte sincrônico circunscrito aos anos 1960 a 2000.
4. avaliar, por meio das categorias interpretativas da Historiografia da Linguística, quais ideias linguístico-lexicológicas de matriz europeia foram continuadas ou descontinuadas no marco temporal em foco, de modo a que se possa postular a existência de uma escola brasileira de Lexicologia.

Para o cumprimento desses objetivos, fundamenta-se o estudo em princípios teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, nas perspectivas que vêm sendo defendidas por P. Swiggers (1984 e ss.) e K. Koerner (2014a [1994] e ss.). Acrescentam-se a esses estudos orientações investigativas sedimentadas na Historiografia da Linguística praticada no Brasil, a partir dos trabalhos de Altman (2003 [1998] e ss.), Batista (2013 e ss.), bem como de vários outros pesquisadores que, conforme indicado no referencial bibliográfico que compõe esta investigação, seguem a abordagem historiográfica adotada por esses autores.

Nessa perspectiva, a Historiografia da Linguística, será entendida como o

> estudo sistemático […] do conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas com a intenção de **observar**, **descrever**, **analisar** e **interpretar** historicamente como se pensou sobre a linguagem e as línguas ao longo do tempo, em diferentes tradições culturais, sociais e políticas (Batista, 2020, p. 46, grifos nossos).

Para seleção do *corpus*, realizou-se um levantamento exaustivo da produção acadêmica identificada em teses, dissertações, artigos publicados em periódicos científicos, anais de congressos, resumos de comunicações orais, coletâneas, resenhas e outros documentos coletados na Plataforma Lattes — sistema de currículos acadêmicos, criado e mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) —, assim como em dois outros sistemas mantidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes): o catálogo de teses e dissertações e o portal de periódicos Capes. Também foram realizadas buscas em bibliotecas virtuais de várias universidades brasileiras, com vistas a identificar publicações não cadastradas no currículo Lattes de muitos pesquisadores.

Destaca-se que só foram privilegiados os trabalhos produzidos, explicitamente, na área da Lexicologia. Desse modo, pesquisas que abordam temas lexicais em outras áreas, como a dialetologia, morfologia, terminologia, por exemplo, não foram objeto de estudo.

As categorias interpretativas da Historiografia Linguística selecionadas para análise do *corpus* foram as seguintes: reconstrução externa e interna; recepção; grupos de especialidade; liderança intelectual e organizacional; programa de investigação; e continuidades/descontinuidades.

Diante do exposto, reforça-se o pressuposto de que a Historiografia da Lexicologia brasileira será aqui apresentada como um texto crítico-analítico sobre o processo histórico de construção do conhecimento linguístico-lexical, a partir dos documentos produzidos por lexicólogos(as) no território nacional ao longo das décadas finais do século XX. Para tanto, além desta introdução, organiza-se a tese em torno da seguinte estrutura:

No capítulo 1, *Historiografia da Linguística: identidade científica, epistemologia, objeto e método de investigação*, registram-se os pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos defendidos nas mais recentes pesquisas em

Historiografia da Linguística, selecionados para nortear a investigação proposta. Explicitam-se, ainda, os critérios de seleção e tratamento do *corpus* de pesquisa.

No capítulo 2, *Lexicologia: gênese de uma disciplina*, apresentam-se dados históricos sobre a origem do termo «Lexicologia», bem como da concepção que lhe foi atribuída no século XVIII, momento de sua criação. Na sequência, reconstroem-se as ideias científicas que motivaram a reconfiguração, no século XX, do que se convencionou denominar Lexicologia moderna ou científica.

No capítulo 3, *A Lexicologia no Brasil: parâmetros externos*, descreve-se o processo de institucionalização da Lexicologia no Brasil considerando seus aspectos externos: publicações acadêmicas, ações desencadeadas por lideranças intelectuais/organizacionais e grupos de especialidade teórica, clima de opinião predominante.

No capítulo 4, *A Lexicologia no Brasil: parâmetros internos,* busca-se compreender os programas de investigação sedimentados na Lexicologia brasileira. Nele, também se propõe uma interpretação historiográfica a partir dos dados descritos e analisados nos capítulos anteriores, respeitando-se os propósitos de uma investigação historiográfica em seus parâmetros internos — observar, descrever, analisar e interpretar o que se falou sobre as línguas, conforme explicitado anteriormente.

Na conclusão do trabalho, faz-se uma síntese avaliativa da investigação realizada, apontando possíveis desdobramentos da reconstrução historiográfica aqui delineada.

Encerra-se o percurso com a indicação do referencial bibliográfico que subsidiou a investigação proposta e com a inserção de um apêndice contendo informações sobre as dissertações e teses em Lexicologia produzidas no Brasil entre os anos 1960-2000.

1 HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA: IDENTIDADE CIENTÍFICA, EPISTEMOLOGIA, OBJETO E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

A Historiografia da Linguística vem despontando, desde os anos 1970, como uma área de investigação científica que se ocupa da descrição, análise e interpretação dos diversos tipos de conhecimentos sobre a linguagem humana e sobre as línguas, produzidos por gramáticos, filólogos, linguistas e outros agentes em diferentes épocas e espaços (Altman, 2003 [1998]; Batista, 2013). O principal objetivo da investigação historiográfica é entender como o conhecimento linguístico do passado foi produzido, recebido e difundido ao longo do tempo. Para isso, o historiógrafo da linguística se dedica à (re)construção de narrativas problematizadoras e interpretativas do que se afirmou sobre a linguagem e as línguas em seus aspectos social, cognitivo e temporal, de sorte a se conscientizar sobre as razões que levaram (ou levam) determinados conhecimentos a serem continuados ou descontinuados em momentos específicos da história (Swiggers, 2019; Koerner, 2020b [2007]).

Nesse sentido, apresentam-se, neste capítulo, os pressupostos teóricos e as opções metodológicas selecionados para subsidiar a elaboração de uma narrativa interpretativa sobre o processo de institucionalização da Lexicologia no Brasil, nas décadas finais do século XX. Para isso, recorre-se às orientações meta-historiográficas planificadas por duas abordagens teórico-metodológicas distintas, ainda que complementares: a de Pierre Swiggers (1984 e ss.) e a de Konrad Koerner (2014a [1994] e ss.). Acrescentam-se aos estudos desses pesquisadores os trabalhos em Historiogria da Linguística desenvolvidos no Brasil, sobretudo a partir das orientações lançadas por Altman (2003 [1998] e ss.) e Batista (2013 e ss.).

Para guiar o capítulo, inicia-se o texto com uma discussão sobre a diferença entre História e Historiografia, a fim de situar a intersecção existente entre elas. Posteriormente, faz-se uma breve consideração sobre o surgimento da Historiografia da Linguística dentro da área das ciências da linguagem. Na sequência, tecem-se as principais considerações sobre sua epistemologia, objetivos, objetos e métodos de pesquisa. Finaliza-se o percurso com uma explicação dos procedimentos adotados na coleta e análise dos dados selecionados para compor o *corpus* da presente investigação.

1.1 História e Historiografia: intersecções

O termo «história»[8] condensa em si um conjunto de predicações que o tornam polissêmico, razão pela qual se faz necessário explicitar como ele será abordado nesta investigação. Em sua acepção mais corrente, «história», com inicial minúscula, designa a sucessão de acontecimentos, fatos e eventos ocorridos em determinado tempo e espaço (Barros, 2022). Já o termo «História», com inicial maiúscula, remete a uma disciplina e a um campo de investigação na área das Ciências Humanas por meio dos quais são realizados estudos dos fatos do passado. Cabe à História analisar, entender e problematizar o que ocorreu e/ou se manifestou no fluxo do tempo até o momento contemporâneo. Desse modo, pode-se afirmar que "a História estuda a história" (Barros, 2022, p. 16).

Destaca-se, no entanto, que muitos historiadores recorrem ao termo «História» para designar o discurso narrativo construído sobre o passado, estabelecendo, assim, uma equivalência parassinonímica entre os termos «História» e «Historiografia» (Barros, 2022). Em razão dessa coocorrência terminológica, concorda-se com a proposta de Batista (2020), para quem uma possibilidade de evitar esse tipo de polissemia nos estudos de natureza histórica é fazer uso distintivo dos termos «história» e «Historiografia», a partir dos seguintes conceitos operacionais: «história» diz respeito ao "conjunto de evidências de fatos do passado ou do presente selecionados pelo historiador para análise" (Batista, 2020, p. 32); já «Historiografia» se refere à "análise reflexiva sobre o conjunto de evidências de fatos e eventos selecionados pelo historiador; a escrita da história (como atividade de compreensão do passado e presente)" (Batista, 2020, p. 33).

A Historiografia, assim concebida, delimita-se ao discurso narrativo, interpretativo e problematizador que os historiógrafos constroem sobre as ideias defendidas por determinados autores em determinadas esferas do conhecimento e em épocas específicas. Com isso, tenciona-se compreender como essas ideias foram

[8] Segundo as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) em vigor no Brasil desde 2009, o uso de maiúsculas para designar domínios do saber, cursos e disciplinas é opcional. No entanto, dada a polissemia do termo «história», optou-se, na presente tese, por grafar «História», com inicial maiúscula, para designar o nome da disciplina ou campo do saber e «história», com inicial minúscula, para fazer remissão ao objeto de estudo do historiador.

representadas, apreendidas, recebidas e propagadas em seu tempo ou continuadas/descontinuadas em outros/novos contextos históricos.

A necessidade de uma visão interpretativa e problematizadora do passado foi fundamental para que os estudiosos da linguagem discutissem estratégias menos empíricas a fim de reconstruir a história de sua própria disciplina. Afinal, como destaca Bagno (2023a), as reflexões sobre a linguagem e sobre as línguas estiveram condicionadas, até o século XVIII, a abordagens de natureza religiosa, filosófica e política. Na tradição gramatical hindu, representada por Pāṇini (séc. IV a.C.), a descrição linguística esteve a serviço de uma necessidade religiosa de preservação dos textos sagrados. Já na Grécia Antiga (VI – V a.C.), a reflexão linguística esteve voltada para a compreensão das relações entre língua, linguagem, pensamento e realidade, ancorada em princípios filosóficos. No século XVI, o foco foi a redação de gramáticas prescritivas, organizadas a partir de um modelo ideal de língua, visando ao controle político dos usos linguísticos em determinado contexto geopolítico.

Para esse estudioso, é apenas no século XIX que a linguística iniciou seu processo de emancipação, a fim de se institucionalizar como ciência autônoma. Nesse período, a linguística estabeleceu um objeto próprio de estudo, analisado com base em princípios teóricos e métodos de descrição bem delimitados por um grupo de especialidade epistemológica — o dos linguistas propriamente dito.

Uma das razões para a multiplicidade de pontos de vista sobre a linguagem e as línguas no fluxo do tempo se justifica pela própria subjetividade inerente ao fazer historiográfico:

> Toda história é uma história, é aquela que o autor quis ou conseguiu escrever, com a parcialidade inevitável a qualquer empreendimento humano, com os recursos que estavam a seu alcance e com os critérios de seleção e exclusão que inventou como verdade para si mesmo (Bagno, 2023a, p. XIX).

Isso significa que, ao longo dos séculos, um mesmo objeto pode receber diferentes tratamentos analíticos e passar por múltiplas interpretações em função das ideias pensadas, divulgadas e sedimentadas por diferentes agentes em cada momento da história. Nessa perspectiva, ao problematizar os variados modos de apreensão e escrita da história do pensamento linguístico, elaborados, sobretudo, a partir do século XVIII, Koerner (2014a [1994]) se ressente da falta de um tratamento

científico, orientado por princípios teóricos e metodológicos rígidos para esse tipo de tarefa historiográfica.

Depois de elencar uma série de textos sobre a história da linguística, cujo marco inaugural foi a obra *Tableau des progrès de la science grammaticale*, publicada em 1796, por François Thurot (1768-1832), Koerner (2014a [1994]) assim se posiciona: "a maioria deles baseou-se, sem uma perspectiva crítica, em relatos anteriores e raramente se aventurou em questões de método historiográfico ou tocou em assuntos relacionados com a filosofia da ciência". É em busca de uma análise crítica de fontes documentais do passado, amparada por método científico de observação, descrição e interpretação, que emergem, na década de 70 do século XX, os estudos em Historiografia da Linguística[9].

1.2 Historiografia da Linguística: identidade científica

A Historiografia da Linguística (HL) tem sido entendida como um campo[10] de estudo e pesquisa inscrito na área das Ciências da Linguagem que se ocupa da produção, circulação e recepção do conhecimento construído acerca das línguas e da linguagem humana no fluxo do tempo (Batista, 2013). Interessa-lhe a descrição e análise interpretativa dos eventos, fatos, conceitos e produtos que, em variadas temporalidades e contextos históricos, contribuíram para moldar as diferentes tradições do pensamento linguístico.

A HL se institucionalizou na Europa, nos anos 1970, com a criação de diversos grupos de pesquisa, sociedades científicas, associações e periódicos especializados, voltados à proposição de novas abordagens para a escrita da história da linguagem e das línguas. Altman (2012) destaca a importância de alguns periódicos para a divulgação da HL, entre eles os pioneiros *Historiographia Linguistica* e o *Histoire, Epistémologie, Langage*, em circulação desde a referida década, bem como o

[9] De acordo com Koerner (2020b [2007]), é indiferente o uso de «historiografia linguística» (*linguistic historiography*) ou de «Historiografia da Linguística» (*Historiography of Linguistics*) para se referir à disciplina que aqui se estuda. Swiggers (2019) também emprega ambos os termos indistintamente: "Historiografia Linguística, ou Historiografia da Linguística, pode ser definida como a atividade, *cientificamente fundamentada*, de *escrever* a *história* do *estudo sobre a linguagem*" (Swiggers, 2019, p. 47, grifos do autor). Nesta tese, opta-se pelo uso de «Historiografia da Linguística», por ser o termo mais recorrente em recentes publicações historiográficas (cf. Altman, 2021a; Batista, 2013; 2019; 2020).

[10] Na bibliografia estudada, há uma oscilação no uso do hiperônimo preferencial para definir Historiografia da Linguística, de modo que "área" e "campo" têm sido empregados indistintamente.

Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft e a *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, lançados respectivamente em 1991 e 2009. Além dessas publicações, a HL marca sua identidade em sociedades científicas como a Société d'Histoire et d'Épistémologie des Sciences du Langage; a Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas; a North American Association for the History of the Language Sciences e a Sociedad Española de Historiografía Linguística.

Outro destaque da área são as edições do Congresso Internacional da História das Ciências da Linguagem (ICHoLS), realizado desde 1978, reunindo investigadores que trabalham com história das Ciências da Linguagem, alocados em diferentes partes do mundo. No Brasil, é a partir dos anos 1990, com os estudos inaugurados por Altman (2003 [1998]), que começam a surgir trabalhos em HL, principalmente nas vertentes teórico-metodológicas defendidas por Konrad Koerner e Pierre Swiggers[11].

Alerta Altman (2021a) que o termo «historiografia» recobre duas acepções possíveis: remete tanto ao estudo teórico e metodológico do conhecimento produzido sobre a linguagem humana e as línguas ao longo do tempo, quanto ao texto narrativo resultante de uma interpretação dada pelo historiógrafo da linguística sobre o percurso da história que lhe serviu de objeto de investigação. Por essa razão, cabe ao historiógrafo (re)visitar a história e, por meio de uma análise crítica, teórico-metodologicamente orientada, elaborar uma narrativa interpretativa das formas de conhecimento linguístico produzidas no passado. Nas palavras de Altman (2021a, p. 237), "HL não é a história, mas sim, uma interpretação da história".

Já o termo «linguística» deve ser entendido, como explica Batista (2020), de modo anacrônico, uma vez que a HL focaliza tanto o conhecimento científico institucionalizado a partir do século XIX sob o rótulo "linguística" quanto as especulações, os ensaios, as hipóteses, as práticas e os mitos formulados sobre a linguagem em recortes temporais anteriores ao referido século. Nas palavras desse pesquisador, é necessário, pois, considerar "uma linguística *stricto sensu* (como a ciência dos séculos XIX, XX e XXI) e uma linguística *lato sensu* (toda reflexão/descrição/explicação, em qualquer domínio intelectual, que tenha por objeto a linguagem e as línguas)" (Batista, 2020, p. 21).

[11] Uma revisão desses estudos foi publicada em Batista (2019).

1.3 Historiografia da Linguística: epistemologia e objeto de investigação

A principal linha de ação da pesquisa em HL é a reconstrução sistemática, analítica e interpretativa da produção e do desenvolvimento de conhecimentos sobre a linguagem e as línguas no fluxo do tempo. Para Swiggers (2004), tais conhecimentos abarcam pressuposições, asserções, doutrinas, opiniões, teorias, técnicas, modelos descritivos etc. sobre a linguagem e sobre a(s) língua(s). Nessa perspectiva, o que interessa ao historiógrafo é

> […] o questionamento das ideias motrizes dos diferentes paradigmas científico-linguísticos e das tradições, que mostram, na sua sucessão ou coexistência, continuidades e descontinuidades, ideias que emergem e ficam ocultas, semelhanças e dessemelhanças com os nossos problemas atuais e relações evidentes com o cenário histórico-ideológico que as enquadra (Esparza, 1997, p. 69, tradução nossa)[12].

O fazer historiográfico fundamenta-se nos princípios e pressupostos teórico-metodológicos defendidos nas investigações em meta-historiografia, isto é, "a teorização sobre a relação entre o historiógrafo, seu objeto e sua própria atividade historiográfica" (Swiggers, 2004, p. 116, tradução nossa)[13].

De acordo com Swiggers (2004), a meta-historiografia abrange: a) uma *tarefa construtiva*, relacionada à elaboração de modelos teóricos que subsidiam o trabalho investigativo do historiógrafo, nele implicados o tratamento dado ao objeto de análise, a construção da metalinguagem historiográfica e a própria atividade historiográfica; b) uma *tarefa crítica*, relacionada à análise avaliativa de outros discursos linguístico-historiográficos; c) uma *tarefa metateórica*, relacionada à reflexão dos problemas que envolvem a organização epistemológica do próprio campo de investigação. Desse modo, cabe ao historiógrafo construir narrativas interpretativas sobre o passado, e ao meta-historiógrafo, construir referenciais teóricos e metodológicos sobre o fazer do historiógrafo.

---

[12] "[…] la indagación en las ideas motrices de los distintos paradigmas científico-lingüísticos y en las tradiciones, que muestran, en su sucesión o convivencia, continuidades y descontinuidades, ideas que afloran y se ocultan, semejanzas y desemejanzas con nuestros problemas actuales y relaciones evidentes con el escenario histórico-ideológico que las enmarca" (Esparza, 1997, p. 69).

[13] "La metahistoriografia se puede definir en términos generales como la teorización sobre la relación entre el historiógrafo, su objeto y la própria actividad historiográfica" (Swiggers, 2004, p. 116-117).

Lembra Simone (1975) que a HL não deve ser restrita aos pesquisadores que naturalmente se interessam pelos estudos históricos/historiográficos; pelo contrário, deve fazer parte da formação integral de todo e qualquer profissional/pesquisador das ciências da linguagem (Batista, 2020; Altman, 2021b). Isso porque o mapeamento das ideias linguísticas que motivaram o estabelecimento de determinados conceitos e teorias contribui para dar maior tangibilidade ao que se produz sob a forma de conhecimento científico. Nas palavras de Simone (1975, p. 370, tradução nossa), "dispondo de uma tipologia bem articulada do que a linguística fez ou deixou de fazer em resposta a determinada série de evidências, será mais fácil para o linguista escolher seus próprios procedimentos"[14].

Koerner (2020b [2007]) distingue quatro modos possíveis de escrever a história da linguística. O primeiro tipo é uma espécie de história de compêndios, cujo propósito é apresentar, numa visão cumulativa, a recapitulação do que se avalia como avanços de uma escola, corrente ou época. O segundo tipo, denominado «propagandístico», tem o propósito de enaltecer a suposta superioridade de uma nova ideia, de modo a denunciar as fragilidades, a insuficiência e/ou a inadequação de uma abordagem teórica anterior à apresentada como ideal; nesse caso, pretende-se estabelecer uma ruptura com o passado. O terceiro tipo é o de histórias isoladas, nas quais são reconhecidas e valorizadas determinadas ideias subjacentes a uma tradição linguística. Por fim, o quarto tipo é o que o teórico considera ser, de fato, a Historiografia da Linguística: um modo apartidário de fazer história, no sentido de não se ocupar da defesa de um paradigma científico específico ou do reconhecimento de uma suposta revolução no interior de uma área do saber.

De acordo com Koerner (2020b [2007]), a HL avaliada como a mais adequada para a contemporaneidade é aquela direcionada à compreensão do modo como se chegou a determinadas ideias, em contraposição à vertente limitada a catalogar quem, quando e onde essas ideias foram produzidas — ainda que tais dados sejam inerentes à pesquisa historiográfica. Por meio dessa visão, evita-se, em HL, a construção de narrativas de exaltação a determinados nomes, posicionamentos teóricos ou correntes linguísticas em detrimento de um de seus objetivos: justificar por que

[14] "[…] en disposant d'une typologie bien articulée de ce que la linguistique a fait ou respectivement n'a pas fait en réponse à un certain ordre d'évidences, il sera plus aisé, pour le linguiste, de choisir ses propres procédés" (Simone, 1975, p. 370).

determinadas escolhas (de autoria, teoria ou corrente linguística) tiveram e/ou têm o devido destaque na história das ciências da linguagem (Simone, 1975, p. 371).

Nessa perspectiva, as principais contribuições da HL estão relacionadas a uma tomada de consciência das razões que levaram determinadas ideias linguísticas a serem formuladas, perpetuadas ou abandonadas. Não cabe à HL propor estudos descritivos das línguas, mas investigar o conhecimento construído sobre a linguagem. O objeto de investigação, portanto, é o conhecimento linguístico; ao contrário, conforme referendado por Altman (2009, p. 129): "[…] seu objeto (do ponto de vista intencional) não é a linguagem, mas sim as formas de conhecimento que foram construídas sobre a linguagem, no eixo da história". Por essa razão, o adjetivo "linguística" se estende a qualquer reflexão elaborada sobre a linguagem em diferentes momentos da história.

Na conclusão de um artigo sobre o que os historiógrafos poderiam fazer de melhor nas próximas décadas, a metáfora koerneriana é a de que a HL é uma disciplina essencial para a "saúde intelectual da Linguística"[15] (Koerner, 2020a [2005], p. 46, tradução nossa). Assim entendida, e em consonância com o referencial bibliográfico que guiou a elaboração da presente tese, a HL deve, dentre vários fatores, contribuir para:

a) a atualização biobibliográfica de autores e obras que, por alguma razão, são desconhecidos, ou são conhecidos, mas não foram estudados, ou ainda foram ocultados;

b) o estudo de tradições linguísticas pouco exploradas na literatura, como as reflexões sobre a linguagem construídas fora do circuito ocidental/europeu;

c) a desmitificação de determinados autores heroicizados por um possível ineditismo, originalidade, pioneirismo ou inovação, muitas vezes contestáveis e até mesmo anulados;

d) a familiarização com os conceitos, métodos, técnicas e outras práticas científicas comuns a determinada área de estudo;

[15] "[History of Linguistics is] a subject I believe to be important for the intellectual health of Linguistics" (Koerner, 2020a [2005], p. 46). [Historiografia da Linguística é] uma disciplina que considero ser importante para a saúde intelectual da Linguística (tradução nossa).

e) a retomada de questionamentos levantados no passado e que ainda não foram respondidos ou foram respondidos parcialmente;

f) a compreensão das razões que levaram a linguística a ser praticada de determinado modo em uma dada época e/ou em determinado espaço geográfico;

g) a reflexão sobre as causas da reconstrução maciça de princípios e fundamentos teórico-metodológicos ao longo de todo o século XX, bem como as motivações que deram origem a diferentes escolas/correntes linguísticas e a dezenas de disciplinas e subdisciplinas para descrever e explicar fenômenos linguísticos;

h) a compreensão das razões de determinadas fontes documentais (artigos programáticos, livros, teses) serem referenciadas e/ou avaliadas com mais relevância em detrimento de outras, nos diferentes momentos da história;

i) a tomada de consciência, por parte do investigador, de seu lugar social na área de investigação, bem como do lugar da área de investigação no universo da ciência ou da sociedade.

Diante desses propósitos, cabe ao historiógrafo selecionar as fontes por meio das quais construirá sua narrativa interpretativa. Vale ressaltar que elas são variáveis, mas geralmente estão relacionadas ao estudo de gramáticas, dicionários, artigos, correspondências, manuscritos, materiais para fins didáticos etc. O produto da HL são narrativas historiográficas descritivo-interpretativas sobre como o conhecimento linguístico foi formulado, recebido, difundido, preservado, didatizado, reformulado, apagado, ocultado, continuado ou descontinuado ao longo do tempo (Altman, 2003 [1998], Koerner, 2020b [2007]; Batista, 2019; 2020).

Para tanto, o trabalho de reconstrução histórica demanda do historiógrafo procedimentos metodológicos, teoricamente fundamentados. Eles estão relacionados à observação, descrição, análise e interpretação do objeto de estudo: as fontes historiográficas por meio das quais os vestígios do passado são acessados e (re)interpretados (Batista, 2020).

1.4 Método da pesquisa historiográfica: parâmetros, princípios e fases

Asencio, Montoro del Arco e Swiggers (2014) alertam que as tarefas da HL são muito amplas e flexíveis, em decorrência da diversidade de temas, épocas e fontes documentais com que opera. Desse modo, o investigador deve selecionar ou elaborar o programa de investigação mais pertinente ao propósito de sua análise interpretativa dos conhecimentos linguístico-historiográficos produzidos no fluxo do tempo[16]. Por conseguinte, as diretrizes metodológicas para a realização de uma pesquisa historiográfica não são unívocas (Koerner, 2014d [1995]), podendo variar de acordo com os objetivos planificados pelo pesquisador e/ou com o objeto que lhe serve de fonte de observação, descrição, análise e interpretação. Contudo, na HL praticada no Brasil, tem-se recorrido a alguns procedimentos metodológicos avaliados como satisfatórios para o tratamento dos documentos históricos e a consequente construção de narrativas historiográficas problematizadoras. Logo, os procedimentos mais correntes na literatura historiográfica nacional têm sido guiados por diretrizes globais subdivididas em parâmetros, princípios e fases.

1.4.1 Parâmetros da análise historiográfica

Sob o ponto de vista operacional, a pesquisa historiográfica se guia em torno de dois parâmetros metodológicos: os externos e o internos.

1.4.1.1 Parâmetros externos

No que diz respeito aos parâmetros externos, as fontes historiográficas são apreendidas como produtos decorrentes de fatores sociais, intelectuais, culturais, políticos, ideológicos etc., inscritos em determinado tempo e espaço. Assim, há de se considerar as condições situacionais em torno das quais o conhecimento linguístico investigado foi produzido. A hipótese historiográfica é a de que os parâmetros externos ajudam a compreender por que dado saber foi desenvolvido e/ou apresentado de determinados modos, e não de outros.

---

[16] A esse respeito, afirmam os autores: “no se puede (ni tampoco se debe) ‘estandardizar’ la investigación historiográfica, o: *varietas delectat et docet*.” (Asencio; Montoro del Arco; Swiggers, 2014, p. 268).

A dimensão externa ainda permite compreender que o conhecimento linguístico produzido no passado é influenciado direta ou indiretamente pela atmosfera intelectual e social em circulação num contexto particular de produção, isto é, pelo «clima de opinião» (Koerner, 2014d [1995]) inerente a seu tempo.

Por meio dos parâmetros externos, também são analisadas e interpretadas as ações exercidas por lideranças organizacionais e/ou intelectuais responsáveis pela formação de «grupos de especialidade teórica» (Murray, 1998 [1994]). Segundo Murray (1998 [1994]), os grupos são formados por «líderes organizacionais», responsáveis pela formação do quadro de estudantes e do recrutamento de pesquisadores mais experientes que devem ser convencidos por esses líderes de que algo novo deve ser feito ou pesquisado. São eles que viabilizam tempo, bolsas, financiamentos, organização de eventos, publicações e outros incentivos para a execução de uma pesquisa. Os grupos também comportam «líderes intelectuais», isto é, cientistas experientes em determinada área, responsáveis por estabelecer o quadro de trabalho do grupo que eles organizam em torno de si, por meio da criação de programas de investigação, de trabalhos, publicações e outros produtos científicos que podem ser tomados como exemplares.

1.4.1.2 Parâmetros internos

No que diz respeito aos parâmetros internos, é tarefa do historiógrafo resgatar as ideias linguísticas e traçar sua manutenção, evolução, abandono ou transformação, tendo como objeto primário de seu trabalho o conteúdo imanente dos textos selecionados como fontes documentais: "[…] o objetivo da historiografia da linguística é *compreender* — e fazer compreender — a variedade *e* a especificidade das teorias (ou esboços de teorias) sobre a linguagem e sobre as línguas, e isso **a partir dos textos**" (Swiggers, 1984, p. 16, itálicos do autor, tradução e grifo nossos[17]). O texto — publicado ou não, impresso ou digital, escrito ou oral — é o "reflexo (ou depósito) material" da história da linguística (Swiggers, 2013).

[17] "[…] le but de l'historiographie de la linguistique est de *comprendre* — et de faire comprendre — la variété *et* la spécificité des théories (ou des ébauches de théorie) concernant le langage et les langues, et cela à partir des textes" (Swiggers, 1984, p. 16).

Desse modo, cabe ao investigador reconstruir os discursos elaborados por um autor (ou grupo de autores) ou por uma escola linguística, bem como a formulação de conceitos e práticas construídos, divulgados ou negados dentro de uma corrente teórica. O conteúdo imanente do discurso analisado, portanto, deve guiar o historiógrafo no levantamento de conceitos, termos, temas de preferência, métodos e técnicas selecionados pelos agentes produtores/receptores de ideias linguísticas. Assentam-se, na análise de parâmetros internos, dados sobre "**o que** os documentos históricos dizem, **como** dizem, **por que** o dizem" (Batista, 2023, p. 23, grifos nossos)

Destaca-se, no entanto, uma retroalimentação entre os parâmetros externos e internos da investigação historiográfica: "[…] interno e externo estão intimamente relacionados, e, ainda que se possa privilegiar uma visão ou outra em determinado recorte de trabalho, subentende-se que uma visão pode implicar a outra" (Batista, 2013, p. 63). Altman (2023) compartilha dessa mesma visão de pesquisa:

> […] os dados que compõem as análises interna e externa das fontes primárias examinadas devem ser correlacionados, ainda que não sejam coextensivos. É a partir da conexão que estabelece entre esses dois planos que o historiógrafo fornece, em sua narrativa, uma explicação coesa e convincente de como evoluiu o conhecimento linguístico, cientificamente produzido (ou não), através do tempo (Altman, 2023, s.p.).

Em HL, tanto os parâmetros externos quanto os internos precisam ser regidos por alguns princípios rigorosos, de modo a evitar a elaboração de "crônicas narrativas" (Koerner, 2020b [2007]) sobre o passado. É sobre os princípios koernerianos da análise historiográfica que se expande a subseção a seguir.

1.4.2 Princípios da análise historiográfica

Koerner (2014d [1995]) destaca que a cientificidade do trabalho historiográfico deve ser assegurada por meio de três princípios metodológicos complementares para a interpretação do passado em relação ao próprio passado numa confluência do passado em relação ao olhar científico do tempo presente. São eles: o da contextualização histórica e intelectual, o da imanência e o da adequação teórica.

1.4.2.1 Princípio da contextualização histórica e intelectual

O princípio da «contextualização histórica e intelectual» (Koerner, 2014c [1993]; 2014d [1995]) pressupõe a compreensão do «clima de opinião» no contexto sociocultural em que o documento histórico a ser analisado foi produzido. Nessa perspectiva, as concepções socioeconômicas, políticas, culturais, linguísticas, filosóficas, educacionais, entre outras possíveis manifestações de pensamento em circulação no tempo em que determinado documento foi elaborado permitem ao historiógrafo identificar as influências explícitas e implícitas decorrentes do contexto intelectual em que a fonte documental se inscreve.

Entende Koerner (2014c [1993]; 2014d [1995]) que a recepção e a produção de ideias linguísticas não surgem *ex nihilo*. Pelo contrário, a formulação, o desenvolvimento e a fixação de determinados procedimentos descritivos estão condicionados ao pensamento intelectual de seu tempo[18].

A esse respeito, afirma Bastos (2020, p. 108): "o saber científico, sendo uma construção coletiva, não permite registrar observações a respeito do mundo sem atribuir-lhes significados que são, em sua maioria, compartilhados socialmente".

Ao que acrescenta mais adiante:

> Todo cientista está submisso ao paradigma de sua comunidade que permanece inserida no ambiente social que a cerca. Todo sujeito elabora seus discursos dentro de uma perspectiva sociológica que o impele a realizar estudos na dimensão institucional da atividade científica, relacionados à sociedade, à política, à cultura, à ideologia, atrelam-se, assim, o conhecimento científico e as funções políticas e sociais (Bastos, 2020, p. 108-109).

Considera-se, ainda, que o princípio da contextualização, segundo Batista (2013; 2020), é o responsável por materializar a "vocação interdisciplinar que define a Historiografia da Linguística como uma observação analítica sobre eventos dos estudos da linguagem situados historicamente". Por essa razão, o historiógrafo deve se valer de conhecimentos interdisciplinares na reconstrução do clima de opinião em que se situa determinado autor e obra.

Diante das considerações anteriores, infere-se que os diferentes modos de ser, pensar e proceder dentro de uma esfera social em dado tempo e espaço históricos

[18] "As ideias linguísticas nunca se desenvolvem independentemente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram" (Koerner, 2014b [1993], p. 88).

dão tangibilidade ao modo como uma comunidade de especialistas percebe e apreende os fatos e objetos colocados à prova de uma investigação científica. Nesse sentido, muitos dos posicionamentos teórico-metodológicos que caracterizam o fazer científico na área das Ciências da Linguagem vão sendo reconfigurados em função do clima de opinião vigente em cada momento histórico.

Assim delineado, o princípio da contextualização histórica e intelectual deve permitir ao pesquisador a recuperação da historicidade inerente à construção de um pensamento linguístico sem suprimir, da análise, a dinâmica sociocultural em que se inscreve toda e qualquer reflexão sobre as línguas ou sobre a linguagem humana.

1.4.2.2 Princípio da imanência

O princípio da «imanência» pressupõe a compreensão profunda das fontes documentais em análise dentro do seu próprio quadro teórico. Nessa perspectiva, é fundamental que o historiógrafo assuma uma postura de neutralização em relação aos termos empregados no documento, bem como às suas concepções teórico-metodológicas, sendo fiel às ideias defendidas em seu tempo de produção.

É necessário refazer a trajetória do sujeito-produtor do documento, de modo que se entenda por que, em seu tempo, foi elaborado daquele modo, com aquelas concepções e escolhas terminológicas. Trata-se de um processo de “restauro” do texto-fonte, em consonância com as concepções vigentes à época na qual foi concebido. Por essa razão, o princípio da contextualização, descrito na subseção anterior, contribui para a análise imanente das fontes documentais.

> Entre o passado e o presente há diferenças substanciais que não podem ser confundidas pelo pesquisador em HL. É preciso não descuidar dos dados e concepções do passado e tentar validá-los no interior do documento. Assim sendo, faz-se necessário um entendimento claro das diferenças que separam o presente do passado, pois a maneira como o historiógrafo da língua operacionaliza a metalinguagem, determina o sucesso ou o fracasso da pesquisa (Nascimento, 2005, p. 22).

Depois de analisar as fontes documentais na sua imanência — sem estabelecer qualquer tipo de aproximação teórica, terminológica ou metalinguística com as concepções lançadas pelos agentes de produção e recepção de ideias linguísticas,

no seu tempo histórico e em seus textos —, o historiógrafo pode recorrer a mais um princípio da HL, dessa vez, propondo-se a realizar uma crítica interpretativa do passado em relação ao tempo presente. Trata-se do princípio da adequação teórica, descrito a seguir.

1.4.2.3 Princípio da adequação teórica

O princípio da «adequação teórica» pressupõe a intervenção do historiógrafo sobre a fonte documental possibilitando sua reinterpretação e atualização à luz de teorias, métodos, terminologias e conceitos vigentes na atualidade. Esse é o momento de aproximação do tempo passado ao tempo presente, de modo a tornar o documento acessível aos estudiosos da contemporaneidade. Nas palavras de Koerner (2014d [1995], p. 60), é nessa fase do processo analítico-interpretativo que o historiógrafo pode elaborar "aproximações modernas do vocabulário técnico e um quadro conceptual de trabalho que permita a apreciação de um determinado conceito ou teoria".

Concomitantemente, a adequação teórica é momento da pesquisa historiográfica no qual se problematiza o passado com o olhar do presente, tal como se reinterpreta aquilo que se afirma no presente por meio de questões problematizadas no passado. Por meio desse diálogo entre passado↔presente, o historiógrafo toma consciência das possíveis continuidades e descontinuidades, com vistas a compreender por que determinadas ideias foram formuladas, divulgadas, perpetuadas e/ou abandonadas. Do mesmo modo, é nesse processo de adequação teórica que o pesquisador tem dados suficientes para entender por que a configuração do fazer linguístico do tempo presente se materializa de determinada forma, e não de outra(s).

1.4.3 Fases da análise historiográfica

As fases da pesquisa historiográfica estão relacionadas à organização da investigação e à prática em si da análise documental. Swiggers (2013) propõe uma subdivisão trifásica da pesquisa historiográfica:

a) a fase heurística, na qual o historiógrafo se ocupa da busca, seleção e hierarquização dos documentos que servirão fonte primária e secundária para

o estudo de um tema. Nessa etapa, também devem ser determinados os marcos temporais, isto é, a periodização da pesquisa, e a inscrição dos documentos em dado contexto histórico-cultural para a reconstrução do clima de opinião.

b) a fase hermenêutica, na qual o historiógrafo estabelece os critérios mais adequados para a análise interpretativa de seu objeto de investigação.

c) a fase executiva, na qual o historiógrafo determina o formato de exposição de sua análise — geralmente uma narrativa historiográfica — e faz a demonstração dos resultados de seu estudo.

Estabelecida a concepção de HL com a qual irá se operar na presente investigação e descritos os parâmetros e princípios que orientam a pesquisa historiográfica, apresentam-se, na sequência, os procedimentos metodológicos adotados para a execução da presente tese.

1.5 Procedimentos metodológicos da tese: seleção e descrição do *corpus*

Como descrito nas subseções anteriores, os procedimentos metodológicos adotados para a realização de uma investigação historiográfica podem variar em função dos objetivos da pesquisa e do *corpus* selecionado para compor a análise. A esse respeito, alerta Koerner (2014a [1994]) que a historiografia contemporânea deve ser compreendida como uma atividade consciente[19],seja na perspectiva de seus princípios epistemológicos, seja dos percursos metodológicos selecionados para orientar a interpretação narrativa de fatos históricos.

Nesse sentido, dois parâmetros complementares à interpretação dos conhecimentos sobre as línguas e sobre a linguagem humana têm sido amplamente adotados, ao menos nas investigações realizadas na HL brasileira: os parâmetros externos e os parâmetros internos de pesquisa, conforme apontado em 1.4.1. Em consonância com a afirmação de Batista (2013, p. 75), uma investigação:

> […] deve procurar, na medida do possível, correlacionar aspectos externos relacionados às obras com seus aspectos internos, com

[19] "Atualmente, a 'historiografia linguística' deve ser entendida como uma atividade consciente metodológica e epistemologicamente da escrita da história" (Koerner, 2014a [1994], p. 17).

> maior ênfase a um ou outro desses aspectos para a elucidação de determinado problema em destaque.

Desse modo, o que se apresenta, neste momento, é uma descrição da base documental primária, formada por publicações acadêmicas produzidas na área da Lexicologia, principalmente dissertações e teses. Parte-se do princípio de que a produção acadêmica resultante de investigações desenvolvidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* visa à legitimação de saberes que, inseridos em uma dada área do conhecimento, foram problematizados, revisados, reinterpretados, ampliados e apresentados à comunidade científica com um novo olhar interpretativo sobre os fatos analisados em suas pesquisas. Nessa perspectiva, as dissertações e teses selecionadas para dar sustentação à presente historiografia devem evidenciar os percursos epistemológicos e metodológicos escolhidos por seus autores no estabelecimento de continuidades ou descontinuidades de ideias linguísticas lexicológicas no cenário brasileiro nas décadas finais do século XX.

1.5.1 Procedimentos empregados na coleta dos dados

Apresentam-se, a seguir, os critérios que justificaram a delimitação do recorte temporal necessário à reconstrução dos fatos, isto é, a periodização historiográfica. Na sequência, descrevem-se os procedimentos adotados no levantamento e na escolha das fontes de onde foram extraídos os documentos primários da pesquisa historiográfica.

1.5.1.1 Critério para escolha da periodização

De acordo com o levantamento de dados a serem apresentados no capítulo 2, a Lexicologia, concebida como uma disciplina que se ocupa especificamente da descrição lexical, inicia-se no século XVIII, sendo reinterpretada dois séculos depois na França, mais especificamente, nos anos 1940. Dessa vez, ela se inscreve como uma disciplina acadêmica que trata da observação, análise e descrição do léxico das línguas numa perspectiva sincrônica, sistematizada a partir dos princípios e pressupostos que passaram a orientar a visão científica da linguística estrutural, em voga sobretudo na primeira metade do século XX.

No Brasil, é apenas no fim dos anos 1960 que um grupo de especialidade linguística passa a adotar o termo «Lexicologia» como uma nova área da ciência linguística e como uma disciplina acadêmica com teoria e métodos próprios para o tratamento das unidades lexicais de uma língua no seu uso efetivo. É, portanto, na década de 60 do século XX, que esse modelo de Lexicologia, adjetivada como "moderna", inicia seu processo de institucionalização nas universidades brasileiras. Por esse motivo, o critério de periodização selecionado para o presente estudo tem, como marco simbólico inicial, os anos 1960 e, como marco final, os anos 2000, de modo a favorecer a construção de uma narrativa historiográfica que contemple a análise do processo de institucionalização da moderna Lexicologia brasileira na segunda metade do século XX.

O marco temporal inicial para a investigação dos estudos lexicológicos no Brasil vai ao encontro da proposta de periodização da produção linguística brasileira apresentada por Altman (2003 [1998]), para quem a autonomia da disciplina linguística em relação aos estudos em filológicos, dialetológicos e gramaticais, até então predominantes, instaura-se apenas a partir do ano 1968. No entanto, a historiógrafa alerta sobre a necessidade de relativizar essa data, na medida em que 1968 é apenas "uma data representativa do momento em que um grupo de profissionais ligados ao estudo da linguagem *percebeu-se* como pertencente à especialidade designada 'Linguística'" (Altman, 2003 [1998], p. 47, grifo da autora). Já o marco temporal final estabelecido para a análise dos dados a serem estudados contempla fontes históricas publicadas até meados dos anos 2000, quando se encerra o século XX.

Ainda que esse recorte sincrônico possa soar aleatório, justifica-se a escolha por dois motivos essenciais: o primeiro deles responde a um interesse investigativo de compreender quais foram, de fato, os eventos históricos que contribuíram para introduzir, propagar e sedimentar, no século XX, o que se passou a chamar de "Lexicologia moderna" ou "Lexicologia científica"; o segundo argumento diz respeito à necessidade de certo distanciamento temporal (cf. Koerner, 2014b [2004])[20] para uma interpretação relativamente imparcial da história.

Embora já se aceitem, na bibliografia estudada, recortes cronológicos que privilegiem a construção de narrativas históricas do tempo presente (cf. Hanna;

[20] "Idealmente, o historiador deveria estar a uma certa distância do seu objeto de estudo, no sentido de que não deveria ter nenhum interesse pessoal no resultado da sua investigação, mas ser guiado por um desejo de esclarecer" (Koerner, 2014b [2004]. p. 177).

Bastos, 2012), entende-se que adentrar o século XXI poderia incorrer na elaboração de uma crônica historiográfica (Koerner, 2020b [2007]). Isso porque o autor-pesquisador proponente desta tese já se insere, no século XXI, como um dos participantes da pesquisa lexicológica, tendo contato muito particular com as produções acadêmicas da história recente e seus respectivos agentes[21].

1.5.1.2 Critério para levantamento dos dados

Para o mapeamento da produção lexicológica brasileira, recorreu-se a uma busca eletrônica na Plataforma Lattes, sistema de currículos acadêmicos mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)[22]. O recurso foi criado nos anos 1990 com o propósito de organizar uma extensa base de informações pregressas e recentes de pesquisadores, docentes e discentes atuantes em todo o território brasileiro. Um dos recursos é o Sistema de Currículos Lattes, disponível para consulta pública desde agosto de 1999, de modo a permitir o acesso a cerca de 8 milhões de currículos cadastrados atualmente[23].

Em razão da abrangência de informações, entende-se que a análise dos currículos inseridos na base em questão contribui para o inventário mais preciso das publicações, comunicações orais, disciplinas ministradas e outras atividades acadêmico-científicas desenvolvidas em torno dos estudos lexicológicos. Ressalvadas as ausências de dados e/ou erros de informações que podem ocorrer no processo de preenchimento dos itens dessa plataforma[24] por parte dos estudantes e pesquisadores cadastrados, passa-se a descrever os critérios metodológicos que orientaram o inventário de dados lexicológicos inscritos no Sistema de Currículos Lattes.

---

[21] É também por essa razão que se preteriu a realização de entrevistas pessoais com lexicólogos(as) que vivenciaram e/ou tiveram contato direto com a história factual em detrimento da análise de fontes documentais escritas já publicadas.

[22] Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/. Acesso em: 02 jul. 2019.

[23] De acordo com informe publicado no *site* do CNPq, o acervo contém, precisamente, 7.982.207 milhões de currículos cadastrados na atualização divulgada em 11 de maio de 2023. Disponível em: https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/plataforma-lattes. Acesso em: 30 jul. 2023.

[24] Alguns dos motivos que podem justificar inconsistências nos dados são: a ausência de algum tipo de registro por parte do(a) pesquisador(a); a imprecisão ou o erro em datas e dados editorais; a descontinuidade na inserção dos dados por desligamento institucional, aposentadoria ou falecimento; a falta de familiaridade com a plataforma ou mesmo de habilidade no uso de recursos tecnológicos. Há de se ponderar ainda a inexistência do cadastro de alguns pesquisadores, sobretudo daqueles que faleceram antes da construção do sistema.

Inicialmente, recorreu-se ao sistema de busca da referida plataforma (Fig. 1), demarcando-se os campos de pesquisa que permitissem acesso ao currículo de pesquisadores, docentes e discentes de todos os níveis de formação superior[25] (graduandos ou graduados, pós-graduandos ou pós-graduados), de qualquer nacionalidade. Delimitou-se a busca por assunto, considerando-se todas as unidades lexicais que contivessem, em sua base de formação, o morfema «LEXICOL». A partir dessa sintaxe de busca, foram selecionados os currículos que explicitassem termos como «lexicologia», «lexicológico», «lexicólogo» entre outros cognatos, neles pressupostos os grafados em outras línguas, como «lexicology» (inglês), «lexicologie» (francês), «lexicología» (espanhol). Também foram procurados currículos que contivessem bases lexicais formadas pelos morfemas «LEXIKOL» e «LESSICOL» para identificação de cadastros escritos, respectivamente, em alemão ou italiano.

Figura 1: Plataforma Lattes – sistema de busca de currículos eletrônicos

Fonte: Currículo Lattes, 2019[26]

O levantamento foi realizado em duas etapas: na primeira delas, efetivada em julho de 2019, foram identificados e selecionados 1009 currículos acadêmicos. Na segunda, realizada em janeiro de 2023, com o propósito revisar e atualizar algumas informações, foram incluídos 160 novos documentos, totalizando, desse modo, 1169 currículos acadêmicos. Eles foram examinados individualmente em sua versão expandida, de modo que todas as informações complementares fossem exibidas ao pesquisador. Na sequência, foram analisados, exaustivamente, todos os currículos que exibissem algum tipo de informação sobre artigos, resumos, trabalhos de conclusão de curso (TCCs), iniciação científica (IC), monografias, dissertações, teses,

[25] A base de dados ainda comporta currículos de alunos do Ensino Básico e/ou técnico.
[26] Disponível em: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar. Acesso em: 10 jul. 2019.

relatórios de pesquisa, comunicações orais, eventos acadêmicos, seminários, disciplinas e outras atividades científicas configuradas explicitamente como um trabalho em Lexicologia (Fig. 2). Esses dados poderiam estar registrados nos títulos de trabalhos, nas palavras-chave, nos comentários ou nas referências complementares.

Figura 2: Plataforma Lattes – exemplo de um resultado de pesquisa

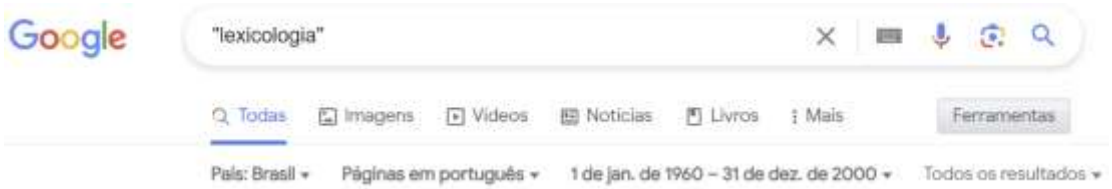
Fonte: Currículo Lattes, 2019[27]

Como critérios de exclusão, foram desconsiderados todos os informes que sucedessem o ano 2000, a fim de respeitar a periodização estabelecida para a realização do estudo. Do mesmo modo, foram excluídos os trabalhos publicados no exterior, uma vez que o propósito desta investigação é estudar a produção realizada no Brasil e em circulação no território nacional. Com isso, chegou-se ao número de 223 currículos.

Visando a mapear publicações que não estivessem cadastradas no currículo Lattes, complementou-se a busca em outros três repertórios digitais: a) o Catálogo de Teses e Dissertações[28], mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); b) o catálogo das principais bibliotecas universitárias brasileiras, identificadas a partir dos levantamentos realizados nas plataformas indicadas anteriormente; e c) o serviço eletrônico Google Busca[29]. Neste último caso, delimitou-se o levantamento de informações explorando-se alguns recursos de filtros disponíveis na ferramenta: foram consideradas apenas as páginas publicadas no Brasil, em português, num período circunscrito aos dados produzidos entre os dias 1º de janeiro de 1960 e 31 de dezembro de 2000, conforme ilustrado na Fig. 3:

[27] Disponível em: http://lattes.cnpq.br/3880203141904322. Acesso em: 10 jul. 2019.
[28] Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. Acesso em: 10 jul. 2019.
[29] Disponível em: https://www.google.com.br/. Acesso em: 10 jul. 2019.

Figura 3: Critérios de pesquisa na ferramenta digital Google



Fonte: Google Busca, 2019[30]

Aplicados os critérios metodológicos indicados anteriormente, chegou-se ao número final de 263 currículos/nomes de pesquisadores, cujos dados passaram a ser catalogados no editor de planilhas eletrônicas Microsoft Excel. Nesse *software*, foram criados campos de pesquisa que permitissem classificar os(as) pesquisadores(as) pelas seguintes categorias: número de identificação (ID), nome próprio, *link* do Lattes (quando existente), formação, filiação acadêmica, localização da universidade de sua última formação (Fig. 4).

Figura 4: Catálogo de pesquisadores por ordenação alfabética

	Lexicologia Brasileira (dados até ano 2000)				
	Pesquisa original:	9 jul. 2019			
	Revisão dos dados:	27 jan. 2023			
	Nome do(a) pesquisador(a)	**Acesso ao Lattes**	**Formação**	**Filiação Acadêmica**	**Região**
1088	Abdelhak Razky	http://lattes.cnpq.br/8153913927369006	Doutor	Université de Toulouse Le	França
590	Aderlande Pereira Ferraz	http://lattes.cnpq.br/8686710255738565	Doutor	Unesp-Araraquara	SP
231	Adevaldo Pereira de Aragão	http://lattes.cnpq.br/1941898272112041	Mestrando	UFBA	BA
634	Adriana Zavaglia	http://lattes.cnpq.br/0226165254011502	Doutoranda	Unesp-Araraquara	SP
469	Airto Ceolin Montagner	http://lattes.cnpq.br/5765018886299874	Doutorando	UFRJ	RJ
415	Alcebiades Fernandes Júnior	http://lattes.cnpq.br/3936957492100473	Doutor	USP	SP
792	Alderna Menine Trindade	http://lattes.cnpq.br/2191640227087221	Mestre	PUC-RS	RS
223	Aldo Luiz Bizzocchi	http://lattes.cnpq.br/5008533319059621	Doutor	USP	SP
224	Afeu Garcia Júnior	http://lattes.cnpq.br/1631285222916706	Doutorando	Unesp	SP
780	Alfredina Rosa Oliveira do Vale	http://lattes.cnpq.br/1208902239760519	Mestre	UEPB	PB
210	Alice Maria Teixeira de Saboia	http://lattes.cnpq.br/7658130209982563	Doutora	USP	SP
248	Alice Therezinha Campos Moreira	http://lattes.cnpq.br/1826967336480066	Doutora	PUC-RS	RS
32	Ana Maria Brandao Cavalcanti	http://lattes.cnpq.br/7309282213200492	Mestre	UnB	DF
37	Ana Maria Pinto Pires de Oliveira	http://lattes.cnpq.br/9037180085236703	Doutora	Unesp-SJRP	SP
165	Ana Patricia Maciel Holanda	http://lattes.cnpq.br/3768218984586106	Mestranda	UECE	CE
891	Ana Paula Rabelo e Silva	http://lattes.cnpq.br/3046031679874169	Mestranda	UFC	CE
614	André Crim Valente	http://lattes.cnpq.br/8488119295144631	Doutor	UFRJ	RJ
641	Angela Kovachich de Oliveira - Reis	http://lattes.cnpq.br/3420872954889036	Mestre	USP	SP
423	Angela Maria Tenorio Zucchi	http://lattes.cnpq.br/1456174230556931	Mestranda	USP	SP
225	Ângela Jungmann Gonçalves	sem lattes	Mestre	UFG	GO
306	Antonieta Lafaoe	http://lattes.cnpq.br/0921586212775606	Doutora	USP	SP
451	Antonio Francisco de Almeida Maciel	http://lattes.cnpq.br/7118251885208380	Doutor	USP	SP
823	Antonio João Silvestre Mottin (Ir. Elvo Clemente)	http://lattes.cnpq.br/5018126331295800	Doutor	PUC-RS	RS
633	Antônio Luciano Pontes	http://lattes.cnpq.br/9023168049202916	Doutor	USP	SP
2	Aparecida Helena Rocha Tinelli	http://lattes.cnpq.br/5505619790755768	Especialista	Unimarco (São Marcos)	SP
520	Aparecida Negri Isquerdo	http://lattes.cnpq.br/7272815954822994	Doutora	Unesp-Araraquara	SP
1157	Aracy Graça Ernst	http://lattes.cnpq.br/0111697525288894	Doutora	PUC-RS	RS

Fonte: Elaboração própria.

[30] Disponível em: https://www.google.com.br/. Acesso em 10 jul. 2019.

A partir desses dados, foi possível estabelecer o perfil nacional dos(as) pesquisadores(as) que realizaram algum tipo de trabalho lexicológico até o fim dos anos 2000[31].

1.5.2 Procedimentos empregados na análise dos dados

Para análise dos itens coletados, foram verificadas informações referentes aos seguintes dados externos: a) respeito à periodização (1960-2000); b) descrição da contextualização histórica e intelectual, de modo a estabelecer o clima de opinião do período investigado; c) dados acadêmicos dos agentes de recepção/produção de ideias linguísticas lexicológicas; d) distribuição geográfica dos agentes de pesquisa; e) liderança intelectual/organizacional e formação de grupos de especialidade. No que diz respeito à fonte documental, foram mapeados: título das obras, autoria, orientação acadêmica, natureza da pesquisa (Mestrado, Doutorado, TCC etc.) e universidade em que a pesquisa foi defendida.

Com relação aos dados internos, respeitou-se o princípio koerneriano da imanência, privilegiando-se, na análise, o programa de investigação explícito ou subjacente nos documentos analisados. Para isso, foram considerados dados referentes: a) à concepção teórica de Lexicologia e de léxico; b) à terminologia adotada; c) aos temas investigados; d) à natureza dos textos (programáticos, descritivos, teóricos); e) à rede de influência.

A relação entre parâmetros externos e internos foi analisada de modo articulado para que se pudesse realizar a interpretação historiográfica necessária para o estabelecimento do princípio da adequação teórica. Com relação aos passos investigativos, foram respeitadas as três fases da pesquisa historiográfica, conforme descrito em 1.4.3.

1.6 Considerações sobre o capítulo

Conforme descrito ao longo deste primeiro capítulo, a HL tem por objetivo a construção de narrativas interpretativas sobre o processo de produção, circulação e recepção do conhecimento sobre a linguagem humana e acerca das línguas ao longo

[31] A descrição e análise desses dados serão apresentados no capítulo 3 desta tese.

do tempo. Interessa-lhe compreender o que os agentes de produção e recepção de ideias linguísticas, inseridos em determinado contexto sócio-histórico, produziram, de que modo formularam reflexões, argumentos, hipóteses e teses linguísticas, e por que o fizeram daquela maneira.

Para o cumprimento desses propósitos, os historiógrafos da linguagem formularam parâmetros e princípios metodológicos de natureza meta-historiográfica a fim de orientar o trabalho de investigação nessa área do conhecimento científico, evitando historiografias restritas a uma exposição cronológica de autores, escolas e correntes linguísticas ou voltadas para o enaltecimento tendencioso de determinado autor, texto ou período. Isso porque o saber científico resulta de continuidades e descontinuidades de teorias, métodos, técnicas e outras práticas que ora se complementam, ora se opõem, num processo recursivo de permanências e rupturas.

De acordo com Coelho e Hackerott (2012, p. 381-382), o conhecimento historiográfico "[…] leva o pesquisador a uma maior consciência sobre o lugar que ele ocupa na área de investigação, assim como a uma melhor compreensão do lugar dessa área no universo da ciência e da sociedade". É nesse sentido que se busca, a partir do trabalho investigativo proposto na presente tese, recorrer ao estudo de fontes documentais para, na sua «contextualização histórica e intelectual», na sua «imanência» e na sua «adequação teórica», desvelar o processo de recepção, desenvolvimento e institucionalização da Lexicologia no Brasil ao longo das quatro décadas finais do século XX.

Considerando-se o fato de que ela não teve sua origem epistemológica no Brasil, avaliou-se a pertinência do resgate de alguns dos eventos históricos que responderam pela criação do termo e do conceito de Lexicologia na tradição linguística europeia, bem como dos argumentos que justificaram a demanda pela institucionalização de uma disciplina acadêmica autônoma, inscrita na abordagem sincrônica da observação e descrição de fatos linguísticos instaurada no século XX. É o que se apresenta no capítulo subsequente.

2 LEXICOLOGIA: GÊNESE DE UMA DISCIPLINA

Retomando a epígrafe selecionada para compor este trabalho: “Uma disciplina alcança a sua maioridade quando contempla seriamente o seu próprio passado” (Koerner, 2014a [1994], p. 10). É por meio dessa afirmação que o linguista polonês Konrad Koerner [1994])[32] justifica a relevância do estudo da história de diferentes tradições linguísticas do passado para os cientistas da linguagem inscritos no tempo presente. De fato, a cronologia mostra que, em diferentes temporalidades históricas, gramáticos, filólogos, linguistas, tradutores, psicanalistas, etnólogos e demais pesquisadores de variadas áreas do conhecimento sempre manifestaram interesse pelos estudos lexicais, de modo que tenha sido possível elaborar, ao longo dos séculos, um conjunto significativo de abordagens científicas e/ou tecnológicas voltadas para a observação, análise, descrição e explicação das unidades lexicais que integraram e integram as línguas ditas naturais.

Esse interesse multidisciplinar por um mesmo objeto foi o fundamento para a institucionalização, no século XX, da Lexicologia científica, apreendida na esfera acadêmica ora como estudo, ora como disciplina, ora como uma ciência que se ocupa do léxico de uma língua (cf. Rey, 1970). Nessa perspectiva, recorre-se, no presente capítulo, aos vestígios documentais do passado para a (re)construção de uma narrativa histórica que justifique a origem, o desenvolvimento e a institucionalização da Lexicologia no cenário europeu. Considera-se esse percurso relevante para compreender alguns fatos que precederam o processo de recepção da Lexicologia no Brasil, bem como da formação do primeiro grupo de especialidade, entre os anos 1970-1980, conforme será possível verificar nas seções subsequentes. Para o cumprimento desse propósito, faz-se um breve comentário sobre as primeiras reflexões na Antiguidade Clássica, focalizando-se, na sequência, dois eventos históricos selecionados para a construção da presente narrativa:

[32] Ainda que seja referenciado em vários trabalhos acadêmicos como alemão, consta em seu obituário que Ernst Frideryk Konrad Koerner (1939-2022) nasceu em Mlewiec, um vilarejo situado na região centro-norte da Polônia. Para uma biografia do autor, sugere-se a leitura de JOSEPH, J. E. The Koernerian Revolution: *In memoriam* E. F. K. Koerner (1939-2022). **Historiographia Linguistica**: International Journal for the History of the Language Sciences, v. 48, n. 2, p. 145-151. Disponível em: https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/hl.00093.obi. Acesso em: 10 jan. 2023.

a) inicialmente, recorre-se ao século XVIII, quando, ao que tudo indica, Nicolas Beauzée (1717-1789) institui o termo «Lexicologia» e estabelece suas principais tarefas;
b) na sequência, descreve-se o momento em que uma liderança intelectual, formada por Algirdas Julien Greimas (1917-1992), Georges Matoré (1908-1998) e Bernard Quemada (1926-2018), passa a reivindicar a criação de uma disciplina acadêmico-científica independente para o tratamento do léxico das línguas com o rigor teórico e metodológico pleiteado nos estudos linguísticos desenvolvidos a partir da primeira metade do século XX;
c) por fim, descrevem-se alguns episódios que sinalizam o desenvolvimento e a institucionalização da Lexicologia europeia entre os anos 1950-1960.

2.1 As primeiras descrições lexicológicas na Antiguidade

O léxico sempre foi objeto de reflexão desde a mais remota antiguidade. Rey (1970), ao apresentar e discutir um vasto conjunto de textos-base que ajudam a compreender a origem da Lexicologia, registra que o primeiro estágio da história da escrita já se caracteriza por uma abordagem lexicológica. Ao menos é para essa ideia que apontam os ideogramas, sinais gráficos representativos de um conceito abstrato, que funcionam como verdadeiros signos-palavras. No entanto, são as interpretações historiográficas que asseguram ter sido a Índia um dos espaços geográficos que respondeu, na Antiguidade Clássica, pelo registro das primeiras reflexões linguísticas voltadas à construção de parâmetros sistemáticos para o tratamento do léxico (Leroy, 1971 [1967]; Lyons, 1979).

Pāṇini (VI a.C.), autor da primeira gramática de que se tem notícia, organizou e estudou detalhadamente as regras léxico-gramaticais do sânscrito, língua sagrada e literária da Índia, pertencente ao grupo indo-europeu. Em sua principal obra, designada *Aṣṭādhyāyī*, Pāṇini realizou, segundo Rey (1970) e Bhartrhari (2014), a análise gramatical pré-moderna mais completa e metódica de seu tempo, ao investigar um extenso grupo de regularidades presentes nos componentes constitutivos de enunciados linguísticos — o que lhe facultou proceder a um estudo das unidades lexicais em suas menores unidades significativas, de modo a distinguir, por exemplo, palavras *simples* de *compostas* e *forma* de *conteúdo*. Esse gramático indiano produziu

um sistemático modelo teórico no que diz respeito ao estudo dos sons e da composição lexical do sânscrito, necessário à compreensão dos textos presentes nos Vedas — antigos hinos religiosos do povo hindu — a fim de que não sofressem alteração de nenhuma ordem no momento em que fossem cantados ou recitados, evitando que a língua dos deuses fosse corrompida (Leroy, 1971 [1967]; Lyons, 1979).

Deslocando-se da Ásia Meridional para a Ásia Oriental, descobre-se outro trabalho de grande envergadura. Halliday e Yallop (2007) registram que, no século III a.C., a China também organizou seu trabalho lexicológico primogênito, do qual resultou um relevante produto lexicográfico: o *Er Ya*, um *thesaurus* contendo 3.500 unidades lexicais recolhidas de textos antigos, ordenadas por categorias semânticas, glosadas por um sinônimo ou brevemente definidas. Os autores ainda lembram que, durante as dinastias Ming e Qing, os chineses compilaram inúmeras enciclopédias e dicionários a ponto de terem produzido uma enciclopédia com mais de 10 mil volumes[33].

Já no continente europeu, mais especificamente na Grécia clássica, os filósofos estoicos desenvolveram estudos lexicais, abordando temas relacionados à etimologia, polissemia, homonímia, ambiguidade. Da escola de Alexandria, surgiram importantes estudos em dialetologia, etimologia e morfologia. Destacam-se, ainda, as contribuições de Sócrates (470 a.C. - 399 a.C.) e Platão (428 ou 427 a.C.- 348 ou 347 a.C.), que trabalharam as relações entre palavras e coisas. Ressalte-se também que os gregos propuseram um agrupamento dos elementos léxico-gramaticais em conjunto de paradigmas — o que se vê formulado com maior sistematização no estudo sobre as regularidades do sistema morfológico de que resultaram as classes de palavras apresentadas por Dionísio Trácio (170-90 a.C.) em oito partes: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção (Rey, 1970).

Se os gregos se voltaram para os estudos léxico-semânticos ancorados em reflexões filosóficas, o léxico, na Roma Antiga, foi um dos recursos abordados em estudos de oratória e retórica. Foi Varrão (116 a.C.-27 a.C.) quem se ocupou de investigar os processos de ressemantização de empréstimos lexicais presentes no

[33] "[…] By the time of the Ming and Qing dynasties, large-scale dictionaries and encyclopaedias were being compiled: notably the *Yongle Encyclopaedia* (1403-9) in 10,000 volumes, few of which however survive" (Halliday; Yallop, 2007, p. 17).

vocabulário da língua latina, bem como das unidades lexicais herdadas no mundo helênico e romano de origem indo-europeia.

A continuação da tradição greco-latina e de uma abordagem de natureza filosófica sobre o léxico das línguas orientou os principais trabalhos desenvolvidos no período que abarcou toda a Idade Média. Já no Renascimento, sobretudo com a invenção da imprensa, a ênfase foi dada à produção de dicionários monolíngues e bilíngues, principalmente na direção do latim para uma língua estrangeira moderna; trata-se, portanto, de um foco nos trabalhos lexicográficos. Apenas no século XVIII, com a disseminação das enciclopédias, os estudos lexicais começam a tomar um novo rumo na história ocidental — é o que se busca descrever a seguir.

2.2 O termo «Lexicologia» e sua origem

O termo «Lexicologia», sob o ponto de vista de sua formação histórica, decorre da seguinte série derivacional de matriz grega: λέξις (*léksis*) → λεξικός (*leksikós*) → λεξικόν (*leksikón*). Isso significa que o substantivo helênico λέξις "palavra" serviu de base para o adjetivo λεξικός "relativo à(s) palavra(s)", que, por sua vez, deu origem ao substantivo λεξικόν "léxico". Acrescida do pospositivo λογία (*logia*) "ciência, arte, tratado" — sufixo produtivo na composição de vocábulos típicos da terminologia científica internacional produzida a partir do século XIX —, λεξικολογία "lexicologia" passa a ser entendida como "a ciência das palavras" (Lutzeier, 2002, p. 1).

Em busca de uma retrodatação para a identificação do *terminus a quo*[34], compreende-se que o termo «Lexicologia» se institucionaliza, em algumas das línguas europeias, entre os séculos XVIII e XIX. Rey (1970) registra que o termo «lexicologie» surge em francês em 1757. No estudo de Nebot (2001 [1997]), a primeira atestação em língua espanhola do termo «lexicolojia» (*sic*) está registrada no *Diccionario castellano con las voces de ciencias y artes*, organizado pelo jesuíta P. Esteban de Terreros (1707-1782), publicado em 1787[35]. No verbete de Terreros, concebe-se Lexicologia como sendo o "tratado de la voz, ó palavra en particular" (tratado da voz, ou palavra em particular). Em italiano, o termo «lessicologia» aparece em 1821,

[34] O levantamento do *terminus a quo*, isto é, a identificação da ocorrência mais antiga de uma unidade lexical em uma fonte documental (Viaro, 2011), auxilia a pesquisa historiográfica por atestar em qual sincronia pretérita determinada forma lexical era usada.
[35] Lembra Nebot (2001 [1997]) que Terreros organizou os verbetes do dicionário vinte anos antes de sua publicação; infere-se, por conseguinte, que a origem do termo espanhol precede a essa data.

segundo registro de Devoto e Oli (2011)[36]. Já em inglês, «lexicology» figura na edição de 1828 do *An American Dictionary of the English Language*, de Noah Webster (1758-1843)[37]. No que diz respeito aos dicionários de língua alemã, Lutzeier (2002) identifica os termos «Lexikologie» (Lexicologia) e «Lexikolog» (lexicólogo) no dicionário de Jakob Heinrich Kaltschmidt (1799-1872)[38], datado de 1854, sendo seus significados associados ao estudo das palavras e dos dicionários: *Lexikologie gr. "Lehre von den Wörterbüchern"* (doutrina dos dicionários); *Lexikolog "der Wortgelehrte"* (o estudioso da palavra).

Com relação à língua portuguesa, não há nenhuma menção ao termo «Lexicologia» na primeira edição do primeiro dicionário monolíngue do português, organizado pelo lexicógrafo brasileiro Antonio de Moraes Silva (1755-1824)[39]. Nessa obra inaugural, publicada em Portugal, em 1789, foram identificados apenas verbetes para as entradas «lexicografo» (lexicógrafo) e «lexicon» (léxico), empregado como parassinônimo de "dicionário" ou de "vocabulário" (Fig. 5).

Figura 5: Verbete da primeira edição do dicionário Moraes Silva (1789)

LEXICOGRAFO , ſ. m. eſcritor , author de Lexicos.

LEXICON , ſ. m. Diccionario , vocabulario.

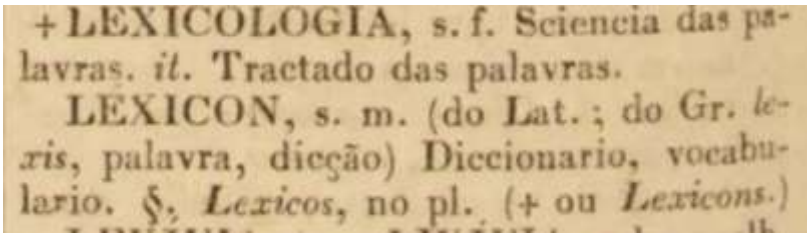
Fonte: Silva, 1789, t. 2, p. 19 (cf. nota de rodapé infra)

Destaca-se, contudo, o registro da entrada «Lexicologia» na sexta edição do dicionário assinado por Moraes Silva (1755-1824)[40], muito embora os verbetes tenham sido da responsabilidade de Agostinho de Mendonça Falcão de Sampaio

[36] DEVOTO, Giacomo; OLI, Gian Carlo. **Il Devoto-Oli**: vocabolario della lingua italiana, 2012. Milano: Le Monnier; Mondadori Education, 2011.
[37] WEBSTER, Noah. **An American Dictionary of the English Language**. New York, S. Converse, 1828.
[38] Lutzeier (2002) se refere ao *Allgemeines Fremdwörterbuch nebst Erklärung der in der deutschen Sprache vorkommenden fremden Wörter und landschaftlichen Ausdrücke mit Angabe ihrer Abstammung* [Dicionário estrangeiro geral, junto com uma explicação das palavras estrangeiras e expressões regionais que ocorrem na língua alemã, com indicação de sua origem].
[39] SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. t. 2 (L-Z). Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
[40] SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionário da Língua Portugueza. t. II (F-Z)**. 6. ed. Lisboa: Typografia de Antonio José da Rocha, 1858.

Coutinho e Póvoas (1793-1854), que compunha a equipe lexicográfica desde a 3ª edição. É na versão publicada em 1858 que o termo é inserido e predicado como "sciencia das palavras" (Fig. 6) — conceito que será resgatado séculos mais tarde na Lexicologia brasileira.

Figura 6: Primeira atestação do verbete «Lexicologia» em Moraes Silva (1858)



+LEXICOLOGIA, s. f. Sciencia das palavras. *it.* Tractado das palavras.

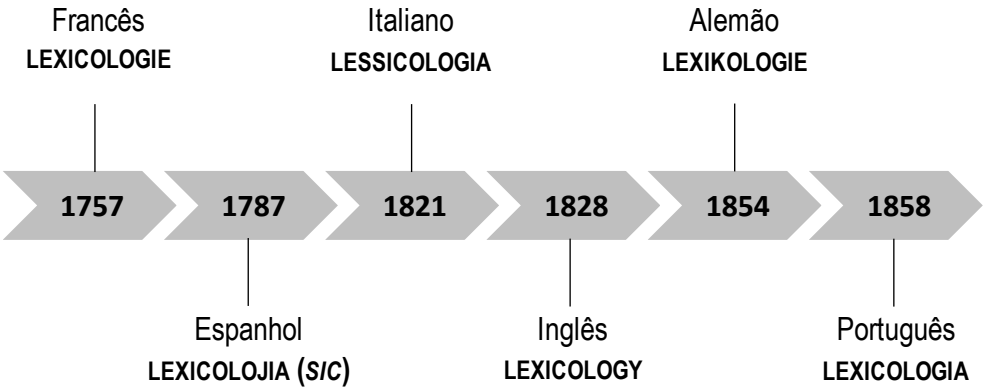
LEXICON, s. m. (do Lat.; do Gr. *lexis*, palavra, dicção) Diccionario, vocabulario. §. *Lexicos*, no pl. (+ ou *Lexicons.*)

Fonte: Silva, 1858, p. 276 (cf. nota de rodapé supra).

Ressalte-se que é a essa 6ª edição do dicionário de Moraes Silva que Cunha (1986)[41] recorre para validar, em seu dicionário etimológico, a primeira atestação do termo introduzido no português, por meio da língua francesa.

Numa linha cronológica, as retrodatações podem ser visualmente ordenadas de acordo com o esquema a seguir (Fig. 7):

Figura 7: Retrodatação do termo «Lexicologia» em diferentes línguas



Fonte: Elaboração própria.

[41] CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Conforme mostrado nesse levantamento, ainda que as datas sofram uma variação temporal nas línguas citadas, a criação do *terminus a quo* remete ao ano de 1757 no território francês. Esse é o argumento que se busca desenvolver na próxima subseção.

2.3 A *Encyclopédie* e a criação da Lexicologia no século XVIII

A concepção epistemológica de Lexicologia tem como marco fundador o território europeu, mais especificamente a França do século XVIII, quando os estudiosos da época, engajados nos propósitos do Iluminismo, buscavam enfatizar o uso da razão como o melhor método para se chegar à verdade. Os iluministas, visando a tornar conhecido o pensamento europeu e o progresso da ciência, nos seus mais diferentes domínios, fundaram sociedades científicas e dedicaram-se à organização desses conhecimentos em grandes obras de referências, como as enciclopédias.

Destaca-se, no Século das Luzes, a *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* (Enciclopédia, ou Dicionário Razoado das Ciências, das Artes e dos Ofícios), popularmente conhecida pela designação *Encyclopédie* (Enciclopédia). Esse projeto monumental, de que resultou a publicação de mais de 30 volumes, foi dirigido, redigido e revisado por Denis Diderot (1713-1784), entre 1751 e 1772, com a colaboração de Jean le Rond D'Alembert (1717-1783).

Uma das características do projeto de Diderot e d'Alembert consistia na mobilização de um grande grupo de intelectuais para a redação do trabalho, dentre os quais expoentes como Montesquieu, Rousseau e Voltaire.

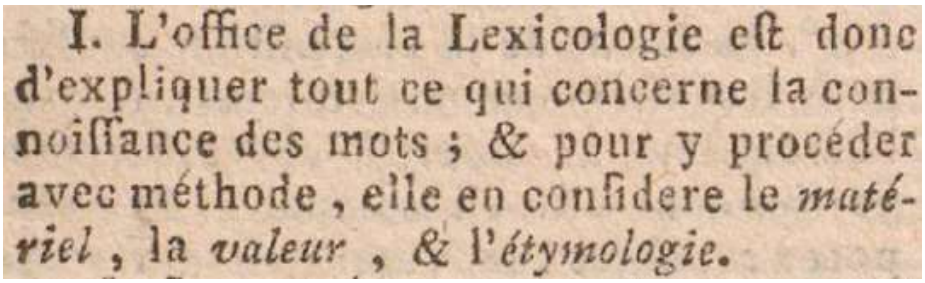
Segundo Steuckardt (2007), Diderot e d'Alembert confiaram a Nicolas Beauzée (1717-1789) a redação do verbete «Grammaire» (Gramática). Beauzée era professor da Escola Real Militar da França, fundada sob a decisão de Luis XV, qualificada por abrir espaço a novos planos de educação. O verbete deveria ser formulado em consonância com um novo modelo de organização de ensino de língua que tomava a gramática geral como ponto de partida para a aprendizagem.

Para Beauzée (1782 [1757], p. 486, grifos do autor, tradução nossa), "A *Gramática geral* é uma *ciência*, pois seu único objeto é a especulação razoada dos

princípios imutáveis e gerais da fala"[42]. O autor opõe a *Gramática geral* à *Gramática particular*, definida como uma "*arte*, pois ela prevê a aplicação prática das instituições arbitrárias e usuais de uma língua particular aos princípios gerais da fala" (Beauzée (1782 [1757], p. 486 grifos do autor, tradução nossa)[43].

Ao fazer uma revisão rigorosa e sistemática da terminologia gramatical difundida desde a tradição greco-latina, Beauzée subdividiu a gramática em duas partes: uma denominada lexicologia; outra, sintaxe. Para tanto, propôs que a lexicologia[44] fosse apreendida como parte da gramática geral que contém os "princípios razoados comuns a todas as línguas"[45], no que concerne à "explicação das palavras" (Fig. 8): "A função da Lexicologia é, portanto, explicar tudo o que diz respeito ao conhecimento das palavras e, para proceder metodologicamente, considera o *material*, o *valor* e a *etimologia*" (Beauzée, 1782 [1757], t. XVI, p. 489, *s.v.* Grammaire, tradução nossa)[46].

Figura 8: Definição de «Lexicologia» na Encyclopédie


I. L'office de la Lexicologie eſt donc d'expliquer tout ce qui concerne la connoiſſance des mots ; & pour y procéder avec méthode, elle en conſidere le *matériel*, la *valeur*, & l'*étymologie*.

Fonte: Beauzée, 1782 [1757], t. XVI, p. 489, *s.v. Grammaire*.

[42] "La *Grammaire Générale* est une *science*, parce qu'elle n'a pour objet que la spéculation raisonnée des principes immutables & généraux de la parole" (Beauzée (1782 [1757], p. 486)

[43] "[*Grammaire particuliere* est un] *art*, parce qu'elle envisage l'application pratique des institutions arbitraires & usuelles d'une langue particuliere aux príncipes généraux de la parole" (Beauzée (1782 [1757], p. 486)

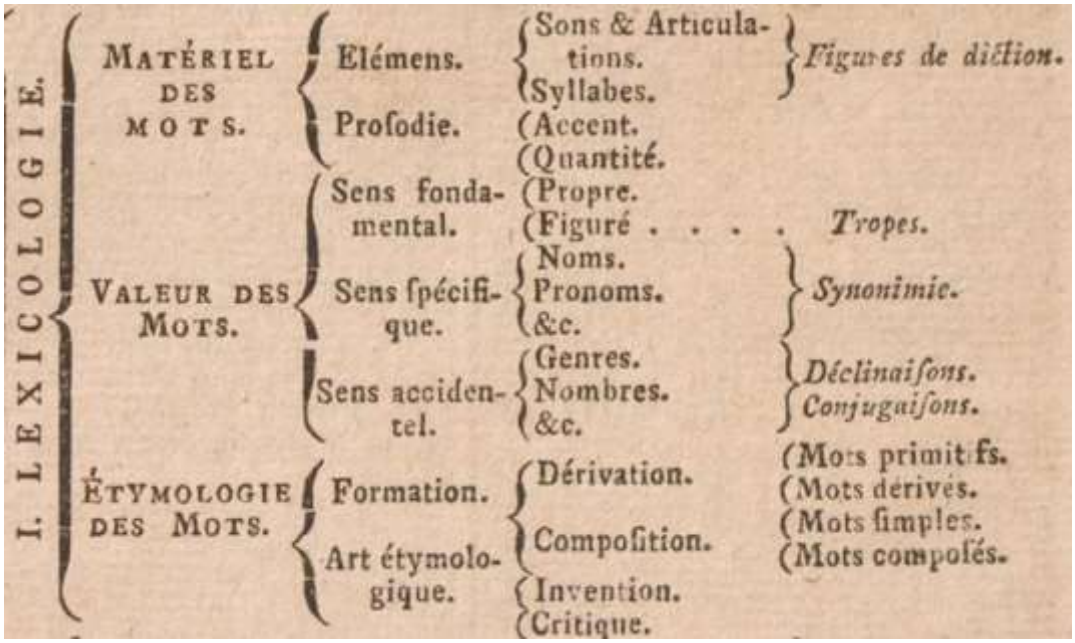
[44] Em um trecho do verbete, Beauzée declara que o termo Lexicologia já havia sido empregado pelo abade Gabriel Girard (1677-1748) — secretário-intérprete do rei da França, conhecido por publicar a primeira obra em francês sobre sinônimos —, embora em sentido diferente do empregado na *Encyclopédie*.Todavia, de acordo com dados do *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* <http://www.cnrtl.fr/etymologie/lexicologie>, a denominação «Lexicologia» não foi localizada na obra de Girard, e sim «nomenclatura» em oposição a «sintaxe».

[45] "[…] ce que nous appellons Lexicologie, contient sur cet objet [as palavras] des principes raisonnés communs à toutes les langues." [O que chamamos aqui de Lexicologia contém sobre esse objeto (as palavras) princípios razoados comuns a todas as línguas.] (Beauzée (1782 [1757], p. 489, tradução nossa).

[46] Este fragmento foi extraído da "*Encyclopédie"* de Diderot e d'Alembert, disponível para consulta em: https://www.e-rara.ch/zuz/content/zoom/7017094. Acesso em:15 ago. 2018.

Na explicitação do conteúdo predicado nessa definição, Beauzée atribui à Lexicologia tarefas que envolvem diferentes planos de análise linguística (Fig. 9): a) na categoria «material», inclui tópicos de fonética, como a prosódia lexical (sons e articulações, sílaba, acento, quantidade etc.); b) na categoria «valor», aborda elementos semântico-lexicais e também os morfossemânticos (tropos, sinonímia, declinações, conjugações); c) na categoria «etimologia», aborda algumas reflexões diacrônicas em morfologia e semântica históricas.

Figura 9: Subdivisão da Lexicologie na Encyclopédie



Fonte: Beauzée, 1782 [1757], p. 494.

O programa de investigação pensado por Beauzée, portanto, envolve questões de natureza fonológica, morfológica e semântica. Seu modelo, contudo, não será totalmente expandido no século XIX. Isso porque as pesquisas sobre a linguagem desenvolvidas nas décadas subsequentes a essa publicação incidiram sobre o comparativismo linguístico e, mais tarde, sobre as teses que deram origem à Linguística Histórica. Por conseguinte, as investigações realizadas passaram a focalizar as descrições históricas do léxico – nelas pressupostos os fenômenos fonolexicais, morfolexicais e léxico-semânticos – em busca de justificativas para as transformações por que passaram as palavras ao longo do tempo. Os pesquisadores se valeram predominantemente de uma abordagem filológica e não assumiram o termo «Lexicologia»; em seu lugar, empregaram expressões como “pesquisa de

palavras", "estudos de palavras", "estudos de linguagem", "história de palavras" e outras (Lutzeier, 2002; Schippan, 2002).

2.4 A (re)criação da Lexicologia no século XX

Mesmo que a linguística histórica e a filologia tenham se dedicado ao estudo de fenômenos lexicais, a percepção que se tem, nas primeiras décadas do século XX, é a de ausência de uma sólida teoria do léxico (Pruvost, 2000; Schippan, 2002; Dosse; 2007 [1992]; Rey, 2008). Leisi (1971 [1952]), em publicação resultante de sua tese de doutoramento defendida em 1950, assim se pronuncia:

> Como a linguística se comporta diante da tremenda importância da palavra? Temos uma fonologia sofisticada, uma teoria refinada de frases e formas. Mas uma teoria das palavras como uma disciplina clara e inequívoca não existe" (Leisi, 1971 [1952], p. 10, tradução nossa[47]).

A observação de Leisi (1971 [1952]) coaduna com a ideia de que a Lexicologia ocidental, entendida como disciplina linguística que se ocupa do estudo científico do léxico, só começa a ganhar esse estatuto a partir da segunda metade do século XX, sobretudo no pós-guerra, entre 1950 e 1965. O ambiente acadêmico e intelectual em que surgem as principais propostas de teorização lexicológica se situa em universidades francesas.

Charles Bruneau (1883-1969), filólogo francês, herdou do falecido Ferdinand Brunot (1860-1938), então professor titular de história da língua francesa da Université de Paris (Sorbonne), a tarefa de concluir o projeto *Histoire de la langue française, des origines à 1900* (História da língua francesa, das origens a 1900). Para essa empreitada, da qual resultaria uma monumental obra publicada em 13 tomos, entre 1905-1953, Bruneau convocou alguns de seus alunos para escrever teses sobre a evolução do francês ao longo do século XIX, sobretudo no que diz respeito à transformação do vocabulário. Os estudantes deveriam escolher um autor para mapear e analisar, na sua produção literária, o léxico característico daquele século.

[47] "Wie verhält sich nun die Sprachwissenschaft angesichts der ungeheuren Wichtigkeit des Wortes? Wir verfügen über eine hochgezüchtete Lautlehre, über eine raffinierte Satz-und Formenlehre. Aber eine Wortlehre als klare und eindeutige Disziplin existiert nicht" (Leisi, 1971 [1952], p. 10).

Para tal, seguiam os modelos de descrição das teses orientadas por Brunot (cf. Chevalier; Encrevé, 2006).

Naquele momento, predominavam, na Sorbonne e em outras universidades francesas, os estudos filológicos e as investigações em gramática histórica. Por essas influências, as pesquisas lexicais focalizavam uma análise estilística de escritores de séculos passados, destacando o emprego de unidades lexicais raras ou algum emprego lexical pouco comum (Quemada, 1993). Partia-se do princípio de que os autores consagrados da literatura exerciam influência determinante na evolução do francês. Por isso, a investigação exigia o exame exaustivo dos usos linguísticos de um autor individual e o inventário de suas criações lexicais.

Mesmo respeitando as orientações de Bruneau, os alunos estavam insatisfeitos com o método analítico utilizado. Além de ficar restrito à produção de um autor literário de prestígio, o procedimento metodológico implicava a identificação, listagem e análise das unidades lexicais neológicas que figuravam nas obras literárias, a fim de postular que tais unidades revelavam a evolução do léxico francês. Desse modo, as análises eram avaliadas como ilustrativas, pois se centravam na descrição de unidades lexicais isoladas. Faltava apontar as características gerais de um léxico extensivas a boa parte das palavras francesas, de modo a mostrar as “tendências” que justificassem as transformações históricas.

Por conseguinte, inspirado nas leituras de obras de linguística sincrônica, pouco estudadas à época em universidades tradicionais como a Sorbonne, um pequeno grupo de pesquisadores, entre eles Algirdas Julius Greimas (1917-1992), Georges Matoré (1908-1998) e Bernard Quemada (1926-2018), começou a reivindicar a criação de uma disciplina para o estudo científico do léxico.

Quemada (1993), ao relembrar o período em que ele e Greimas realizavam suas teses de doutorado, destaca que ambos tiveram a oportunidade de discutir intensamente os objetivos e métodos do que poderia ser uma Lexicologia moderna, mais condizente com os rumos que os estudos linguísticos começavam a seguir na primeira metade do século XX:

> No final dos anos quarenta, discutíamos muito sobre uma lexicologia em formação […] **Queríamos sobretudo criar “outra” lexicologia**, começando por recusar aquela que estava em voga na Sorbonne

> como em outras universidades francesas (Quemada, 1993, p. 50, tradução e grifo nossos)[48].

Ratificando as palavras de Quemada (1993), assim registram Chevalier e Encrevé (2006), num antigo depoimento de Greimas coletado por eles:

> Entre 1945 e 1949, eu preparava uma tese orientada por Charles Bruneau, que me deu, como tema "O vocabulário da moda" […] Georges Matoré preparava sua tese sobre Théophile Gauthier. Quemada juntou-se a nós, preparando uma tese sobre a concepção do amor no século XVII. **Foi assim que se formou o primeiro grupo de lexicólogos**. Não convivíamos com nenhum outro grupo […]. Foi nesse momento que começamos, sozinhos, Matoré e eu, a ler Saussure, depois Jost Trier. **Nosso objetivo era criar a lexicologia** (Chevalier; Encrevé, 2006, p. 329-330, tradução e grifos nossos)[49].

Nesse clima acadêmico, Greimas, Matoré e Quemada começaram a dar os primeiros passos para a reestruturação da pesquisa de orientação histórico-diacrônica, por métodos de descrição lexicológica mais rigorosos e em consonância com os princípios de uma abordagem de orientação sincrônica, contudo não totalmente a-histórica:

> Adotando, pelo menos provisoriamente, a distinção proposta por Saussure entre sincrônico e diacrônico, consideraremos os estudos lexicológicos sob um duplo aspecto. […] Para nós, uma descrição vocabular não pode ignorar o ponto de vista da história (Matoré; Greimas, 1950, p. 219; 221, tradução nossa)[50].

Não se trata, portanto, de uma ruptura total com o passado, restrito a uma abordagem de análise lexical centrada no aspecto estilístico-literário, mas de um período de transição em que se buscava uma renovação da velha Lexicologia,

---

[48] "A la fin des années quarante, nous discutions beaucoup d'une lexicologie en devenir […] Nous voulions avant tout faire une 'autre' lexicologie, en commençant par refuser celle qui était en honneur à la Sorbonne comme dans les autres universités Françaises" (Quemada, 1993, p. 50).

[49] "Entre 1945 et 1949, je préparais une thèse d'État, inscrite avec Charles Bruneau qui m'avait donné comme sujet : « Le vocabulaire de la mode. » […] Georges Matoré préparait sa thèse sur Théophile Gauthier. Quemada s'est joint à nous, préparant une thèse sur la conception de l'amour au XVII[e] siècle. Ainsi s'est constitué le premier groupe des lexicologues. Nous ne fréquentions pas d'autre groupe […] C'est à ce moment que nous avons commencé, seuls, Matoré et moi, à lire Saussure, puis Jost Trier. Notre but était de créer la lexicologie" (Chevalier ; Encrevé, 2006, p. 329-330).

[50] "Adoptant, au moins provisoirement, la distinction proposée par Saussure entre synchronique et diachronique, nous considérerons les études lexicologiques sous un double aspect. […] Selon nous, une description de vocabulaire ne saurait ignorer le point de vue de l'histoire" (Matoré; Greimas, 1950, p. 219; 221).

tentando aproximá-la dos princípios da linguística contemporânea sincrônica. Evidencia-se, nessa afirmação, um discurso de ruptura metodológica, mas de continuidade epistemológica.

2.5 A Lexicologia moderna: episódios de sua institucionalização

Nesta seção, são resgatados alguns episódios históricos que contribuíram para a formação de um fazer lexicológico à luz das ideias linguísticas defendidas no cenário europeu. Descrevem-se fragmentos históricos da Lexicologia francesa, cujos princípios irão influenciar o modo como a disciplina se institucionalizou no século XX em vários outros países. Destacam-se, ainda, duas outras vertentes da investigação lexicológica pouco exploradas na literatura linguística: a Lexicologia soviética e a Lexicologia funcional emergente do círculo linguístico de Praga.

2.5.1 Georges Matoré e sua Lexicologia social

Segundo Quemada (1993), a renovação dos estudos lexicológicos viria sob influência dos percursos metodológicos iniciados por Ferdinand Brunot em sua *Histoire de la langue française* e continuados por Charles Bruneau, bem como de uma reinterpretação do conceito de «palavras-testemunho» da história, desenvolvido por Lucien Febvre em seu trabalho *Civilisation, le mot et l'idée* (Civilização, a palavra e a ideia). Assim, estabelece-se uma correlação entre fenômenos lexicais e dados sociológicos.

Parte-se da hipótese de que a análise de grandes *corpora* revelaria as «palavras-testemunho» (*mots-témoins*) e as «palavras-chave» (*mots-clés*) de uma época. Desse modo, no lugar de descrever as características individuais de um dado autor, o novo método lexicológico deveria desvelar fenômenos mais globais de natureza histórico-social, num explícito deslocamento do plano individual da linguagem para seus usos sociais.

Matoré e Greimas apresentam sua proposta de análise lexical em artigo publicado em duas partes: a primeira, lançada em 1948; e a segunda, em 1950. No texto de 1948, tecem críticas severas à abordagem tradicional da Lexicologia, centrada numa visão filológica dos fatos linguísticos e consequentemente pautada no pressuposto de que os autores literários seriam os mais representativos para indicar

a evolução de uma língua. Já no escrito de 1950, apresentam a descrição de métodos alternativos de descrição e conclamam uma "ciência do vocabulário" (Matoré; Greimas, 1948; 1950).

A principal crítica apresentada pelos autores relacionava-se ao método lexicológico praticado nas análises textuais. São dois os pontos essenciais contestados por Matoré e Greimas (1948; 1950):

a) a análise da produção literária de um único autor não é suficiente para determinar as evoluções no vocabulário de uma língua, uma vez que as criações lexicais de um cânone literário ou estão pautadas no repertório lexical disponível na língua de sua época, ou são criações que caracterizam o seu estilo individual. Logo, para esses estudiosos, não se deve confundir vocabulário da língua geral com escolhas estilísticas autorais: "Sob nosso ponto de vista, o estudo do vocabulário de um escritor só pode ser uma contribuição para o estudo do estilo desse escritor" (Matoré; Greimas, 1948, p. 413, tradução nossa)[51]. Por essa razão, seria tarefa da Lexicologia partir do estudo da língua geral para, depois, determinar a originalidade de um autor, isto é, a "nova" Lexicologia teria de privilegiar a descrição de um número diversificado de textos produzidos por diferentes autores — e isso exigiria um novo método para análise e quantificação dos dados;

b) o método adotado naquele momento estava centrado apenas na identificação dos neologismos formais, ignorando-se a possibilidade de renovação do conteúdo lexical: "Muitos lexicólogos ficaram hipnotizados pelo aspecto *exterior* da palavra e nem sempre compreenderam que há tantas *palavras* quanto *significados*" (Matoré; Greimas, 1948, p. 414, tradução nossa, grifo dos autores)[52]. Nesse sentido, os estudiosos entendem que os processos de neologismos semânticos são tão produtivos quanto os neologismos formais, cabendo ao lexicólogo incorporar à sua prática o levantamento das inovações léxico-semânticas.

A partir desses argumentos básicos, Matoré e Greimas (1948; 1950) mostram as nuances que distinguem as diferentes disciplinas que se ocupam do estudo do léxico: a Lexicologia não deveria se confundir com estilística léxica, tampouco com morfologia, no que diz respeito aos processos de formação de palavras. Ademais,

[51] "À notre avis, l'étude d'un vocabulaire d'écrivain ne peut être qu'une contribution à l'étude du style de cet écrivain" (Matoré; Greimas, 1948, p. 413).
[52] "Beaucoup de lexicologues ont été hypnotisés par l'aspect *extérieur* du mot, et ils n'ont pas toujours compris qu'il y a autant de *mots* que de *significations*" (Matoré; Greimas, 1948, p. 414).

caberia aos lexicólogos a valorização da diversidade de textos e de autores, migrando de uma Lexicologia autoral para uma Lexicologia geral. E é nesse momento que os autores propõem a autonomia da Lexicologia como uma "ciência do vocabulário" que se ocupa de estudar "o significado das palavras" (Matoré; Greimas, 1948, p. 417).

É certo que já havia modelos para o estudo do significado das palavras, todavia numa perspectiva histórico-evolucionista. Por esse motivo, Matoré e Greimas (1948) diferenciam duas categorias de estudos lexicológicos: a) a da Lexicologia histórica, voltada para explicar historicamente a evolução de um conceito ou de uma palavra; b) a da Lexicologia descritiva, voltada para a observação e descrição do vocabulário empregado por um grupo social.

O reconhecimento de uma Lexicologia histórica dentro de um paradigma estruturalista formal que imperava na primeira metade do século XX é, no mínimo, um sinal de continuidade epistemológica da tradição filológica, histórica e diacrônica que guiou os estudos linguísticos ao longo dos séculos XVIII e XIX (cf. Bagno, 2023b). No entanto, defender a criação de uma Lexicologia descritiva, centrada no estudo social do vocabulário, é um indício de ruptura com a abordagem estruturalista do sistema linguístico, na medida em que seus proponentes passam a reivindicar o estudo de aspectos semânticos do vocabulário na sua correlação com o material extralinguístico; no caso, os diferentes grupos sociais.

Essas ideias serão retomadas no artigo de Matoré (1948) e sistematizadas em Matoré e Greimas (1950). Neste último texto, fica mais evidente a proposta de seus autores. O vocabulário é definido como "conjunto orgânico e hierárquico de palavras que expressam determinado estado de civilização" (Matoré; Greimas, 1950, p. 221, tradução nossa)[53], cabendo à Lexicologia criar métodos sincrônicos sintéticos e classificações semânticas globais visando a demonstrar: a) como esse conjunto de palavras se altera na língua em seu estado atual; b) como esse conjunto pode ser descrito; c) como essas palavras estão relacionadas a um "estado de civilização".

Nesse contexto de inovações, Georges Matoré, já professor da Sorbonne, lançou a obra *La Méthode en lexicologie* (1953), resultante de sua tese de 1946, defendida na mesma universidade, cujo conteúdo versa sobre o vocabulário da prosa

[53] "[O vocabulário é] un ensemble de mots, organique et hiérarchisé, exprimant un certain état de civilisation" (Matoré; Greimas, 1950, p. 221).

literária na sociedade de Louis-Philippe. Matoré, ao retomar os estudos sobre campos lexicais desenvolvidos pelo semanticista alemão J. Trier, nos anos 1930, resgata a ideia de que as palavras não estão isoladas na consciência de um falante; pelo contrário, inserem-se num conjunto maior de outras palavras, que, semanticamente relacionadas, formam um campo, denominado, por Matoré (1953), «campo nocional» (*champ notionnel*).

A partir dessa ideia, o teórico postula haver uma correspondência entre as *estruturas da sociedade* e as *estruturas lexicais*, razão pela qual o vocabulário de uma civilização revela matizes da própria civilização. Assim, caberia ao lexicólogo estudar como a sociedade de um dado tempo se estrutura, coletar as palavras que nela circulam, ordená-las em campos nocionais e analisar suas estruturas. Nesses campos nocionais, estão presentes as «palavras-testemunho», que caracterizam os aspectos econômico, técnico, intelectual e moral de uma sociedade em cada período da história, bem como as «palavras-chave», que definem essa sociedade.

As «palavras-testemunho», afirma Matoré (1953), são neologismos (de forma e de conteúdo) que denotam as mudanças sociais; elas são o testemunho de uma mudança[54]. Por serem muito numerosas, o autor defende o levantamento das «palavras-chave» (Matoré, 1953), isto é, das unidades lexicológicas que definem, de modo sintético, a sociedade estudada[55].

Essa visão sociológica da linguagem, explicitamente influenciada pelas ideias linguísticas de Michel Bréal e Antoine Meillet (cf. Matoré, 1953, p. 14-15), induz o pesquisador a conceber a Lexicologia como uma disciplina de interfaces, na medida em que recorre à história, à sociologia e à linguística para o tratamento de seu objeto. Contudo, ainda que reconheça o entrelaçamento entre diferentes áreas do conhecimento, é à Sociologia que Matoré (1953, p. 50, tradução nossa) associa os estudos lexicológicos: "[…] podemos definir a Lexicologia como uma disciplina sociológica que usa as palavras como material linguístico"[56].

---

[54] Um dos exemplos usados pelo autor para ilustrar essa noção é a palavra *magasin* (armazém de mercadorias), reveladora do espírito comercial que imperava na França dos anos 1820-1825. Associam-se a *magasin* palavras como *employé* (empregado/funcionário), *rayon* (prateleira), *client* (cliente) etc.

[55] O pesquisador ilustra esse conceito com a designação *honnête homme* (homem honesto), avaliada como ideal projetado pela sociedade francesa do século XVII.

[56] "[…] pourrons-nous définir la lexicologie comme une discipline sociologique utilisant le matériel linguistique que sont les mots" (Matoré, 1953, p. 50).

Sem se restringir à análise do signo isolado no seu sistema imanente — como previsto nas ideias que nortearam a construção do *Curso de Linguística*, de Ferdinand de Saussure —, Matoré sinaliza, desse modo, o deslocamento dos estudos lexicais de uma visão unidisciplinar e estruturalista predominante no seu tempo, antevendo uma abordagem transdisciplinar e pragmática da linguagem, que irá se instalar nas décadas seguintes à publicação de seu livro.

2.5.2 Quemada e o centro de estudos de Besançon

A mobilização para a instituição dessa disciplina também esteve impulsionada por um projeto político-acadêmico que se implantava na França naquele momento: durante os anos 1953 a 1960, o filósofo Gaston Berger (1896-1960), diretor geral do Ensino Superior francês, alocado no Ministério da Educação Nacional, responde pelo processo de criação dos primeiros centros de pesquisas linguísticas nas universidades locais (Dosse, 2007 [1992]). São criados dois polos de investigação que irão contribuir para a institucionalização da Lexicologia na França e sua expansão para outros países, sobretudo do continente europeu: um na cidade francesa de Estrasburgo e outro na cidade de Besançon.

O primeiro polo é o Centro de Filologia Românica, instalado na Faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo. Dirigido inicialmente por Paul Imbs (1908-1987) e, depois, por Georges Straka (1910-1993), é nesse centro que foram promovidos colóquios internacionais de Lexicologia frequentados por nomes como Georges Gougenheim, Louis Hjelmslev, André Martinet e Knud Togeby (Dosse, 2007 [1992]). Destaque ao colóquio *Lexicologie et lexicographies françaises et romanes: orientations et exigences actuelles*, primeiro grande evento da área, que congregou eminentes filólogos-linguistas-romanistas franceses, suíços, alemães, italianos, húngaros e holandeses da envergadura de Benedek Elemér Vidos, Bernard Quemada, Bruno Migliorini, Georges Matoré, Joseph-Maria Piel, Kurt Baldinger, Paul Robert, Pierre Guiraud, Rafael Lapesa, Robert-Léon Wagner, Stephen Ullmann e Walther von Wartburg (CNRS, 1961).

É também em Estrasburgo que a lexicóloga brasileira Maria Tereza Biderman irá tanto buscar sua formação em léxico-estatística quanto atuar como professora,

trazendo para o Brasil seu projeto de investigação voltado para o levantamento do vocabulário básico do português brasileiro (cf. capítulo 3).

O segundo polo é o Laboratoire d´Analyse Lexicologique du Centre d´Etude du Vocabulaire Français na universidade de Besançon, dirigido por Bernard Quémada. É em Besançon que se concentra uma geração internacional de futuros jovens lexicólogos que recorre a esse centro para se formar e atualizar suas pesquisas (Pruvost, 2000; Chevalier; Encrevé, 2006; Dosse, 2007 [1992]): Henri Mitterand, Jean Dubois, Henri Meschonnic, Louis Guilbert, Robert-Léon Wagner, Roland Barthes e a brasileira Ieda Maria Alves, que realizou sua pesquisa de mestrado e doutorado sob orientação de Quemada.

Talvez o que tenha atraído a atenção dos jovens para Besançon tenha sido a prática de automatização de dados estatísticos resultantes de análises lexicais, por meio de máquinas mecanográficas e de computadores — tecnologias emergentes na época. Nessa cidade, ainda sob a coordenação de Quemada, foram construídas as bases para os estudos sobre lexicometria e para a observação criteriosa da neologia lexical: "É sobretudo em Besançon, nos laboratórios assim equipados com máquinas de cartões perfurados, que **lexicólogos de toda a Europa vêm se formar**" (Pruvost, 2005, p. 8-9, tradução e grifo nossos).[57]

Esse dado é relevante para sustentar o argumento da influência, bem como para indiciar como se deu a recepção da Lexicologia no Brasil. Afinal, as primeiras teses lexicológicas brasileiras, publicadas ao longo dos anos 1970, centraram-se no método léxico-estatístico para a análise de textos escritos e literários. É o que se observa, por exemplo, na tese de Biderman (1969)[58], sobre Fernando Pessoa, e na dissertação de Souza (1974)[59], sobre o léxico de poetas simbolistas.

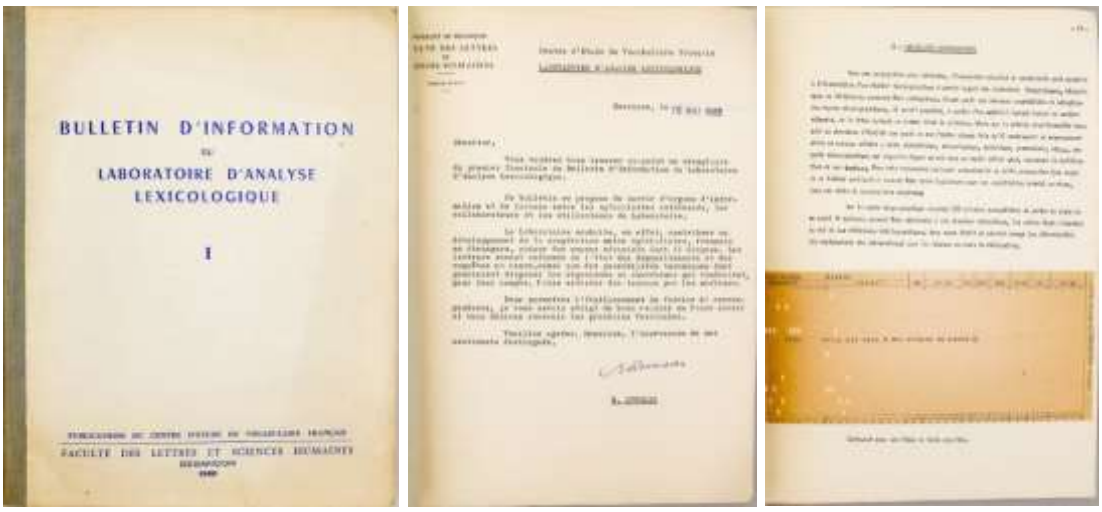
Ademais, a afirmação de Pruvost (2005) — de que Besançon era o principal centro de formação — justifica a importância da liderança intelectual e organizacional (Murray, 1998 [1994]) de Quemada tanto para a institucionalização da Lexicologia

[57] "C'est notamment à Besançon, dans les laboratoires ainsi équipés de machines à cartes perforées, que viennent se former des lexicologues de l'Europe entière" (Pruvost, 2005, p. 8-9).
[58] BIDERMAN, Maria Tereza Carmargo. **Análise Computacional de Fernando Pessoa (Ensaio de Estatística Léxica)**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 1969.
[59] SOUZA, Cilene Cunha de. **Um método quantitativo para a análise lexical**: aplicação a três poetas simbolistas. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura, UFRJ, Rio de Janeiro, 1974.

francesa quanto para a propagação, em outros países, das ideias linguísticas que dariam um novo rumo às pesquisas em torno do léxico. Alguns episódios ajudam a compreender o que levou muitos linguistas em formação inicial ou continuada a buscar a formação lexicológica em Besançon.

Em 1954, Quemada fundou o Instituto de Língua e Civilização Francesa. Ali, começou a usar máquinas mecanográficas e cartões perfurados[60] para analisar tanto os textos clássicos e/ou da mídia impressa cotidiana quanto *corpora* transcritos de língua oral. Ele pretendia fazer uso de métodos menos subjetivos e realizar um inventário exaustivo de dados históricos pautados em estatísticas lexicais. Trata-se de uma das pesquisas pioneiras em linguística computacional e no tratamento informatizado de *corpus* de língua oral. Em 1957, esse Instituto se transformou no Centro de Estudo do Vocabulário Francês e, poucos anos depois, em 1960, começou a divulgar o método de tratamento computacional de grandes *corpora* por meio da publicação de um boletim (Fig. 10), que inspiraria vários outros centros de pesquisa lexical ao redor do mundo (Quemada, 1973).

Figura 10: Páginas do Boletim publicado pelo Laboratório de Análise Lexicológica de Besançon



Fonte: Livre Rare Book[61].

Em 1958, o Centro de Estudo do Vocabulário Francês transformou-se no Centro de Linguística Aplicada, passando a receber estudantes de várias partes do mundo. Isso facilitou a demonstração de uma função didática da Lexicologia:

[60] Os cartões perfurados foram utilizados no processamento e armazenamento de dados, principalmente dos computadores eletrônicos desenvolvidos pela IBM nos anos 1950. Para uma síntese desses estudos, sugere-se a leitura de Quemada (1973).
[61] Disponível em: https://www.livre-rare-book.com/book/5472636/51861. Acesso em 15 jul. 2023.

aprimorar os métodos de ensino de línguas estrangeiras, em especial o francês como língua estrangeira (FLE), a partir de dados léxico-estatísticos extraídos da língua em seu uso efetivo. Esses dados facilitavam o contato com as unidades lexicais de maior frequência presentes em boa parte dos textos com os quais um aprendiz tem contato nas suas práticas cotidianas de interação comunicativa.

Quemada ainda fundou e dirigiu, em 1959, um dos marcos da Lexicologia moderna: os tradicionais *Cahiers de Lexicologie*[62] (Fig. 11). Trata-se de um periódico científico internacional basilar na discussão e difusão de pesquisas de temas relacionados ao léxico, bem como na formação de futuros lexicólogos que precisavam ter acesso a referenciais teórico-metodológicos para a realização de suas pesquisas.

Figura 11: Capa de um dos primeiros volumes dos *cahiers de lexicologie*

Fonte: acervo pessoal.

Outro episódio que marcou a história da Lexicologia moderna francesa foi a fundação da Sociedade de Tradução Automática, na Universidade de Nancy, em 1960.A instituição buscava fazer uso de métodos matemáticos na descrição do léxico, além de recorrer aos dados computacionais para a tradução automática. É nesse centro, liderado por Bernard Pottier (n. 1924), que seriam desenvolvidos estudos sobre a estrutura semântica do léxico, bem como uma sistematização metalinguística que perdura ainda hoje na terminologia lexicológica de inúmeros trabalhos. A Lexicologia pottieriana será a base epistemológica da primeira geração de lexicólogos(as) brasileiros(as), muitos(as) dos(as) quais realizaram suas

[62] Os cadernos são publicados até hoje, sendo a edição mais recente a de nº 123 (2023).

investigações de doutoramento e/ou pós-doutoramento sob a supervisão de Pottier e exploraram exaustivamente, no Brasil, o modelo teórico por ele proposto.

2.5.3 Lexicologia soviética: uma ilustre desconhecida

Fora do circuito francês, outros modelos lexicológicos surgiram nessa primeira fase da Lexicologia científica, instaurada nas décadas finais da primeira metade do século XX. Talvez um dos episódios mais representativos na história da Lexicologia europeia esteja relacionado à expressiva produção científica teórica e aplicada que se desenvolveu nos países da antiga União Soviética. Weinreich (1970), ao discorrer sobre o *status* da Lexicologia soviética nos anos 1950, assim se posiciona no início de seu texto:

> Para um observador americano, a coisa mais estranha sobre a lexicologia soviética é o fato de ela existir. […] Os livros didáticos soviéticos atribuem à lexicologia uma proeminência comparável àquela desfrutada pela fonologia e gramática. Uma literatura considerável composta por artigos, dissertações, monografias comparadas ao tamanho de livros, coleções especializadas e um fluxo animado de conferências sobre vários assuntos lexicológicos, refletem a importância considerável da lexicologia na organização dos estudos soviéticos (Weinreich, 1970, p. 60, tradução de Ciça Lopes)[63].

Os linguistas soviéticos entenderam ser a palavra a unidade básica das línguas. Por isso, desenvolveram estudos teóricos e aplicados em todas as dimensões do léxico, formulando teorias e métodos para a descrição das relações morfolexicais, léxico-semânticas, léxico-sintáticas e léxico-estilísticas.

Segundo Weinreich (1970), a Lexicologia soviética se define como uma disciplina linguística que se ocupa do estudo da natureza e das variações lexicais das mais diferentes línguas. Nesse sentido, foram realizados estudos em Lexicologia geral, Lexicologia descritiva, Lexicologia histórica e Lexicologia contrastiva, além das interfaces com os estudos lexicográficos, fraseológicos, tradutórios, pedagógicos, estilísticos e de variação linguística. Para esse pesquisador, são quatro os

[63] "To an American observer, the strangest thing about Soviet lexicology is that it exists. […] Soviet textbooks assign to lexicology a prominence comparable to that enjoyed by phonology and grammar. A sizable literature of articles, dissertations, book-length monographs, specialized collections, and a lively stream of conferences on various lexicological subjects, reflect the relative importance of lexicology in the economy of Soviet scholarship" (Weinreich, 1970, p. 60).

argumentos que justificam a promissora investigação lexicológica[64] na antiga União Soviética:

1) a significação linguística sempre foi objeto de estudo das investigações soviéticas:

> […] a linguística soviética nunca foi infectada com a paralisia dos interesses semânticos que fez com que a maioria dos estudiosos durante o período Bloomfieldiano da linguística dos Estados Unidos abdicasse de toda investigação semântica para outras ciências (Weinreich, 1970, p. 60, tradução de Ciça Lopes)[65].

2) os(as) lexicólogos(as) soviéticos(as) tinham uma sólida formação em história das línguas, filologia e literatura; por essa razão, mesmo no auge da linguística estrutural sincrônica, sempre valorizaram os estudos filológicos e estilísticos, investindo nas pesquisas em Lexicologia histórica: “Sob um sistema universitário que enfatiza o ensino de línguas em sua perspectiva histórica e literária completa, problemas com vocabulário foram respeitados em vez de evitados” (Weinreich, 1963, p. 61, tradução de Ciça Lopes)[66].

3) a antiga União Soviética, por razões políticas e culturais, hipervalorizou os estudos tradutórios, bem como investiu na produção de inúmeros dicionários de/para diferentes línguas — o que demandou a construção de modelos teóricos em Lexicologia para fins lexicográficos, bem como o aprimoramento de princípios da Lexicologia teórica geral em razão dos problemas detectados na prática lexicográfica:

> […] é importante para o lexicólogo colher os frutos das obras lexicográficas alheias, assim como participar pessoalmente dessa obra, pois é o contato imediato e constante com os fatos incontáveis e variados do vocabulário, exigido pela lexicografia, que dão às

[64] Para o reconhecimento das pesquisas produzidas, dos eventos, publicações e seus respectivos autores, sugere-se a leitura integral do artigo de Weinreich (1970).
[65] “Soviet linguistics was never infected with the paralysis of semantic interest which caused most scholars during the Bloomfieldian period of linguistics in the United States to abdicate all semantic investigation to other (ineffectual) sciences” (Weinreich, 1970, p. 60).
[66] “Under a university system stressing the teaching of languages in their full historical and literary perspective, problems of vocabulary have been respected rather than shunned” (Weinreich, 1970, p. 61).

> generalizações científicas seu terreno mais sólido" (Axmanova, p. 3 *apud* Weinreich, 1970, p. 62, tradução de Ciça Lopes)[67].

4) a demanda pela padronização linguística para a fixação de normas de usos lexicais inspirados em/extraídos de referências literárias russas exigiu da Lexicologia russa a elaboração de métodos para análise e tratamento de dados lexicais e fraseológicos autorais, assim como a construção de modelos didáticos para o ensino desse tipo de uso lexical:

> O espírito normativo, amparado pelo pleno apoio moral e factual da erudição linguística, não só resulta na padronização de variáveis lexicais específicas, mas também cria uma atmosfera para o ensino da língua nativa na qual a investigação lexicológica pode florescer (Weinreich, 1970, p. 63, tradução de Ciça Lopes)[68].

Ainda que a Lexicologia soviética tenha se mostrado produtiva, nas palavras de Weinreich (1970), raramente esses estudos são referenciados na bibliografia que circula em manuais de Lexicologia publicados fora do território eslavo, tampouco são citados na produção lexicológica brasileira. São duas as hipóteses para essas ausências: a) dificuldade no acesso ao referencial bibliográfico; b) ausência de traduções dessas obras, originalmente escritas em russo, na sua maioria.

Deslocando-se para o espaço germânico, Schippan (2002) descreve que os primeiros livros de Lexicologia introduzidos na Alemanha derivavam de pesquisas sedimentadas na antiga União Soviética. São obras que datam dos anos 1960-1970, assinadas por linguistas soviéticos como Asja Markovna Iskos e Ada Falkovna Lenkowa (*Deutsche Lexikologie*, 1960); Ksenija A. Lewkowskaja (*Lexikologie der Deutschen Gegenwartssprache*, 1968); Marija D. Stepanova; e Irina I. Černyševa (*Lexikologie der Deutschen Gegenwartssprache*, 1975).

Os principais temas estudados na Alemanha nesse período, sob influência soviética, incidiram sobre a organização de teorias que explicitassem o processo de significação lexical (semasiologia); a descrição dos princípios de estruturação e

---

[67] "[…] it's important for the lexicologist not only to 'reap the fruits' of the lexicographic works of others, but also to take a personal part in such work, for it is the immediate and constant contact with countless and variegated facts of vocabulary, as demanded by lexicography, which provides scientific generalizations with their most solid ground" (Axmanova, p. 3 *apud* Weinreich, 1970, p. 62).

[68] "The normative spirit, bolstered by the full moral and factual support of linguistic scholarship, not only results in the standardization of specific lexical variable, but also creates an atmosphere for teaching the native language in which lexicological investigation can flourish" (Weinreich, 1970, p. 63).

formação das unidades lexicais (morfologia lexical); a construção de uma teoria da designação (onomasiologia); a investigação da história, étimo, origem e transformações históricas do léxico (etimologia); as formas de desenvolvimento do léxico na sociedade (variação lexical); e a descrição do sistema fraseológico (fraseologia). Esses trabalhos seguiram, de acordo com Schippan (2002), ao menos até os anos 1980[69], quando a Lexicologia passou a privilegiar o componente pragmático do léxico, em decorrência das pesquisas em linguística de texto e análise do discurso, que se fixaram nas décadas finais do século XX.

2.5.4 Escola de Praga e a Lexicologia funcional

A Lexicologia tcheca também se sedimentou nos anos 1950, fortemente influenciada pelas ideias que emergiram do Círculo Linguístico de Praga. Fundado em 1926, por Vilém Mathesius (1882-1945), esse Círculo tinha como propósito desenvolver métodos de estudos e de análise de fenômenos da linguagem numa perspectiva funcionalista. Os linguistas que o integravam, em sua maioria tchecos e russos, apresentaram essa nova maneira de pensar a linguagem por meio de um documento que ficou conhecido como as Teses de Praga[70]. O texto é composto por nove teses, sendo as três primeiras voltadas para explicitar os pontos de vista de seus integrantes sobre fatos de linguagem; as demais centram-se numa espécie de programa que deveria ser desenvolvido na linguística eslava.

Para os agentes do Círculo, a língua é entendida como um sistema de elementos formais funcionais (fonemas, morfemas, lexemas etc.) orientado para uma finalidade comunicativa. A natureza das funções linguísticas é que determina o sistema linguístico, razão pela qual o estudo de uma língua deve considerar as variedades das funções linguísticas e de seus modos de realização. Dessa feita, a linguística tcheca se materializa como uma linguística sincrônica dinâmica, que estuda a língua como um sistema funcional em seus diferentes níveis.

---

[69] Há, ainda, na Lexicologia alemã, os adeptos da Escola de Tübingen. Os seguidores dessa escola, regida pelas ideias de Eugênio Coseriu, adotam o termo Lexemática (*Lexematik*), entendido como um método de análise da estrutura semântica do léxico, sendo, portanto, uma subdisciplina da Lexicologia (cf. Coseriu, 2016).

[70] As Teses de Praga foram apresentadas no 1º Congresso Internacional de Linguística, realizado em Haia, na Holanda, em 1928, sendo organizadas para guiar o debate científico do I Congresso de Filólogos Eslavos, realizado em Praga em outubro de 1929, ano de publicação dessas teses.

Nas Teses de Praga, a Lexicologia é reconhecida e definida como “ciência do vocabulário” (Mélanges, 1929). Este último, no entanto, não é tratado como um conjunto de palavras isoladas, mas um “sistema complexo de palavras”, que ora se coordenam, ora se opõem. O desafio da Lexicologia tcheca seria, desde então, construir uma teoria lexical desse sistema e métodos para sua descrição.

Se a Lexicologia francesa de Matoré (1953) tendia a uma abordagem sociológica, Filipec (1996 [1968]) inscreve a Lexicologia tcheca na abordagem funcionalista do estruturalismo praguense:

> Mesmo sabendo que a lexicologia possui relação com outras áreas linguísticas e não linguísticas, assim como lógica, psicologia, sociologia, psicolinguística, matemática, antropologia etc., acreditamos que deve ser priorizada a concepção puramente linguística, considerando como mais benéfica, indubitavelmente, a **abordagem estrutural** (Filipec, 1996 [1968], tradução de Klara Bachurková, grifo do autor)[71].

Filipec (1996 [1968]), em um artigo programático, defende que o léxico deve ser descrito tanto sob o ponto de vista formal quanto sob o ponto de vista funcional. Para esse lexicólogo, uma descrição adequada das unidades lexicais demanda o reconhecimento dos seguintes aspectos: forma, significado, gramaticalidade intralexical, contexto gramatical em que as unidades lexicais são empregadas, estrutura semântica, variação estilística e frequência. Infere-se, desse modo, que a Lexicologia tcheca se propôs a realizar estudos tanto das unidades lexicais em relação ao sistema linguístico quanto em relação aos contextos extralinguísticos.

Autores da Lexicologia tcheca, como Josef Filipec (1915-2001), Josef Vachek (1909-1996), Ludvík Pokorný (1915-1990) e Mirek Čejka (1929-2017), raramente são citados nos manuais de introdução à Lexicologia, tampouco na produção lexicológica brasileira. Contudo, muitas de suas ideias são conhecidas por via indireta, principalmente pelos estudos de Eugênio Coseriu, que seguiu muitos dos princípios da Lexicologia funcionalista tcheca no desenvolvimento de sua teoria lexemática (cf. Coseriu, 2016).

---

[71] “I když chápeme lexikologii ve svazku ostatních úseků lingvistických a mimolingvistických, jako logika, psychologie, sociologie, psycholingvistika, matematika, antropologie aj., přece jen hlavní úsilí musí platit jejímu čistě lingvistickému **pojetí** a propracování. Nejplodnější takové pojetí je bez pochyby **strukturní**” (Filipec, 1996 [1968]).

2.5.5 Interfaces da Lexicologia

Boa parte do que se produziu em vários outros países da Europa entre os anos 1950-1960 em termos de investigação lexicológica ocorreu, de certo modo, pela necessidade de aprimorar as técnicas de elaboração de dicionários, cientificamente planificados. No entanto, durante muito tempo, Lexicologia e lexicografia se confundiram como dois termos distintos para se referir a uma mesma prática: a da elaboração de dicionários. Ciente dessa imprecisão terminológica/conceptual, o filólogo e lexicógrafo espanhol Julio Casares (1877-1964), ao publicar a sua *Introducción a la lexicografia moderna* (Casares 1992 [1950]), obra em que discute os problemas que envolvem a construção de dicionários, defende a distinção entre duas áreas linguísticas, avaliadas por ele como interdependentes. Para esse estudioso, a Lexicologia se ocupa da teorização científica do léxico geral das línguas na dimensão de sua origem, forma e significado, ao passo que a lexicografia é concebida como uma das atividades práticas da Lexicologia:

> […] Do mesmo modo que distinguimos uma ciência da gramática de uma arte da gramática, podemos distinguir duas faculdades, que têm como objetivo comum a origem, a forma e o significado das palavras: a lexicologia, que estuda esses temas sob um ponto de vista geral e científico, e a lexicografia, cuja finalidade, sobretudo utilitária, é corretamente definida no nosso léxico como a "arte de compor dicionários" (Casares, 1992 [1950], p. 10-11, tradução nossa)[72].

Na interpretação desse autor, caberia à Lexicologia subsidiar teoricamente a prática lexicográfica. O lexicólogo se ocuparia da ordenação de princípios gerais, teorias e leis sobre acepções, neologismos, tecnicismos etc., ao passo que o lexicógrafo se valeria dos conhecimentos lexicológicos para a compilação de repertórios léxicos de uma dada língua: "É claro que não se concebe um bom lexicógrafo que não esteja versado o suficiente na Lexicologia de sua época" (Casares, 1992 [1950], p. 10-11, tradução nossa)[73].

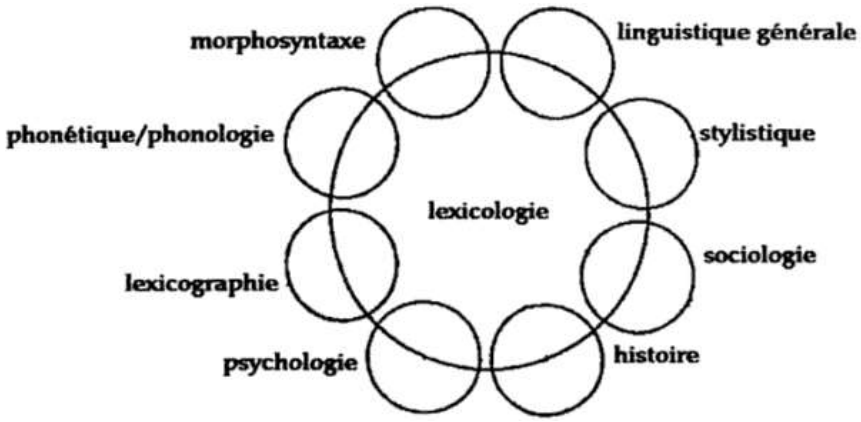
---

[72] "[…] de igual manera que distinguimos una ciencia de la gramática y un arte de la gramática, podemos distinguir dos faculdades, que tienen por objeto común el origen, la forma y el significado de las palabras: la lexicología, que estudia estas materias desde un ponto de vista general y científico, y la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitario, se define acertadamente en nuestro léxico como el 'arte de componer diccionarios'" (Casares, 1992 [1950], p. 10-11).

[73] "Claro es que no se concibe un buen lexicógrafo que no esté suficientemente versado en la lexicologia de su tiempo" (Casares, 1992 [1950], p. 10-11).

Destaca-se que não apenas a lexicografia foi interpretada como uma disciplina de interface com a Lexicologia. O fato de o léxico ser representado por muitos autores em seus aspectos cognitivos, históricos, socioculturais e ideológicos fez da Lexicologia uma disciplina inter e transdisciplinar. Tournier (1998) apresenta uma síntese de como ela foi percebida em relação a algumas áreas de interface (Fig. 12):

Figura 12: Domínios de interface da Lexicologia



Fonte: Tournier, 1998, p. 10.

Observa-se, no esquema anterior, que a Lexicologia ocupa um papel central no estudo científico do léxico. Outras áreas do conhecimento lhe são subsidiárias, num esquema de retroalimentação: no plano aplicado, a Lexicologia estabelece um diálogo com a lexicografia, cujo propósito é elaborar técnicas para repertoriar, classificar e definir palavras, com vistas à elaboração de dicionários; no plano da teorização geral, a Lexicologia se alinha à linguística geral e à psicolinguística; no plano sistêmico, à fonética/fonologia e à morfossintaxe; no plano expressivo, à estilística; no plano discursivo, a Lexicologia recorre aos conhecimentos da história e da sociologia para estudar, de modo interdisciplinar, as transformações lexicais motivadas por fatores sócio-históricos (Tournier, 1998).

Em estudos mais recentes, no entanto, tem-se compreendido que as áreas mais diretamente relacionadas à Lexicologia são a lexicografia, a terminologia, a onomástica e a fraseologia (cf. Isquerdo; Marques, 2023). Destarte, a representação de Tournier (1998) passa a ser interpretada apenas como uma representação possível das interfaces estabelecidas entre a Lexicologia e outras áreas afins.

2.6 Considerações analíticas sobre a origem europeia da Lexicologia

Neste capítulo, buscou-se resgatar as condições históricas sobre as quais o termo «Lexicologia» e seu conceito surgiram, dando origem, na primeira metade do século XX, a uma disciplina de natureza científica que se propôs a construir modelos teóricos e metodológicos sincrônicos para o tratamento do léxico das línguas[74].

É certo que muitos estudos realizados em períodos anteriores ao século XX — ou mesmo ao século XVIII — já se ocupavam de temas lexicais. Entretanto, como defende Rey (1970), a Lexicologia é uma nova ciência para antigas práticas sobre a análise lexical. Conforme exposto, ela surgiu num contexto de construção de gramáticas gerais, em consonância com as ideias iluministas do século XX. Na visão racionalista e universalizante dos estudos da linguagem inseridos na *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert, a Lexicologia deveria dar conta da descrição de fenômenos lexicais comuns a todas as línguas — ainda que a referência usada tenha sido a língua francesa. O fato de a gramática geral se ocupar da "especulação racional dos princípios imutáveis" (Beauzée (1782 [1757]), por serem extensivos a todas as línguas, faz dela uma ciência, aos moldes do pensamento filosófico racionalista. Nesse sentido, a Lexicologia seria uma teoria científica inscrita dentro dos estudos gramaticais que ajudaria a identificar, por meio dos conhecimentos lexicais, as leis universais que regulam o pensamento humano — já que esse era o objetivo perseguido pelos racionalistas (cf. Steuckardt, 2007; Cavaliere, 2022; Bagno, 2023a).

O verbete redigido por Nicolas Beauzée é do tipo programático, na medida em que não define em si o que é Lexicologia, mas sinaliza sua função, que é "explicar tudo o que diz respeito ao conhecimento das palavras". Infere-se que esse "tudo", na imanência do texto enciclopédico, são preocupações nas áreas da fonética/fonologia (*material*), uma vez que recobre temas como articulações sonoras, prosódia, acento, sílaba…; da semântica léxico-gramatical (*valor*), pois discorre sobre temas como nomes próprios e figurados, sinonímia, flexão de gênero, número, caso, tempo, modo,

[74] O(a) leitor(a) poderá se ressentir de outros episódios sobre o desenvolvimento da Lexicologia, como a ausência de nomes ou de informes sobre o que ocorreu em países como a Espanha, Itália, Portugal, México, Canadá, por exemplo. Fato é que a Lexicologia praticada nas primeiras décadas do século XX, em linhas gerais, inspirou-se na Lexicologia francesa, aqui enfatizada por ser a que mais influência exercerá na recepção teórica brasileira. Além disso, "outras Lexicologias" despontam apenas nos anos 1970-1980, ultrapassando os limites aqui planificados. Como destaca Batista (2020, p. 33), "uma historiografia nunca é a totalidade da história. […] O olhar do historiógrafo é seletivo e adota um ponto de vista que considera alguns elementos e descarta outros".

pessoa etc.; e da morfologia/morfologia histórica (*etimologia*), por resgatar os processos de formação de palavras (derivação/composição) e conhecimento de suas raízes. A ordenação programática do verbete vai ao encontro dos propósitos das gramáticas racionalistas, que, em linhas gerais, eram usadas para fins pedagógicos (cf. Cavaliere, 2022).

No que diz respeito à retrodatação do termo em obras lexicográficas, é entre os séculos XVIII e XIX que se sedimentou a inserção dessa unidade terminológica nos dicionários das línguas europeias aqui descritas, confirmando, assim, o início da Lexicologia a partir da publicação do verbete inserido na *Encyclopédie,* de Diderot e d'Alembert (Beauzée (1782 [1757]). No entanto, se Nicolas Beauzée fixou o termo e um conceito preliminar de Lexicologia, atribuindo-lhe um valor aplicativo e programático, visando a uma possível orientação pedagógica para o ensino do francês, seria apenas nos anos finais da primeira década do século XX que a Lexicologia iria encontrar sua identidade acadêmico-científica, ancorada nos moldes da linguística descritiva sincrônica.

Como uma reação à tradição histórico-filológica dos estudos linguísticos/lexicológicos praticados até o início do século XX, Matoré, Greimas e Quemada — três jovens doutorandos da Sorbonne — assumem a liderança intelectual e organizacional e reivindicam a autonomia da Lexicologia, como uma disciplina autônoma da estilística, da morfologia, da semântica, e perspectivam a renovação do método analítico de fenômenos lexicais, herdado da filologia.

De acordo com Chevalier e Encrevé (2006), entre 1900-1945, a linguística francesa foi dominada por duas escolas: a escola filológica de Ferdinand Brunot (1860-1938) e a escola linguística sociológica de Antoine Meillet (1866-1936).

Brunot foi professor da Universidade de Lyon (1883) e depois da Sorbonne (1891), onde fundou o primeiro Instituto de Fonética (1911) da instituição parisiense. Era responsável pela formação de futuros professores que iriam para a educação básica francesa e defendia um ensino moderno, que favorecesse as classes populares. Por sua formação em filologia, estava mais próximo dos historiadores, filiando-se aos pesquisadores dos Annales, principalmente na figura de Lucien Febvre (1878-1956). Assim, seria natural que suas orientações acadêmicas tendessem ou para o ensino ou para a elaboração de teses em numa abordagem histórica da Lexicologia.

Já Meillet, segundo narrado por Bagno (2023b), tinha sido aluno de Saussure e dele foi suplente a partir de 1891. Defendia a linguagem como fato social, argumentando que significados mudam por influência do ambiente vivido. Assim, um dos objetivos da ciência linguística seria elaborar princípios gerais que explicassem essas mudanças. Desse modo, percebe-se que Matoré e Greimas (1948; 1950) e Matoré (1953) apoiam-se nas ideias de Meillet ao postularem que o vocabulário delineia a história da sociedade, uma vez que, segundo eles, o léxico é o reflexo da mudança social de uma época. Nessa dimensão, a Lexicologia contribuiria para a reconstrução dos valores sociais que circularam em uma dada sociedade, inscrita no seu tempo.

Manter-se filiados à escola filológica de Brunot — da qual emergiram as teses de Matoré e Greimas — seria fazer uma Lexicologia do passado, com suas imprecisões metodológicas; filiar-se à linguística sociológica de Meillet seria buscar uma alternativa para o estudo do léxico fora de sua imanência e uma possibilidade para estudar a língua inserida na sua realidade social — opção abraçada pela primeira geração dos mentores da moderna Lexicologia francesa. Coube a Matoré (1953)[75] reforçar a ideia de uma Lexicologia social — na medida em que se ocupa da relação entre léxico e sociedade —, dando-lhe diretrizes para o seu reconhecimento como uma disciplina científica de natureza transdisciplinar, metodologicamente orientada.

A liderança de Quemada também foi essencial para institucionalização da moderna Lexicologia. O programa de investigação de Besançon, sob sua chancela, trazia uma série de inovações: a) no *método* de trabalho, uma vez que incorporou o uso de recursos computacionais e informáticos — avançados para a época — e na automatização de dados extraídos de grandes *corpora* textuais, contribuindo para a sistematização do trabalho de processamento, armazenamento e recuperação de dados lexicais, e dando maior precisão aos resultados de pesquisadas manuais realizadas manualmente; b) no *corpus* analisado, uma vez que introduziu, na pesquisa lexicológica, a análise de textos escritos da mídia impressa cotidiana e a análise da transcrição de textos orais; c) nas *publicações* acadêmicas, uma vez que legitimou a pesquisa lexicológica tanto em manuais quanto em periódicos especializados, de circulação internacional; d) nas *aplicações práticas* da lexicologia em outras áreas,

[75]Como se sabe, Greimas seguiu outros caminhos que o levariam a fundar, mais tarde, a semiótica francesa.

uma vez que os resultados obtidos dessas pesquisas foram aproveitados na renovação de métodos de ensino de línguas estrangeiras e na elaboração de dicionários e outros materiais para fins didáticos; e) na *propagação* da área, uma vez que o Centro de Besançon funcionou como um celeiro para a formação de novos(as) lexicólogos(as).

O que vai ocorrer em outras escolas lexicológicas, nesse momento de institucionalização científica da Lexicologia europeia, é a construção de modelos teóricos de natureza estrutural funcionalista, mais afeitos à descrição de fenômenos intra e interlexicais. Eles irão contribuir para a compreender como as relações morfolexicais, léxico-semânticas e/ou léxico-estilísticas se estruturam no funcionamento linguístico e como fazer uso desses conhecimentos em áreas de interface, como a Lexicografia.

Feitas essas considerações, passa-se, a seguir, à descrição e análise historiográficas do processo de recepção à Lexicologia europeia no cenário brasileiro, a partir da implantação da disciplina Linguística como componente obrigatório dos cursos de Letras, na década de 60 do século passado. É o que se apresenta no próximo capítulo, centrado nos parâmetros externos da investigação historiográfica, bem como no subsequente, pautado nos parâmetros internos.

3 A LEXICOLOGIA NO BRASIL: PARÂMETROS EXTERNOS

Neste capítulo, são descritos e analisados alguns dos percursos históricos que contribuíram para o reconhecimento do processo de recepção da Lexicologia no Brasil, bem como de sua institucionalização acadêmica a partir da década de 60 do século XX. Trata-se de um estudo ancorado nos parâmetros externos da investigação historiográfica (cf. 1.4.1.1), neles pressupostos os fatores sociais, intelectuais, culturais e políticos que, de forma direta ou indireta, influenciaram a produção lexicológica nacional. Fundamenta-se essa tarefa no princípio da contextualização histórica e intelectual (cf. 1.4.2.1), destacando-se, portanto, o clima de opinião predominante no período em que as fontes documentais aqui analisadas foram produzidas.

O capítulo se organiza em torno de um trabalho epi-historiográfico, na acepção que lhe é atribuído por Swiggers (2019). Para esse epistemólogo, a epi-historiografia se ocupa da história dos agentes e dos produtos materiais que deram tangibilidade ao conhecimento linguístico produzido, situando-os contextualmente. O trabalho epi-historiográfico, assim concebido, concentra-se na ação de pesquisadores individuais, grupos de pesquisadores, líderes intelectuais e organizacionais e outros possíveis agentes históricos envolvidos nos eventos sob análise, bem como dos produtos elaborados, por exemplo, livros, artigos, textos eletrônicos etc., de onde são extraídos os dados que se busca investigar.

Nessa perspectiva, o *corpus* que serviu de fonte documental primária para esse estudo é composto por textos acadêmicos elaborados por agentes de recepção, divulgação e produção de conhecimentos linguísticos, explicitamente filiados à Lexicologia. Foram selecionados como fontes primárias: teses, dissertações, livros, artigos, resumos de comunicações e outros trabalhos monográficos resultantes de pesquisa de especialização ou de iniciação científica.

Como fonte documental secundária, foram considerados quaisquer outros produtos que auxiliassem a reconstrução historiográfica do contexto de produção dos documentos que serviram de fonte primária, isto é, livros e manuais de introdução aos estudos linguísticos, resenhas, notas de rodapé, informes registrados em currículo Lattes etc. Foram excluídos do *corpus* os inúmeros trabalhos que versam sobre tema lexical, mas que não se filiam explicitamente à Lexicologia, conforme registrado no

capítulo 1. Por essa razão, muitos trabalhos em onomástica, lexicografia, terminologia, morfologia, etimologia e outras áreas afins só foram citados quando da necessidade de explicitar algum dado sobre a investigação lexicológica.

Para análise dos itens coletados, foram verificadas informações referentes aos seguintes elementos externos: a) dados acadêmicos dos agentes de recepção, produção e divulgação de ideias lexicológicas; b) contextualização histórica e intelectual, de modo destacar o clima de opinião em que surgiram os estudos linguísticos/lexicológicos dos anos 1960; c) produção acadêmica, liderança intelectual e organizacional, formação de grupos de especialidade.

3.1 Apresentação dos dados

A principal fonte de referência para levantamento dos dados, conforme descrito no primeiro capítulo, foi a plataforma Lattes, por meio de seu acervo digital de currículos acadêmicos e de grupos de pesquisas reconhecidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A partir dos itens coletados nessa plataforma, foram mapeados os textos produzidos, e passou-se à construção de um panorama do perfil dos pesquisadores que declararam explicitamente terem realizado trabalhos na área da Lexicologia.

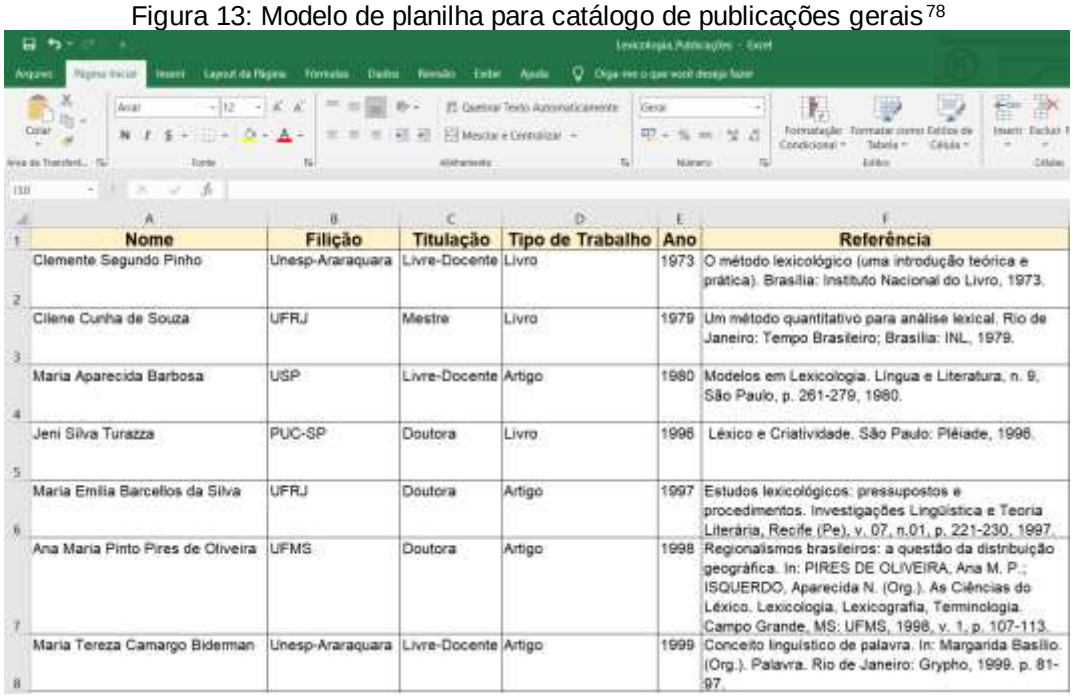
Consciente do fato de que essa plataforma não contempla todas as informações necessárias — por erros técnicos, pela ausência de dados e até mesmo pela inexistência de cadastro de pesquisadores[76] — outros levantamentos foram realizados, sobretudo a partir de informes disponibilizados *on-line*, coletados em *sites* de bibliotecas universitárias, livrarias virtuais ou identificados pelo sistema de busca eletrônica Google (cf. 1.5.1.2). Não menos importante, foram consultados os artigos publicados em periódicos acadêmicos e capítulos de livros, muitos deles não digitalizados, mas que constavam tanto de bibliotecas universitárias[77] quanto do acervo pessoal do pesquisador.

[76] Muitos pesquisadores morreram ou se aposentaram antes da existência dessa plataforma; outros não têm currículo cadastrado; vários registram apenas informações mais recentes; alguns inserem informações inconsistentes ou incompletas, com relação a datas e locais de publicação. De qualquer forma, é inegável a contribuição da plataforma para um panorama do quadro de trabalhos científicos que foram produzidos no Brasil.

[77] Em razão da obrigatoriedade de isolamento social no período pandêmico por covid-19, bem como de suas consequências, o que se estendeu entre os anos 2020-2022, alguns levantamentos previstos

Os dados referentes a artigos, anais de congressos, comunicações orais e resumos foram catalogados em uma planilha do programa Microsoft Excel, contendo os seguintes informes: nome do(a) pesquisador(a); filiação acadêmica; titulação; natureza do trabalho; ano de publicação; e referência completa da publicação, conforme o modelo seguinte (Fig. 13), inserido a título de exemplificação:

Figura 13: Modelo de planilha para catálogo de publicações gerais[78]



	A	B	C	D	E	F
1	**Nome**	**Filição**	**Titulação**	**Tipo de Trabalho**	**Ano**	**Referência**
2	Clemente Segundo Pinho	Unesp-Araraquara	Livre-Docente	Livro	1973	O método lexicológico (uma introdução teórica e prática). Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.
3	Cilene Cunha de Souza	UFRJ	Mestre	Livro	1979	Um método quantitativo para análise lexical. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.
4	Maria Aparecida Barbosa	USP	Livre-Docente	Artigo	1980	Modelos em Lexicologia. Língua e Literatura, n. 9, São Paulo, p. 261-279, 1980.
5	Jeni Silva Turazza	PUC-SP	Doutora	Livro	1996	Léxico e Criatividade. São Paulo: Pléiade, 1996.
6	Maria Emília Barcellos da Silva	UFRJ	Doutora	Artigo	1997	Estudos lexicológicos: pressupostos e procedimentos. Investigações Lingüística e Teoria Literária, Recife (Pe), v. 07, n.01, p. 221-230, 1997.
7	Ana Maria Pinto Pires de Oliveira	UFMS	Doutora	Artigo	1998	Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: PIRES DE OLIVEIRA, Ana M. P.; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande, MS: UFMS, 1998, v. 1, p. 107-113.
8	Maria Tereza Camargo Biderman	Unesp-Araraquara	Livre-Docente	Artigo	1999	Conceito linguístico de palavra. In: Margarida Basílio. (Org.). Palavra. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.

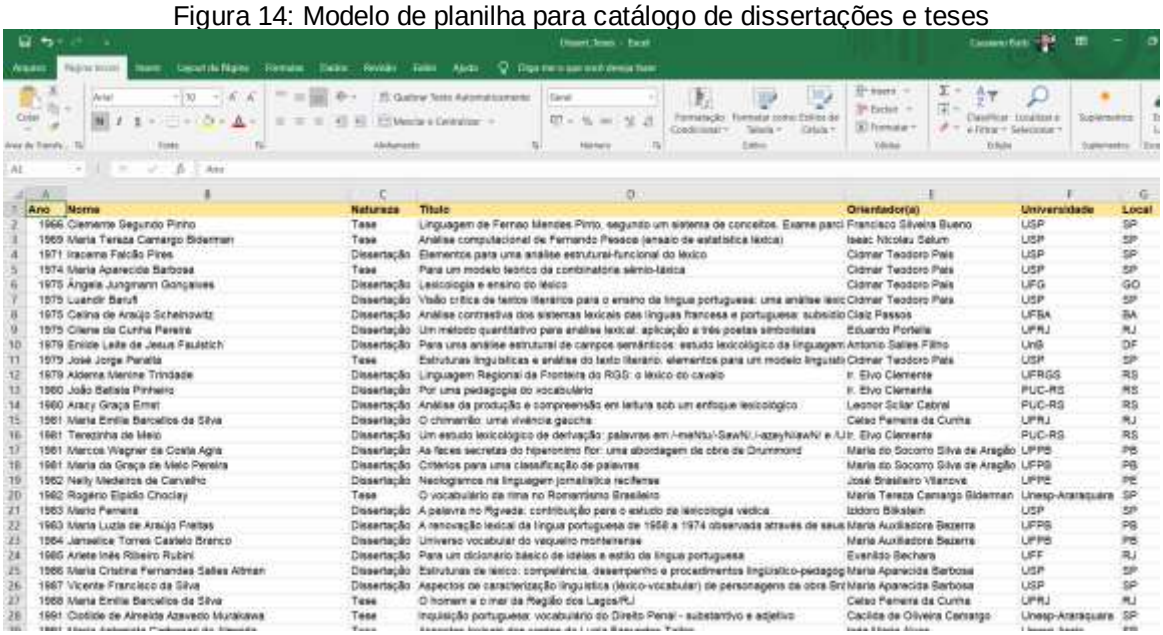
Fonte: Elaboração própria.

Já os dados referentes a trabalhos finais de curso, resultantes de orientação acadêmica, como dissertações e teses, foram inseridos em outra planilha (Fig. 14), acrescentando-se o nome do(a) orientador(a) responsável pela pesquisa.

para serem realizados *in loco*, tiveram de ser descontinuados. Por essa razão, boa parte da pesquisa teve como principal fonte de extração de dados o que está disponibilizado em plataformas digitais.

[78] As informações são descritas de acordo com o *status* acadêmico de cada autor(a), em relação a cada uma de suas produções, avaliadas sempre individualmente. Na Fig. 13, por exemplo, a Profa. Cilene Cunha de Souza [Cilene da Cunha Pereira (1952-2019)] está categorizada como mestre, pois essa era a sua titulação no ano em que o referido livro foi publicado. No entanto, está categorizada como doutora nos textos publicados por ela depois de 1988, ano em que obteve sua nova titulação.

Figura 14: Modelo de planilha para catálogo de dissertações e teses



Ano	Nome	Natureza	Título	Orientador(a)	Universidade	Local
1966	Clemente Segundo Pinho	Tese	Linguagem de Ferreo Mendes Pinto, segundo um sistema de conceitos. Exame parci	Francisco Silveira Bueno	USP	SP
1969	Maria Teresa Camargo Biderman	Tese	Análise computacional de Fernando Pessoa (ensaio de estatística léxica)	Isaac Nicolau Salum	USP	SP
1971	Iracema Falcão Pires	Dissertação	Elementos para uma análise estrutural-funcional do léxico	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1974	Maria Aparecida Barbosa	Tese	Para um modelo teórico da combinatória sêmio-léxica	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1975	Ângela Jungmann Gonçalves	Dissertação	Lexicologia e ensino do léxico	Cidmar Teodoro Pais	UFG	GO
1975	Luandir Baruffi	Dissertação	Visão crítica de textos literários para o ensino da língua portuguesa: uma análise lexic	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1975	Celina de Araújo Scheinowitz	Dissertação	Análise contrastiva dos sistemas lexicais das línguas francesa e portuguesa: subsídio	Cleiz Passos	UFBA	BA
1975	Chiara da Cunha Pereira	Dissertação	Um método quantitativo para análise lexical: aplicação a três poetas simbolistas	Eduardo Portella	UFRJ	RJ
1979	Enilde Leite de Jesus Faulstich	Dissertação	Para uma análise estrutural de campos semânticos: estudo lexicológico da linguagem	Antonio Salles Filho	UnB	DF
1979	José Jorge Peralta	Tese	Estruturas linguísticas e análise do texto literário: elementos para um modelo linguísti	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1979	Aldenia Menine Trindade	Dissertação	Linguagem Regional da Fronteira do RGS: o léxico do cavalo	Ir. Elvo Clemente	UFRGS	RS
1980	João Batista Pinheiro	Dissertação	Por uma pedagogia do vocabulário	Ir. Elvo Clemente	PUC-RS	RS
1980	Aracy Graça Ernst	Dissertação	Análise da produção e compreensão em leitura sob um enfoque lexicológico	Leonor Scliar Cabral	PUC-RS	RS
1981	Maria Emília Barcellos da Silva	Dissertação	O chimarrão: uma vivência gaúcha	Celso Ferreira da Cunha	UFRJ	RJ
1981	Terezinha de Melo	Dissertação	Um estudo lexicológico de derivação: palavras em /-maNtu/-SawN/,/-azeyNawN/ e /-Ur.	Ir. Elvo Clemente	PUC-RS	RS
1981	Marcos Wagner da Costa Agra	Dissertação	As faces secretas do hiperônimo flor: uma abordagem da obra de Drummond	Maria do Socorro Silva de Aragão	UFPB	PB
1981	Maria da Graça de Melo Pereira	Dissertação	Critérios para uma classificação de palavras	Maria do Socorro Silva de Aragão	UFPB	PB
1982	Nelly Medeiros de Carvalho	Dissertação	Neologismos na linguagem jornalística recifense	José Brasileiro Vilanova	UFPE	PE
1982	Rogério Elpídio Chociay	Tese	O vocabulário da rima no Romanceiro Brasileiro	Maria Tereza Camargo Biderman	Unesp-Araraquara	SP
1983	Mario Ferreira	Dissertação	A palavra no Rgveda: contribuição para o estudo da lexicologia védica	Izidoro Blikstein	USP	SP
1983	Maria Luzia de Araújo Freitas	Dissertação	A renovação lexical da língua portuguesa de 1958 a 1974 observada através de seus	Maria Auxiliadora Bezerra	UFPB	PB
1984	Janelice Torres Castelo Branco	Dissertação	Universo vocabular do vaqueiro monteirense	Maria Auxiliadora Bezerra	UFPB	PB
1985	Arlete Inês Ribeiro Rubini	Dissertação	Para um dicionário básico de idéias e estilo da língua portuguesa	Evanildo Bechara	UFF	RJ
1986	Maria Cristina Fernandes Salles Altman	Dissertação	Estruturas de léxico: competência, desempenho e procedimentos lingüístico-pedagog	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP
1987	Vicente Francisco da Silva	Dissertação	Aspectos de caracterização lingüística (léxico-vocabular) de personagens da obra Sra	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP
1988	Maria Emília Barcellos da Silva	Tese	O homem e o mar da Região dos Lagos/RJ	Celso Ferreira da Cunha	UFRJ	RJ
1991	Clotilde de Almeida Azavedo Murakawa	Tese	Inquisição portuguesa: vocabulário do Direito Penal - substantivo e adjetivo	Cecília de Oliveira Camargo	Unesp-Araraquara	SP

Fonte: Elaboração própria.

A partir desses dados, foi possível sistematizar as informações necessárias para a construção do perfil dos(as) pesquisadores(as) que se reconhecem como atuantes na área dos estudos lexicológicos, bem como de suas produções. É o que se apresenta a seguir.

3.1.1 Perfil descritivo dos agentes de recepção, produção e divulgação

3.1.1.1 Titulação

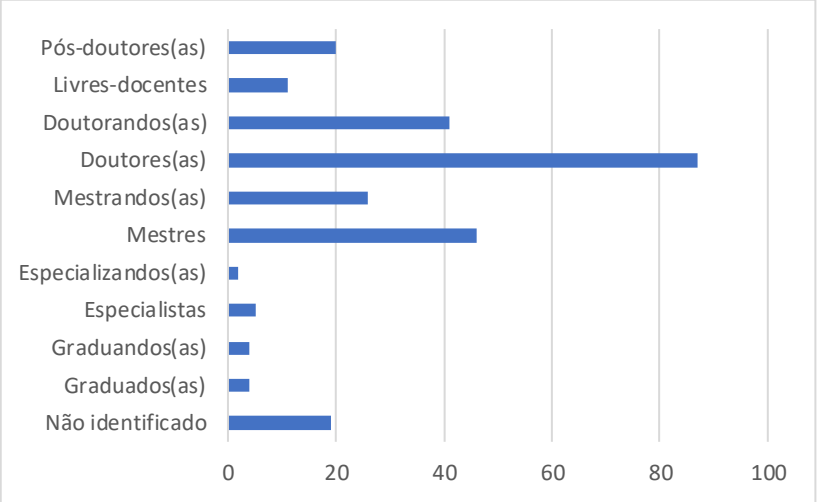
O número de agentes responsáveis pela produção, divulgação e institucionalização das pesquisas lexicológicas no Brasil, no período de 1960-2000, esteve circunscrito a 265 nomes[79], envolvendo estudantes, professores(as) e pesquisadores(as).

No que diz respeito à situação acadêmica na segunda metade do século XX, foi possível identificar e quantificar o seguinte perfil: a) graduados(as) com bacharelado ou licenciatura: 4; b) graduandos(as): 4; c) especialistas: 5; d)

[79] Ressalvadas todas as dificuldades para obtenção desse dado numa pesquisa individual, foram mapeadas as informações completas de 242 agentes; logo, para os 23 agentes restantes, só foi possível identificar alguns informes.

especializandos(as): 2; e) mestres: 46; f) mestrandos(as): 26; g) doutores(as): 87; h) doutorandos(as): 41; i) livres-docentes: 11; j) pós-doutores(as): 20; k) titulação não identificada: 19. Esses dados podem ser ilustrados de acordo com o Gráfico 1:

Gráfico 1: Pesquisa lexicológica no Brasil – situação acadêmica



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico revela uma diversidade no nível de formação acadêmica daqueles(as) que desenvolveram algum tipo de pesquisa lexicológica no século XX: da graduação aos níveis mais elevados, como a livre-docência e/ou os estágios de pós-doutoramento, nota-se um alto nível de especialização desses agentes, sendo a maioria doutores(as), mestres ou doutorandos(as).

O número mais baixo de estudos em graduação pode se justificar pelos seguintes fatores: ausência na oferta de disciplinas específicas de estudos lexicais/lexicológicos nesse nível inicial de formação ou mesmo falta do registro das pesquisas de iniciação científica (ICs) e/ou de trabalhos de conclusão de curso (TCCs) nas plataformas digitais, como a do currículo Lattes[80].

Há de se destacar um número significativo de pesquisadores(as) que obtiveram títulos de livre-docência e/ou realizaram um ou mais estágios de pós-doutoramento. A título de ilustração, é o caso de Cidmar Teodoro Pais e Maria Aparecida Barbosa, cada um com 2 pós-doutorados; Maria do Socorro Silva de Aragão, com 3 pós-

[80] Sabe-se que muitos discentes de graduação não têm o hábito de registrar dados sobre sua vida acadêmica na plataforma Lattes. Muitos, inclusive, desconhecem o que seja essa plataforma.

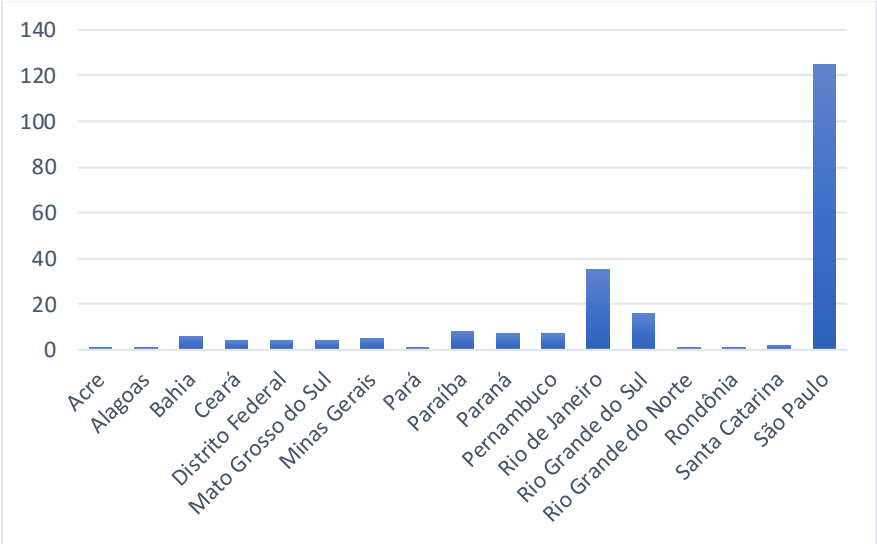
doutorados; Ieda Maria Alves, com 4 pós-doutorados; e Maria Tereza Camargo Biderman, com 9 pós-doutorados.

3.1.1.2 Distribuição geográfica

Ao considerar o espaço geográfico onde os(as) pesquisadores(as)/estudantes obtiveram sua maior titulação até o final do ano 2000, constata-se que 228 deles(as) realizaram suas teses, dissertações, monografias e TCCs dentro do território nacional, e 30 em Universidades estrangeiras.

Os dados nacionais estão distribuídos de acordo com a seguinte quantificação: a) Acre: 1; b) Alagoas: 1; c) Bahia: 6; d) Ceará: 4; e) Distrito Federal: 4; f) Mato Grosso do Sul: 4; g) Minas Gerais: 5; h) Pará: 1; i) Paraíba: 8; j) Paraná: 7; k) Pernambuco: 7; l) Rio de Janeiro: 35; m) Rio Grande do Norte: 1; n) Rio Grande do Sul: 16; o) Rondônia: 1; p) Santa Catarina: 2; q) São Paulo: 125. Não foram identificadas 7 localizações. Esses dados podem ser ilustrados de acordo com o Gráfico 2:

Gráfico 2: Titulação no Brasil – distribuição geográfica



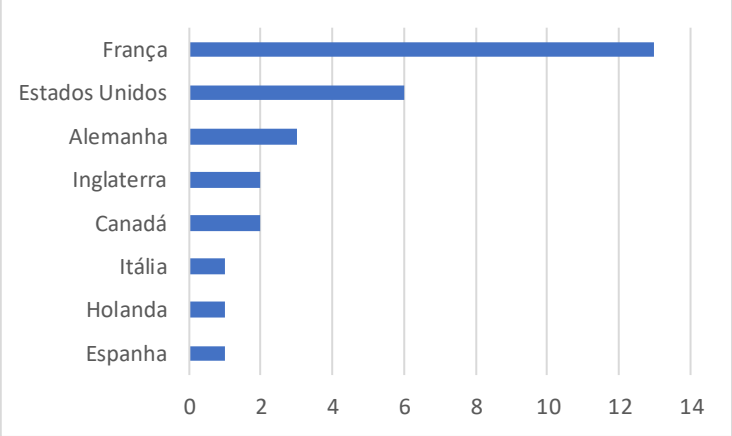
Fonte: Elaboração própria.

Como se observa, a maior concentração é nas regiões sudeste e sul do Brasil, com predominância dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Há uma baixa incidência na titulação obtida em universidades das regiões norte e nordeste, como Acre e Alagoas, respectivamente.

Com relação à titulação obtida no exterior, observou-se a seguinte distribuição: a) Espanha: 1; b) Holanda: 1; c) Itália: 1; d) Canadá: 2; e) Inglaterra: 2; f) Alemanha: 3; g) Estados Unidos: 7; h) França: 13. As universidades citadas foram: Espanha: Universidad Pompeu Fabra; Holanda: Universidade Católica de Nijmegen; Itália: Pontifício Ateneu Antonianum; Canadá: Université Laval; Inglaterra: University of Bristol; Alemanha: Freie Universität Berlin; Johannes Gutenberg Universität Mainz; Universität Freiburg; Estados Unidos: Massachusetts Institute of Technology – MIT; State University of New York; University of California – Berkeley; University of Pennsylvania; University of Southern California; University of Sussex; University of Texas; França: École des Hautes Études en Sciences Sociales; École Normale Supérieure de Lyon; Université de Nice-Sophia Antipolis; Université de Strasbourg; Université de Toulouse Le Mirail; Université Lumière Lyon2; Université Paris Diderot (Paris 7); Université Paul Valéry Montpellier III; Université Sorbonne Nouvelle (Paris 3).

Esses dados podem ser ilustrados de acordo com o Gráfico 3:

Gráfico 3: Titulação no Exterior – distribuição geográfica



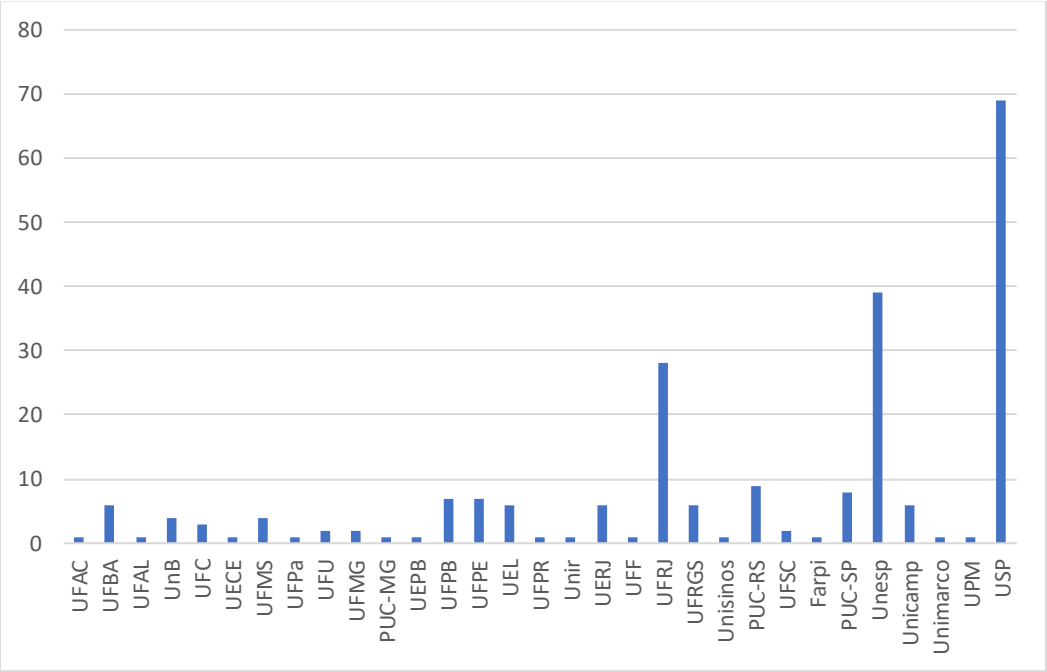
Fonte: Elaboração própria.

França e Estados Unidos foram os países nos quais os especialistas obtiveram seus títulos de doutorado, livre-docência ou onde realizaram estágios de pós-doutorado. Esse dado é relevante para observar a recepção brasileira à Lexicologia francesa, bem como do argumento da influência de ideias francesas predominantes no Brasil, se comparada aos estudos realizados em outros países.

3.1.1.3 Filiação acadêmica

Com relação às universidades a que os agentes estavam filiados quando produziram suas investigações em Lexicologia, seja como discente, docente e/ou pesquisador(a), verificou-se uma predominância na participação de membros oriundos de universidades públicas, principalmente daquelas alocadas no sudeste do país — Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) — conforme ilustrado no Gráfico 4.

Gráfico 4: Filiação acadêmica



Fonte: Elaboração própria.

Além das três universidades citadas, fazem parte do *corpus* estudado as seguintes instituições: Faculdade Rio-pretense de Filosofia Ciências e Letras (Farpi), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Universidade de Brasília (UnB), Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual do Ceará (Uece), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), Universidade Federal da Bahia (Ufba), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de

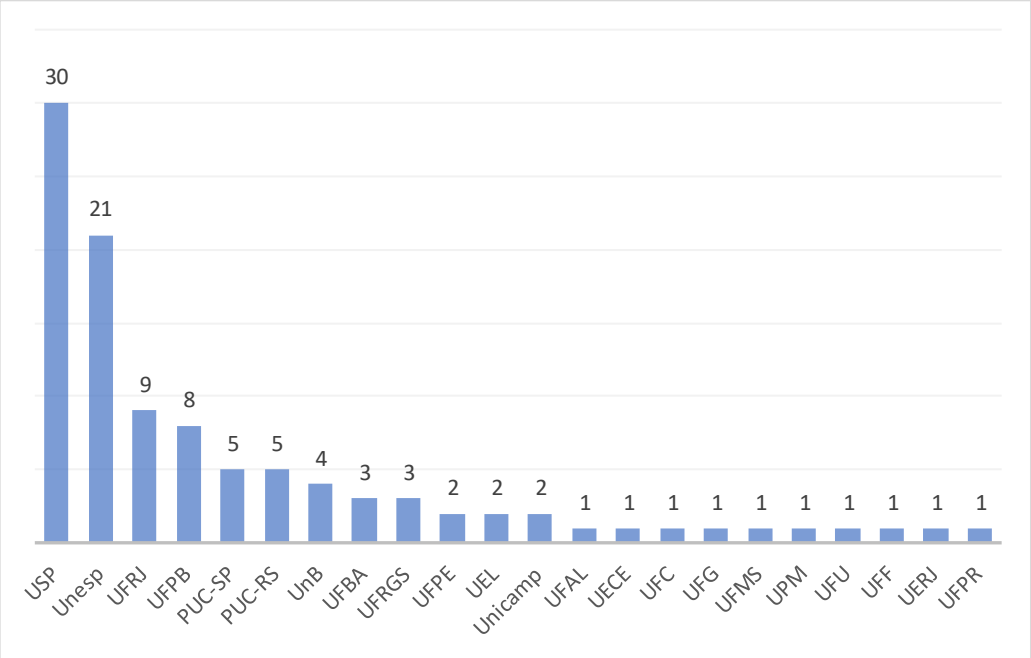
Alagoas (Ufal), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Rondônia (Unir), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal do Acre (Ufac), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Pará (Ufpa), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Universidade São Marcos (Unimarco, SP).

3.1.2 Perfil descritivo das publicações realizadas

3.1.2.1 Dissertações e teses

Foram identificadas 68 dissertações de mestrado e 36 teses de doutorado defendidas, totalizando, desse modo, 104 trabalhos em nível de pós-graduação *stricto-sensu* (mestrado e doutorado). Esses estudos foram realizados em universidades de várias regiões do país, de acordo com a seguinte distribuição: Centro-oeste: 6 trabalhos (Unb: 4; UFG: 1; UFMS: 1); Nordeste: 16 trabalhos (UFPB: 8; Ufba: 3; UFPE: 2; Uece: 1; Ufal: 1; UFC: 1); Sudeste: 71 trabalhos (USP: 30; Unesp: 21; UFRJ: 9; PUC-SP: 5; Unicamp; 2; Uerj: 1; UFU: 1; UFF: 1; UPM: 1); Sul: 11 trabalhos (PUC-RS: 5; UFRGS: 3; UEL: 2; UFPR: 1).

Gráfico 5: Distribuição de dissertações e teses por universidade



Fonte: Elaboração própria.

Observa-se, na representação do Gráfico 5, uma concentração de pesquisas lexicológicas na região sudeste, sendo USP, Unesp e UFRJ as universidades que responderam por 57,69% das produções de dissertações e teses nas quatro décadas finais do século XX. Mesmo que a produção seja menos expressiva em outras regiões, vale destacar a representatividade dessas investigações em quatro das cinco regiões do Estado brasileiro.

Esse informe permite compreender os seguintes processos de institucionalização da pesquisa lexicológica: a) quais foram as universidades que se ocuparam da elaboração de estudos científicos sobre o léxico; b) onde se formaram os primeiros agentes de produção, recepção e circulação de ideias lexicológicas; c) em quais regiões/universidades estavam sendo ofertadas disciplinas de Lexicologia e/ou organizadas linhas de pesquisas nessa área; d) em quais regiões/universidades estavam os líderes intelectuais e organizacionais responsáveis por formar as primeiras gerações de lexicólogos(as) brasileiros(as).

Chama a atenção o baixo número de trabalhos defendidos em universidades privadas. Salvo os da PUC-RS, PUC-SP e UPM, o panorama destaca as universidades públicas federais e estaduais como sendo o *locus* preferencial de acolhimento desse tipo de investigação. Uma justificativa possível para esse fato pode

ter relação com a concentração de cursos de pós-graduação em estabelecimentos de ensino superior público — ao contrário dos cursos de graduação, predominantes em universidades privadas (Neves, 2002).

Na lista de orientadores(as) dos trabalhos, é possível constatar tanto profissionais que se dedicavam a outros temas e áreas, como a semiótica, a fonética/fonologia, a geolinguística, a análise do discurso, etc. quanto a atuação daqueles(as) que se representavam como especialistas na área dos estudos lexicais (cf. Apêndice). Antonieta Laface (Unesp), Cidmar Teodoro Pais (USP), Enilde Leite de Jesus Faulstich (UnB), Ir. Elvo Clemente (PUC-RS), Jeni Silva Turazza (PUC-SP), Maria Aparecida Barbosa (USP), Maria Tereza Camargo Biderman (Unesp), por exemplo, foram os(as) docentes que orientaram três ou mais pesquisas em Lexicologia[81].

Em termos de distribuição das pesquisas por período, verificou-se ser a década de 1990 a mais produtiva no que diz respeito à elaboração de dissertações e teses em Lexicologia (cf. Tabela 1):

Tabela 1: Distribuição de dissertações e teses por universidade

Período	Dissertações	Teses	Total
Anos 1960	--	2	2
Anos 1970	7	2	9
Anos 1980	13	2	15
Anos 1990	44	25	69
Ano 2000	4	5	9

Fonte: Elaboração própria.

Uma interpretação possível para esse crescimento pode ser associada ao avanço da área – uma vez que muitos dos doutores formados nas primeiras décadas transladaram-se ao papel de orientadores nas décadas subsequentes – bem como à expansão do ensino superior nos anos 1990. Foi nessa década que Capes se fixou como a principal agência de fomento do sistema nacional de pós-graduação, auxiliando o Ministério da Educação na avaliação de cursos e na implantação de

[81] Os nomes citados são apenas uma amostra desse cenário. Uma análise dos currículos de outros(as) docentes aponta para maior número de orientações em lexicografia, terminologia e antroponímia, por exemplo.

políticas para concessão de bolsas de estudos. Foi também nessa década que o mercado de trabalho passou a exigir, além da qualificação profissional, especialistas titulados, de sorte a promover uma ascensão nas matrículas em cursos de graduação e pós-graduação. Neves (2002) apresenta alguns dados quantitativos que mostram a ascensão nos cursos de pós-graduação no Brasil entre os anos 1976-1994:

> Em 1976, estavam matriculados 28.642 alunos, tendo sido titulados 2.387 (destes, apenas 188 doutores). Em 2000, o número de matriculados elevou-se para 120.336 e o de titulados para 23.718 (destes, 5.344 doutores). Entre 1976 e 1994, o ensino superior cresceu cerca de 30%. A pós-graduação, no mesmo período, cresceu 130% (Neves, 2002, s/p)

Conforme se verifica na Tabela 1, a produção científica do ano 2000 ratifica a expansão e consolidação da pesquisa lexicológica brasileira no século XX. Em um único ano, foram defendidos 9 trabalhos de pós-graduação — número similar ao que foi produzido em uma década inteira, se comparado aos dados dos anos 1970.

3.1.2.2 Monografias de especialização

Com relação às pesquisas realizadas em cursos de pós-graduação *lato sensu* — especialização, pode-se afirmar que o registro desse tipo de produção é menos frequente nos portais eletrônicos das bibliotecas. De qualquer modo, nos dados extraídos dos currículos Lattes, foi possível observar um interesse pela produção de monografias de especialização desde a década de 70.

Quadro 1: Amostra de monografias realizadas em cursos de Especialização

Ano	Universidade	Autoria	Título do Trabalho	Orientador(a)
1977	UFC	Maria Silvana Militão de Alencar	Vocabulário de Seca na Obra de Rachel de Queiroz	Maria do Socorro Silva de Aragão
1987	PUC-SP	José Carlos Jadon	Lexicologia: modificações históricas na Língua Portuguesa	Leonor Lopes Fávero
1992	UFCG	Alfredina Rosa Oliveira do Vale	Análise semântica do vocabulário comum marcado utilizado pelo universitário campinense para designar os órgãos sexuais masculino e feminino	Maria Auxiliadora Bezerra e Inês Signorini
1992	UNIMARCO	Aparecida Helena Rocha Tinelli	Lexicologia: Campos Semânticos	João Hilton Sayeg de Siqueira
1996	UFAL	Pedro Antonio Gomes de Melo	Processos Neológicos no Jornalismo Político Maceioense	Aldir Santos de Paula
1998	UEL	Flavia Adriane Sant Ana Cabral	Estudo Léxico-Semântico em Adrianópolis: primeiros passos	Vanderci de Andrade Aguilera.
1999	UFMS	Ana Paula Tribesse Patrício Dargel	Ensino do vocabulário no 1º grau: um estudo nas turmas de 8ª série da cidade de Naviraí	Aparecida Negri Isquerdo

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 1 é apenas uma mostra do que foi produzido no período estudado. Como registrado, os trabalhos monográficos de cursos de especialização não costumam ser publicados nos *sites* das universidades e nem sempre estão disponíveis para consulta nas bibliotecas físicas locais. Desse modo, a única referência para uma análise desse tipo de produção são seus dados externos. Os trabalhos aqui indicados foram inscritos na área da Lexicologia, de acordo com o registro em portais eletrônicos — alguns deles com o resumo — e/ou das descrições apontadas nos Lattes de seus realizadores.

A amostra permite compreender que a investigação lexicológica em cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização) foi realizada no Brasil em concomitância com as pesquisas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), uma vez que há notícias de trabalhos elaborados desde os anos 1970. Outro dado relevante é a produção de pesquisas em diferentes regiões do Brasil (Alagoas, Ceará, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, São Paulo); ainda que em número limitado, trata-se do reconhecimento da Lexicologia em diferentes universidades brasileiras.

3.1.2.3 TCCs e ICs

Os trabalhos acadêmicos produzidos em cursos de graduação são fundamentais para entender o processo de formação inicial em uma área do saber, bem como para realizar algumas prospecções sobre temas a serem estudados, investigações a serem continuadas, linhas de pesquisas a serem sedimentadas e, não menos importante, vislumbrar a formação de novas gerações de pesquisadores.

O acesso aos trabalhos de conclusão de curso (TCCs) também é muito restrito ou inexistente. Uma das razões é o fato de o TCC em nível de graduação não ter sido uma obrigatoriedade no século XX, por isso o registro desse tipo de produção é mais raro[82].

As pesquisas de Iniciação Científica (ICs), contudo, foram noticiadas em muitos resumos de eventos científicos, de modo a que se pudesse ter um panorama mais realístico das pesquisas realizadas. A produtividade se dá nos anos 1990 e ultrapassa o número de 100 trabalhos orientados[83]. No geral, são estudos que buscam alimentar as pesquisas coordenadas por um(a) professor(a) especializado(a) na área dos estudos lexicais, que ministra disciplina de Lexicologia na graduação ou na pós-graduação.

Os trabalhos emergem principalmente das universidades federais (Ufac, UFC, UFMS, Ufpa, UFRGS, UFRJ, UFRN, Ufro, UnB) ou das estaduais da região sudeste do país (Uerj, Unesp, USP), muitos deles contemplados com bolsas financiadas por órgãos de fomento como CNPq. Sinalizam-se, desse modo, a visibilidade da pesquisa lexicológica, o reconhecimento da área e a importância de investimento nesse setor.

[82] Como exemplo, João Batista Neto Chamadoira registra ter orientado o TCC “O Campo Lexical do Futebol na Copa do Mundo de 1998”, realizado por Eduardo Ribeiro Del Claro (Unesp, 1999); já Karine Marielly Rocha da Cunha registra o título “Tradução de obra lexicológica”, como TCC orientado por Claudia Xatara (Unesp, 2000).

[83] Mais de 40 trabalhos estão associados ao *Observatório de neologismos científicos e técnicos do português contemporâneo*, sob orientação de Ieda Maria Alves (USP).

Figura 15: Amostra de projetos de IC

	A	B	C
1	**Projeto**	**Orientador(a) responsável**	**Filiação**
2	A Importância do Linguista (lexicógrafo - lexicólogo) na criação de um dicionário	Edione trindade de Azevedo	UFRJ
3	Aspectos fonético-fonológicos do léxico da rede-de-dormir	Antonio Luciano Pontes	UFC
4	Comparação lexical das variantes da língua Kayapó	Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.	UFPa
5	Dicionário morfológico eletrônico da língua portuguesa	Egon Ricardo Massing	Unisinos
6	Estudo de lexicologia: português arcaico	Zenobia Collares Moreira Cunha.	UFRN
7	Estudos lexicológico, léxico-semântico e lexicográfico do falar dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro	Maria Emilia Barcellos da Silva	UFRJ
8	Léxico da Língua Moré	Celso Ferrarezi Junior	UFRO
9	Léxico Panlatino (da Internet; de Biotecnologia); Frutalex - Léxico Multilíngue de Frutas para Exportação	Enilde Leite de Jesus Faulstich	UnB
10	Léxico regional do MS	Ana Maria Pinto Pires de Oliveira	UFMS
11	O seringueiro acreano: um estudo lexical	Luiza Galvão Lessa	UFAC
12	O seringueiro no corte da seringa: um estudo lexical nos Vales do Purus, Acre e Juruá	Glória Maria Benício da Silva Dias	UFAC
13	Observatório de neologismos científicos e técnicos do português contemporâneo	Ieda Maria Alves	USP
14	Um estudo léxico-semântico do campo léxico da flora na região do Pantanal da Nhecolândia	Aparecida Negri Isquerdo	UFMS

Fonte: Elaboração própria.

Boa parte dos trabalhos faz interface entre a Lexicologia e suas áreas afins como a lexicografia, a terminologia, a onomástica, a dialetologia e a morfologia; há, ainda, pesquisas etnolinguísticas que recorrem à Lexicologia para a descrição do léxico de línguas indígenas brasileiras, conforme ilustrado na Fig. 15.

3.1.2.4 Outras publicações

No que diz respeito a outros tipos de publicações, como livros, artigos, resumos de eventos científicos foi possível constatar o seguinte enquadramento:

Ao longo da segunda metade do século XX, não há registro de livros ou manuais específicos de introdução geral à Lexicologia. Diferente do que ocorreu em outros setores dos estudos linguísticos, como a fonética/fonologia, morfologia, estilística, gramática gerativa, linguística textual e análise do discurso, que tiveram publicações monográficas sobre seus objetos, fundamentos e métodos de pesquisa, os livros publicados em torno da temática lexicológica centram-se em alguns pontos de interesse, como a neologia, os neologismos e os empréstimos lexicais.

Excetuando-se os livros derivados de teses de doutoramento, inscrevem-se nesse item títulos como: *Lexicologia e Semântica: Textos e Exercícios* (Clemente; Moreira, 1984); *O que é neologismo; Empréstimos linguísticos;* e *A palavra é*, publicados por Carvalho (em 1984; 1989 e 1999, respectivamente); *Neologismo. Criação lexical* (Alves, 1990). Em sendo esses livros recortes temáticos, coube à comunidade científica brasileira a tarefa de produzir artigos e capítulos de livros para

tratar de outras áreas de interesse da pesquisa lexicológica e/ou recorrer à literatura internacional para o acesso a livros de introdução à Lexicologia geral.

Já a produção de artigos e resumos do tipo “abstract” foi bastante produtiva e diversificada, contribuindo para a circulação do saber que estava sendo produzido em torno de problemas lexicológicos. Os artigos figuraram nos principais periódicos em circulação no período estudado, como nas revistas *Alfa, Estudos Linguísticos, Letras de Hoje* e *Língua e Literatura*. Já os resumos apontam para a relevância desses estudos em eventos nacionais como os promovidos por instituições como *Abralin, Cellip, GEL, Gelne* e *SBPC*.

Descrito o perfil de discentes e docentes que produziram pesquisas em Lexicologia na segunda metade do século XX, bem como de parte da produção acadêmica em seu parâmetro externo da investigação historiográfica, passa-se à descrição dos principais eventos de contribuíram para a institucionalização dessa área do conhecimento.

3.2 Os estudos linguísticos nos anos 1960: contextualização

As reflexões acadêmicas sobre as línguas e a linguagem humana é muito recente na história universitária brasileira e não completou um centenário sequer. A esse respeito, destacam Fiorin (2000) e Sugiyama Junior (2020) que os primeiros cursos de Letras só surgiram no Brasil nos anos 1930: o da Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), em 1931; o da USP, em 1934; e o da UFPR, em 1939. Entre os anos 1930-1950, outras universidades foram sendo criadas no Brasil e, com elas, novos cursos de Letras.

De acordo com Altman (2004), até o início dos anos 1960, o programa de investigação linguística que predominava nas universidades brasileiras focalizava questões relacionadas à edição crítica de textos literários, à história da língua portuguesa e de sua gramática e ao estudo de uma língua clássica (geralmente o latim). Para essa historiógrafa, a abordagem de ensino e pesquisa era sempre guiada por princípios, técnicas e métodos de natureza filológica:

> […] o grupo de especialidade em evidência até a década de 1960 no Brasil foi, sem dúvida, o da filologia. E, consequentemente, o estatuto socioprofissional e científico que legitimava o trabalho dos pesquisadores dedicados à matéria linguística era o de 'filólogo' (Altman, 2004, p. 178).

No entanto, o clima intelectual da década de 1960 é marcado por grandes mudanças sociais, políticas e culturais que, de certa forma, demandavam uma ruptura com antigas tradições preponderantes em diferentes áreas do conhecimento. "Mudança" parece ser a palavra-chave que sintetiza o clima de opinião que marca os anos 1960.

É no início dessa década que o Brasil concretiza um projeto que representava a ideia de inovação, modernidade e ousadia, característicos desse momento da história: a fundação de Brasília, a nova capital brasileira, projetada por Lúcio Costa (1908-1998) e Oscar Niemeyer (1907-2012).

No campo artístico, houve o predomínio dos movimentos de contracultura e de crítica social: consolidação do movimento feminista; ampliação dos movimentos *hippies*; formação da geração *Rock'n Roll*. Além disso, os movimentos da Jovem Guarda e do Tropicalismo trouxeram uma nova estética cultural totalmente renovada, influenciando a pintura, o cinema e a poesia.

Na área política, vários eventos críticos: a crise brasileira em decorrência da renúncia de Jânio Quadros (1961); a queda do vice-presidente, João Goulart, e a instauração de um regime militar (1964), que iria perdurar por mais de duas décadas; a publicação do AI-5 de 1968, decreto que intensificou a censura no país; e a atuação política dos movimentos estudantis nos diferentes ambientes universitários.

É nessa década, marcada por revoluções, inovações e mudanças no cenário político e sociocultural que irrompe, em 20 de dezembro de 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 4.024/61). Nessa normativa, foram estabelecidas a implantação do currículo mínimo de Letras e a obrigatoriedade do ensino de Linguística, dando início à construção de um novo pensamento linguístico no Brasil (Altman, 2003 [1998]; Sugiyama Junior, 2020; Batista, 2023). Desde então, fez-se uma imposição aos cursos de Letras do Brasil: a transição dos estudos filológicos para os estudos da linguística descritiva sincrônica.

Ainda que as ideias linguísticas estruturalistas já circulassem no Brasil desde os anos 1940, sob a orientação dos trabalhos realizados por Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), Aryon Dall'Igna Rodrigues (1925-2014) e Silvio Edmundo Elia (1913-1998) (cf. Altman, 2003 [1998]; Sugiyama Junior, 2020), é apenas nos anos 1960 que as mudanças, de fato, passaram a acontecer: outra epistemologia, outra terminologia, outros procedimentos metodológicos, outro referencial bibliográfico, bem como outras teses e disciplinas para a análise e descrição de fenômenos linguísticos. Tal transição foi marcada, segundo Altman (2003 [1998]; 2004), pelo "sentimento de descontinuidade":

> […] a busca de autonomia da disciplina linguística no Brasil, a partir da década de 1960, pode ser interpretada não apenas como uma ruptura institucional, mas também como uma ruptura intelectual, que imputou a toda a tradição filológica que a antecedeu um valor pejorativo de 'conhecimento ultrapassado' (Altman, 2004, p. 162).

No estudo de Altman (2003 [1998]), a autonomia institucional da Linguística, seja como disciplina acadêmica, seja como campo de pesquisa, começa a ser reconhecida a partir dos anos 1960, sobretudo em 1968. Para essa autora, é nesse período que se organiza um grande grupo de especialidade, formado por líderes intelectuais e organizacionais que passaram a ser reconhecidos — e a se reconhecerem — como linguistas:

> […] foi a partir de 1968 que se concentrou um conjunto de fatores de ordem intelectual e social que permitiu, em vários pontos do país, a solidificação institucional de uma "Linguística brasileira" e de um jovem grupo de pesquisadores que começaram, a partir de então, a se reconhecer "linguistas" (Altman, 2003 [1998], p. 47).

Altman (2003 [1998]) destaca os principais eventos que legitimaram essa interpretação: a aprovação, pelo Conselho Federal de Educação, do Parecer 283/1962, que instituía a obrigatoriedade do ensino da disciplina Linguística nos cursos de Letras do Brasil; a criação, em 1963, do primeiro Departamento de Linguística do Brasil, na Universidade de Brasília (UnB), bem como do primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu*, em nível de mestrado acadêmico, para formar pesquisadores em linguística; a realização, em 1967, do Primeiro Seminário de Linguística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP); a

fundação, em 1969, tanto da Associação Brasileira de Linguística (atual Abralin) quanto do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL); a publicação dos primeiros manuais de linguística, como o *Introdução aos estudos linguísticos*, de Francisco da Silva Borba (1967), bem como dos periódicos científicos, como a revista *Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*, publicada, a partir de 1966, pelo Centro de Linguística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi.

Como consequência desse movimento de mudanças e renovação do pensamento linguístico nas universidades brasileiras, o interesse acadêmico passa a ser direcionado para os estudos descritivos decorrentes da linguística estrutural e da linguística gerativa, que passaram a suplantar, pouco a pouco, a abordagem histórico-filológica que imperava até então (Altman 2003 [1998]). Nesse mesmo contexto, novas disciplinas linguísticas passam a ser introduzidas nos currículos de Letras das universidades brasileiras, entre elas a Lexicologia, cujos episódios de institucionalização passam a ser descritos a seguir.

3.3 A Lexicologia no Brasil: episódios de sua institucionalização

Identificado o perfil acadêmico discente e docente que se fixou na segunda metade do século XX (seção 3.1) e do clima de opinião no qual a disciplina de linguística é introduzida nos cursos de Letras nos anos 1960 (seção 3.2), descrevem-se alguns dos eventos que marcaram a formação de um grupo interessado no estudo científico de fenômenos lexicais e na divulgação de determinadas ideias sobre o léxico das línguas — principalmente a portuguesa.

3.3.1 Anos 1960: produção de textos inaugurais

Alguns textos seminais irão demarcar o início da reflexão teórica sobre um objeto de pesquisa: a palavra. Para estudá-la cientificamente, seria necessário criar uma definição para esse objeto e, ao mesmo tempo, encontrar um método adequado para sua análise; um exame que consideraria a palavra não na sua imanência, isolada dos usos, mas na sua ocorrência em textos.

3.3.1.1 Leonor Scliar-Cabral: a vulgarização do discurso científico

No fim dos anos 1960, Leonor Scliar-Cabral (n. 1929)[84], atualmente reconhecida por suas pesquisas em psicolinguística e nos estudos de alfabetização, fez algumas incursões pela Lexicologia, tendo sido responsável por uma das primeiras publicações da área em terras brasileiras. No texto registrado em seu memorial acadêmico (Scliar-Cabral, 2021), assim como em entrevista concedida ao periódico *Fragmentum* (cf. Scherer, 2004), relata ter tido contato com a teoria linguística em 1965, durante a graduação em Letras (Português e Inglês) realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Naquele ano, conheceu a linguística descritiva nas aulas ministradas pelo prof. Augustinus Staub, tendo contato com o modelo descritivo de Mattoso Camara Jr., por meio das aulas que recebeu do prof. Celso Luft (à época, Irmão Arnulfo, por sua vocação religiosa). Relata a autora ter realizado, ao longo de sua formação, vários cursos com o prof. Mattoso Camara Jr., tendo estudado, com afinco, sua obra *Princípios de Linguística Geral*. A pesquisadora também afirma ter sido influenciada pelas leituras do *Curso de Linguística General*, de F. de Saussure, e do *Teoría del Lenguaje*, de Karl Bühler.

Ainda que estivesse cursando apenas o 1º ano da graduação em Letras, Scliar-Cabral participou de dois Institutos Linguísticos, organizados pelo Programa Internacional de Linguística y Enseñanza de Idiomas (Pilei) e pela Associação de Linguística e Filologia da América Latina (Alfal): o I Instituto Linguístico Latino-americano, realizado em Montevideu (Uruguai), entre dezembro de 1965 e fevereiro 1966; e o II Instituto Interamericano de Linguística, realizado na capital do México entre dezembro de 1967 e fevereiro de 1968, ano em que iria concluir sua graduação em Letras. Lembra a pesquisadora que os cursos dos Institutos eram ofertados em nível de pós-graduação, mas ela deles conseguiu participar em razão de ser bacharel

[84] Segundo dados coletados em seu currículo lattes, Leonor Scliar-Cabral é professora titular emérita aposentada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS (1963) e em Letras (Português/Inglês) pela PUC-RS (1968), Doutora em Linguística pela USP (1976), com pós-doutorado pela Universidade de Montréal (1981). Cofundadora da *International Society of Applied Psycholinguistics* (ISAPL). Presidiu a Associação Brasileira de Linguística (Abralin), sendo ainda fundadora da revista *Letras de Hoje*, uma das mais antigas publicações brasileiras nas áreas de Letras e linguística. A professora é referência nos estudos em psicolinguística, aquisição de linguagem e alfabetização. Neste último setor, criou o Sistema Scliar de Alfabetização (SSA), em que aplica conceitos de investigações em neurociência.

em Ciências Jurídicas e Sociais, cujo título foi obtido em 1963, antes, portanto, de ingressar na área de Letras (Scliar-Cabral, 2021).

Foi no II Instituto que realizou um curso de Lexicologia e semântica, ministrado pelo linguista alemão Klaus Heger (1927-1993), professor da Universidade de Heidelberg. Um ano depois (1969), a já professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), ministrou a disciplina *Lexicologia e Semântica* na graduação em Letras — fato que irá se repetir em 1970. Mais tarde, entre 1994-1996, ofertou a disciplina denominada *Morfologia e Lexicologia* no curso de pós-graduação em linguística da Universidade Federal de Santa Catariana (UFSC).

Sobre as primeiras aulas de Lexicologia ministradas em nível de graduação, Scliar-Cabral recupera o que fazia e em que condições:

> Eu me lembro de que na disciplina de Lexicologia no Curso de Letras, que ministrei ainda aluna, fizemos uma pesquisa sobre o léxico espacial, todos os alunos fizeram. […] É sobre inovação lexical, formação de novas palavras no campo do espaço. Na Pós-graduação, eu comecei a trabalhar até antes de ter o título de Doutor porque não havia professor (Scliar-Cabral *in* Scherer, 2004, p. 23).

Nota-se, neste excerto, que a formação inicial em Lexicologia proporcionada por Scliar-Cabral era orientada para a pesquisa e, no caso relatado, na descrição de fenômenos relacionados à neologia; trata-se de um flagrante episódio de atualidade temática das aulas da novata professora: o ano em que ela se inicia na docência (1969) coincide com o ano em que o homem pisa na lua pela primeira vez. Inserida num momento social em que o mundo se divide em "crimes, espaçonaves, guerrilhas"[85], Scliar-Cabral aborda a relação entre léxico e sociedade. Pesquisar a inovação lexical é uma forma de refletir sobre a dinâmica da língua no que diz respeito à sua propriedade de contínua renovação, de acordo com as mudanças tecnológicas e científicas inerentes a cada momento histórico.

Com relação à circulação do conhecimento, o breve relato de Scliar-Cabral mostra como era importante introduzir os graduandos nas áreas e temas emergentes a partir da implantação da disciplina linguística nos currículos mínimos de Letras. Mal recebera a formação lexicológica do II Instituto Interamericano de Linguística e já

[85] Trata-se, aqui, de um livre intertexto com os versos da música "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso.

lecionava disciplina de mesmo tema em curso de graduação — e mais tarde na pós-graduação, antes mesmo de obter o título de doutora.

Em outro momento, Scliar-Cabral revela-se segura quanto à formação linguística que estava recebendo e toma uma atitude típica de uma liderança intelectual e organizacional: sensível às ideias linguísticas que passariam a fazer parte da pauta acadêmica nos anos subsequentes, a então graduanda, além das aulas ministradas na PUC-RS, assumiu uma coluna do jornal *Diário de Notícias*, do Rio Grande do Sul, a fim de divulgar o saber científico na imprensa jornalística:

> Eu sentia que, apesar dos esforços do Mattoso Câmara Jr. em introduzir o ensino da linguística como obrigatório nos Cursos de Letras, não havia uma disseminação para o grande público das informações básicas sobre a Linguística e, portanto, era preciso que alguém fizesse isso. Nada melhor do que o espaço de um jornal porque na época ainda não se ocupavam os espaços da televisão para isso. Então eu consegui o espaço no **Diário de Notícias**, que era um dos jornais de grande circulação no RS ao lado do **Correio do Povo** e da **Folha da Tarde**. Foi uma iniciativa pessoal. O meu ex-marido [Plínio Cabral] trabalhava no **Diário de Notícias**, o que facilitou (Scliar-Cabral *in* Scherer, 2004, p. 27, grifos da autora).

Escrever sobre temas linguísticos em um jornal voltado para o público não especializado pode soar estranho aos olhos da contemporaneidade. Porém, como destacam Altman (2003 [1998]), Sugiyama Junior (2020) e Batista (2023), no início dos anos 1960, a linguística era uma disciplina praticamente desconhecida dos cursos de Letras do Brasil e uma área que iniciava seu processo de institucionalização no cenário nacional. As associações, eventos, manuais e periódicos da área seriam criados e divulgados apenas nos anos finais dessa década e ao longo dos anos 1970. Nesse sentido, a ação de Scliar-Cabral, de fazer circular na mídia impressa cotidiana discussões teóricas linguísticas, é um dos indícios que ratificam o argumento de Altman (2003 [1998]), segundo a qual a primeira geração de brasileiros que se reconhecem como linguistas precisava encontrar meios para fazer circular as ideias, já que não havia publicações especializadas para tal.

Para legitimar o discurso do *fazer-saber* científico num jornal cotidiano, Scliar-Cabral é apresentada, em seu primeiro artigo, como a professora “possuidora da nota máxima” em várias disciplinas (Fig. 16) e que iria publicar textos sobre “as principais tendências linguísticas da atualidade”. Verifica-se, nessas informações, uma tentativa

de legitimar a docente para o grande público, qualificando-a tanto pelo seu nível de conhecimento (*nota máxima*) quanto pela escolha dos temas linguísticos que afloravam naquela contemporaneidade.

Figura 16: Primeira publicação de Scliar-Cabral no jornal Diário de Notícias

Domingo, 16-10-66 — 2.º Caderno, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Pág. 3

LINGÜÍSTICA

Expressão e comunicação -- I

leonor scliar cabral

A partir de hoje, o 2.º Caderno oferecerá aos seus leitores uma secção especializada de Linguística, a cargo da prof.ª Leonor Scliar Cabral, possuidora da nota máxima nos cursos de Linguística Aplicada, Linguística Funcional Fonética e Fonologia e Linguística Geral, realizará no I Instituto Latino-Americano de Linguística, levado a efeito em Montevidéu.

Juntamente com artigos sôbre as principais tendências linguísticas da atualidade, esta secção compreenderá amplo noticiário referente às atividades no setor.

Fonte: Diário de Notícias[86].

Na quarta matéria de Scliar-Cabral, é introduzida uma das principais discussões lexicológicas: a definição de palavra (Fig. 17). Essa discussão irá se desmembrar em dois artigos subsequentes[87].

Figura 17: Definição de palavra

Lingüística

Definição de palavra, uma tentativa

leonor scliar cabral

Diário de Notícias. Reprodução parcial do artigo de 1966[88].

[86] Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093726_04&pagfis=42171. Acesso em: 30 mar. 2020.

[87] Além desse *Definição de palavra, uma tentativa I*, publicado em 06 nov. 1966, a autora produziu o *Definição de palavra, uma tentativa II* (13 nov. 1966) e *Definição de palavra, uma tentativa III* (20 nov. 1966).

[88] Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=093726_04&pagfis=42643. Acesso em: 30 mar. 2020.

Nesse e em outros artigos publicados no jornal, observa-se uma preocupação da autora em apresentar uma nomenclatura elementar empregada nas diferentes escolas teóricas, bem como indicar o referencial bibliográfico básico, sobretudo de obras traduzidas em língua portuguesa, contribuindo, assim, para atualizar o público brasileiro com relação ao que havia de mais atual naquela época.

Alguns anos depois, os artigos publicados no Diário de Notícias entre outubro de 1966 e agosto de 1967 serviram de ponto de referência para compor o seu livro *Introdução à linguística*, publicado em 1973 pela editora Globo (cf. Scliar-Cabral, 1976 [1973]) — um dos raros manuais brasileiros a inserir a Lexicologia em um de seus capítulos programáticos.

Em 1967, Leonor Scliar-Cabral, Plínio Cabral e Ir. Elvo Clemente fundam a revista *Letras de Hoje* (PUC-RS), periódico científico dos mais antigos do Brasil, ainda em circulação. Na primeira edição, Augustinus Staub revela o clima de recepção dos estudos linguísticos no Brasil:

> A Linguística, pelo que podemos observar, tornou-se, entre os Professores de Línguas, o tema do momento. É assunto de conversa nas reuniões formais e informais e reclama o seu espaço justo nas revistas e periódicos. Podemos dizer que chegou a "hora e a vez" da Linguística.[89]

Inserida nesse espírito de "euforia linguística", Scliar-Cabral irá publicar dois artigos de temática lexicológica: um em 1968, sobre empréstimos lexicais do inglês na língua portuguesa; e outro em 1970, no qual discorre sobre homonímia, fundamentando-se teoricamente nos estudos de Stephan Ullmann. Trata-se de dois temas abordados não sob o ponto de vista gramatical normativista, mas sob o olhar das ciências da linguagem.

[89] STAUB, Augustinus. A linguística e a formação de professores. **Letras de hoje**, n. 1, v. 1, p. 19-30, 1967. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/20857. Acesso em: 20 jul. 2019.

3.3.1.2 Clemente Segundo Pinho: a reivindicação de um centro de estudos lexicológicos no Brasil

Clemente Segundo Pinho (1922-1972) cursou Letras e Filosofia na USP, tendo se doutorado em língua portuguesa pela Unesp-Araraquara[90]. Em 1966, depois de estágio realizado em universidades portuguesas com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, defendeu a tese de livre-docência intitulada "A linguagem de Fernão Mendes Pinto, segundo um sistema de conceitos: exame parcial de amostras do vocabulário", o que lhe rendeu a função de professor titular de língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara.

Pinho era discípulo de [Francisco da] Silveira Bueno (1898-1989), professor catedrático de filologia portuguesa da USP, de quem também foi auxiliar de ensino, assistente e orientando. Apesar de sua formação de base ser na filologia e de ministrar aulas de filologia portuguesa no curso de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Clemente Pinho parecia ter consciência de que o tempo era de transição da visão filológica dos fatos de linguagem para novas abordagens dos estudos científicos. Sua tese é em filologia, centrada no estudo do vocabulário da prosa de Fernão Mendes Pinho — cronista do século XVI, que fez inúmeros registros das línguas e dialetos da Índia, China e Japão —, contudo, o método de análise dos textos segue rigorosamente os preceitos de investigação defendidos na moderna Lexicologia. O fato é notado por seu orientador, Silveira Bueno:

> A tese estava elaborada em moldes até então desconhecidos em quaisquer outras já apresentadas aos júris universitários […]. O grande tesouro vocabular da Peregrinação foi estudado qualitativa e quantitativamente, distribuídas as palavras por numerosos quadros e esquemas de frequência e de assunto, com as decorrentes análises morfológicas, fonéticas e etimológicas, de tal modo apresentadas como até agora nenhum pesquisador conseguira fazer (Francisco da Silveira Bueno *In*: Pinho, 1973, p. 16).

[90] Em 1960, foi empossado presidente da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Nessa mesma década, atuou como professor visitante da University of Wisconsin (EUA). O docente recebeu duas homenagens públicas: tem seu nome encabeçando uma Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) na zona oeste de São Paulo e é lembrado em um logradouro no bairro de Santo Amaro, também em São Paulo (Decreto nº 10.551, de 5 de julho de 1973).

É latente a atualidade do pesquisador quanto ao referencial bibliográfico em teorias linguísticas sincrônicas. Sua rede de influências inclui lexicólogos, semanticistas e linguistas descritivistas como G. Matoré, C. Müller, F. de Tollenaere, S. Ullmann, J. Casares, E. Coseriu, J. Dubois, O. Duchácek, A. Greimas, E. Benveniste, L. Hjelmslev, A. Martinet, Mattoso Câmara Jr.

Sua bolsa na Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)[91] é mais um vestígio do quão articulado às novas tendências estava o pesquisador. Em 1962, a FCG inaugurou seu Centro de Cálculo Científico com o objetivo principal de "realizar investigação científica no domínio das Matemáticas puras e aplicadas, com apoio do cálculo eletrônico"[92]. Quatro anos depois de sua inauguração, isto é, em 1966, Pinho já estava gozando dos benefícios do referido Centro.

Para além desses fatos, ele tinha pleno conhecimento do que havia de mais moderno na área de processamento eletrônico de informação, linguística computacional e léxico-estatística:

> Muito nos falta para emparelharmos com o "Laboratoire d'Analyse Lexicologique", do Centro de Estudo do Vocabulário Francês da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Besançon, ou com o "Centre de Linguistique Automatique Appliquée", de Bruxelas, ou com o "Centro Automazione Analisi Linguistica", de Gallarate, ou com o "Laboratoire d'Analyse Statistique des Langues Anciennes de l'Université de Liège", ou com o "Centre de Recherche" pour un trésor de La Langue Française" de Nancy, ou com o "Centre de Recherche et d'étude pour la diffusion du Français (CREDIF), ou com o "Centre de Linguistique Quantitative de la Faculté des Scienses (*sic*) de Paris", ou com o "Groupe de Recherches de Neuroloinguistique" de Paris, ou com o "Centre de Recherches sur la Syntaxe de l'Allemand" de Sarrebruck, ou com o "The K.V.A.L. Group" – Research Group for Quantitative Linguistics, de Estocolmo, para não citar os centros de estudos ingleses, alemães, russos, norte-americanos (Pinho, 1973, p. 201).

O pesquisador também conhecia as principais teses e publicações especializadas na área da Lexicologia, numa explícita atitude de recepção ao que se produzia no centro francês de Besançon, conforme descrito no capítulo 2:

---

[91] Instituição filantrópica privada portuguesa criada em 1961 com o propósito de incentivar ações nas áreas da ciência, arte, educação e beneficência.

[92] Dado disponível em: http://www.memtsi.dsi.uminho.pt/ocr/inst_gulbenkian_ciencia.pdf. Acesso em 17 jan. 2021.

> […] temo-nos beneficiado das normas técnicas emanadas de Besançon, como os *Cahiers de Lexicologie*, os *Études de Linguistique Appliquée*, o *Bulletin d'Information du Laboratoire d'Information du Laboratoire d'Analyse Lexicologique* e temo-nos louvado nas excelentes teses elaboradas nas faculdades francesas, na órbita dos estudos em apreço (Pinho, 1973, p. 201).

O estudioso não só buscava introduzir as novas orientações teóricas e metodológicas nas investigações, como também incentivava seus alunos a voltarem seus olhares para os novos direcionamentos nos estudos linguísticos. Mesmo sendo formado em filologia e atuando como docente de filologia portuguesa no curso de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, é para a linguística sincrônica que os estudos estavam sendo direcionados. Eni Orlandi[93] contextualiza um episódio dessa transição:

> Quando estudava Filologia, nos anos 60 do século XX, meu professor de Filologia, Clemente Segundo Pinho […] mostrou-me que meu interesse era pela Linguística Geral e não pela Filologia Portuguesa. Fui estimulada por ele, e pelo professor Fausto Castilho, a me dedicar à Linguística, ciência que ainda era aceita com restrições pelos filólogos. Sobretudo a Linguística estruturalista.

Nesse espírito de transição dos estudos filológicos para os estudos linguísticos — e, no caso, para as pesquisas em Lexicologia —, Clemente Pinho declara seu manifesto:

> Urge que se crie um centro de estudos lexicológicos brasileiros […] dentro do qual, entre outras tarefas, deveria ser realizado o levantamento dos recursos lexicais da língua, na extensa gama dos campos semânticos, como subsídio para todo o tipo de estudo de nossa comum cultura linguística e literária (Pinho, 1973, p. 201).

A demanda de Pinho legitima a importância da institucionalização de um modelo de pesquisa de grande porte, que se direciona para a descrição do léxico geral da língua — não de um ou outro autor —, cujos resultados pudessem ter diferentes aplicações. Trata-se de uma consciência da importância de organizar a investigação lexicológica brasileira por centro de interesse.

---

[93] Entrevista com Eni Orlandi. Disponível em: file:///C:/Users/CB/Downloads/3148-Texto%20do%20Artigo-9574-1-10-20151104%20(2).pdf. Acesso em: 10 h=jan. 2023.

3.3.1.3 Maria Tereza Camargo Biderman: recepção à léxico-estatística

Maria Tereza Biderman graduou-se em Letras neolatinas pela USP entre os anos de 1954-1957, especializando-se na área de Letras pela mesma universidade nos anos de 1958-1959. Segundo dados coletados no currículo Lattes da pesquisadora, naquele momento histórico, não havia Mestrado na USP, razão pela qual partiu para a Université de Strasbourg I (França), a fim de realizar diretamente sua pesquisa de doutorado. Nas palavras da autora, entre 1962-1965, “Cursei disciplinas, acompanhei seminários e apresentei trabalhos no programa de "Doctorat d'Université" da Université de Strasbourg, tendo como orientador Bernard Pottier. Não concluí, porém, o doutorado por ter que voltar ao Brasil.” (cf. Lattes)

Nesse mesmo período, atuou como pesquisadora no Centre de Philologie et Linguistique Romanes da Faculté des Lettres de Strasbourg nas seguintes linhas de pesquisa: a) linguística românica sincrônica e diacrônica; b) filologia românica; c) léxico-estatística; e d) semântica. Além disso, entre 1963-1965, exerceu a função de professora-leitora, em nível de graduação (Diplôme d'Espagnol et de Portugais), ministrando cursos de língua portuguesa e de literatura e cultura brasileiras (*Laboratoire de Langue Portugaise* e *Littérature et Culture Brésiliennes*). O que chama a atenção nesse breve relato é o fato de a pesquisadora ter tido contato com a abordagem teórica de Bernard Pottier e com a léxico-estatística, que se tornaria o tema de sua tese de doutoramento, iniciada em 1965, na sua volta para o Brasil, e concluída em 1969, dessa vez na USP, sob a orientação do filólogo Isaac Nicolau Salum (1913-1993).

O argumento defendido por Biderman incide sobre a necessidade de profissionalização do trabalho realizado em torno do léxico e da adoção de uma postura totalmente científica nas universidades brasileiras. Conforme indicado no capítulo 2, o uso de computadores e de recursos informáticos em Lexicologia tem início em 1955, por meio de pesquisas desenvolvidas na Universidade de Besançon, na França, sob a direção do lexicólogo Bernard Quemada, que passa a fazer uso de máquinas mecanográficas com cartões perfurados para o tratamento de textos usados na automatização da análise lexical por meio de métodos estatísticos.

Os procedimentos de análise e interpretação de dados quantitativos do léxico, extraídos de textos falados e escritos das mais distintas áreas do conhecimento,

passaram a ser realizados por meio de tratamentos matemático-estatístico-computacionais rigorosos, facultando um levantamento mais preciso da composição lexical de textos em circulação nas inúmeras esferas discursivas cotidianas.

A partir dos resultados desses estudos, a pesquisadora tenta demonstrar as funções práticas da Lexicologia, pois deles resultam contribuições relacionadas às delimitações das unidades lexicais, aos processos de lematização vocabular, às análises de vocábulos homônimos e polissêmicos, entre outras questões.

A tese de Biderman, no entanto, é uma aplicação da léxico-estatística associada à análise computacional da obra de Fernando Pessoa. Os fundamentos são os que ela adquiriu em sua experiência no exterior; o *corpus*, no entanto, ainda está pautado na análise do texto literário canônico.

Biderman e Segundo Pinho são contemporâneos: ambos tiveram formações acadêmicas na filologia da USP, atuaram como docentes da Unesp e pesquisaram textos literários em suas teses. Ademais, foram responsáveis por introduzir, na pesquisa nacional, o que era avaliado como necessário para a observação e descrição do léxico da língua portuguesa a partir de princípios, técnicas e métodos rigorosos da moderna Lexicologia.

3.3.2 Anos 1970: implantação da disciplina e publicação das primeiras teses

A década de 70 do século XX caracteriza-se pelo efetivo reconhecimento institucional da disciplina Lexicologia no Brasil. Nessa perspectiva, são vários os indícios que ajudam a reconstruir o cenário estabelecido ao longo do período, fazendo com que a Lexicologia organize seus temas, métodos, grupos e publicações.

3.3.2.1 Institucionalização por meio de disciplinas acadêmicas

A inserção da Lexicologia como disciplina autônoma está marcada por uma das ações desencadeadas pela liderança intelectual e organizacional de Cidmar Teodoro Pais (1940-2009), o qual tem sido objeto de análise de alguns estudos em HL produzidos anteriormente (cf. Altman, 2003 [1998]; Batista, 2023). A escolha desse agente na elaboração da narrativa historiográfica aqui proposta se justifica por sua

influência na implantação da disciplina Lexicologia na pós-graduação brasileira, bem como pela recepção à Lexicologia francesa desencadeada por ele nos cursos ministrados, nas publicações realizadas, nas orientações de seus mestrandos e doutorandos, além dos intercâmbios estabelecidos entre professores-lexicólogos do Brasil e do exterior.

Pais realizou sua graduação em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (1962). Depois, deslocou-se para a França, obtendo, em concomitância, os títulos de licenciado em Letras – Linguística pela Université de Lyon (1967) e doutor em Letras pela Université de Montpellier (1966), com tese na área da fonoestilística. Sua ida para a França estava associada ao reconhecimento do que havia de vanguarda na área das ciências da linguagem. Ao se referir à formação recebida no exterior por esse estudioso, Altman (2003 [1998]) assim se posiciona:

> [Cidmar Pais] Voltou da França, em 1967, com uma tese de Doutorado sobre Aristófanes, considerada brilhante pelos seus contemporâneos, **muito bem informado**, e **com toda uma programação de Linguística pronta**. Imediatamente assumiu, em 1968, a regência das aulas de Introdução à Linguística. Em 1969, prestava seu concurso de livre-docência, e **se tornou, rapidamente, o responsável pela coordenação dos cursos de Linguística** (Altman, 2003 [1998], p. 111, grifos nossos).

As palavras de Altman (2003 [1998]) sinalizam um cenário que começara a se construir na linguística brasileira dos anos 1960: o de ruptura com a tradição filológica, histórica e gramatical que imperava nos cursos de Letras do Brasil e de implantação de um programa de investigação que privilegiasse os modelos teórico-metodológicos da linguística descritiva sincrônica pós-saussuriana. Para isso, passa-se a defender a linguística como uma área autônoma de pesquisa e ensino. A adesão ao que aparentava ser “novo” para a época mudou os rumos dos estudos linguísticos, ao menos na USP:

> O prestígio de Pais crescia ao final dos anos 60. Conseguira arregimentar em torno de si grande número de jovens adeptos das novas ideias que veiculava […] Foi Pais, sem dúvida, quem exerceu as funções intelectuais e, principalmente, organizacionais, necessárias para a solidificação institucional da Linguística – e, mais tarde, da Semiótica – na Universidade de São Paulo, como campos autônomos de estudos (Altman, 2003 [1998], p. 112).

De fato, Pais formou uma ilustre geração de linguistas/semioticistas, que, anos depois, iriam se tornar referências nas investigações brasileiras: Aldo Luiz Bizzocchi, Alice Maria Teixeira de Sabóia, Ângela Jungmann Gonçalves, Antônio Suárez Abreu, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Roberto Junqueira Guimarães, Elisabeth Brait Rodrigues de Oliveira, Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi, Francis Henrik Aubert, Irenilde Pereira dos Santos, João Teodoro D'Olim Marote, Luiz Augusto de Moraes Tatit, Mara Sofia Zanotto de Paschoal, Maria Aparecida Barbosa, Maria do Socorro Silva de Aragão, Regina Celia Pagliuchi da Silveira e Zilda Maria Zapparoli, apenas para citar alguns nomes.

O professor ainda não se furtou a uma hiperespecialização acadêmica. Depois de sua livre-docência na USP (1969), realizou mais dois pós-doutorados na área dos estudos linguísticos: o primeiro na École des Hautes Études en Sciences Sociales, realizado entre 1970-1971; o segundo, na Université de Paris IV (Paris-Sorbonne), em 1983. Em 1993, com a tese *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la produtivité systémique, lexicale et discursive*, orientada por Bernard Pottier, obteve o título de doutor de estado em Letras e Ciências Humanas, expedido pela Université de Paris Sorbonne (Paris-IV).

A liderança intelectual e organizacional de Cidmar Pais é latente. O professor criou, com um grupo de docentes e discentes da pós-graduação, a Sociedade Brasileira de Professores de Linguística (SBPL), sendo diretor dela por vários anos. Também criou a *Revista Brasileira de Linguística* (RBL) e a *Revista Acta Semiótica et Linguística*, esta última ainda em circulação. Nessas revistas, congregou um corpo editorial formado por eminentes cientistas do Brasil e do exterior. Convidou professores estrangeiros para ministrar cursos no Brasil, dentre os quais, alguns que influenciaram a pesquisa lexicológica nacional: Algirdas Julius Greimas, Bernard Pottier, Eugenio Coseriu e Patrick Charaudeau. Além de ser professor titular do Departamento de Linguística da USP — do qual foi um dos fundadores — e titular emérito da Universidade Braz Cubas, atuou como professor convidado/visitante da PUC-SP, do Mackenzie e das Universidades francesas de Montpellier e Lumière Lyon 2. Ademais, foi membro da primeira diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), no ano de sua criação, em 1969, membro efetivo da Academia Brasileira da Língua Portuguesa, membro efetivo da Academia Paulista de Educação e condecorado com a medalha civil mais alta do Ministério da Educação de

Cuba e da Universidad de La Habana, em 1998, por serviços prestados à educação, a ciência e a cultura.

Dentre as várias ações de liderança, interessa a esta pesquisa seu papel na recepção à Lexicologia francesa e na implantação da disciplina em nível de pós-graduação. Para isso, retoma-se um evento histórico que ajuda a compreender esse processo.

Em 1970, o Decreto Federal nº 67.350, de 06 de outubro, regulamentou a implantação de Centros Regionais de Pós-Graduação, para a oferta sistemática de cursos de mestrado e doutorado, com os seguintes propósitos:

> I – Formar e aperfeiçoar pessoal docente para o ensino superior;
> II – Estimular o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica por meio da adequada preparação de pesquisadores e da criação de condições favoráveis ao trabalho científico;
> III – Proporcionar o treinamento de técnicos de alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional e regional (Brasil, 1970, Art. 3º).[94]

Se o que prevalecia nas universidades brasileiras eram os cursos de graduação, voltados para a formação de bacharéis e licenciados direcionados para a atuação no mercado profissional das diferentes áreas do conhecimento, o Decreto Federal de 1970 exigia das universidades federais, estaduais ou privadas a criação de um espaço acadêmico para formar tanto pesquisadores e/ou técnicos com alto nível de especialização quanto docentes qualificados para atuação no ensino superior. Isso significa que as Faculdades de Letras do Brasil, a partir daquele momento, além de formar profissionais para o mercado de trabalho, deveriam se ocupar da formação de futuros pesquisadores.

Lembra Altman (2003 [1998]) que a USP e o Setor Linguístico do Museu Nacional do Rio de Janeiro já ofertavam cursos de pós-graduação, antes mesmo da publicação do Decreto Federal de 1970. Desse modo, caberia a essas universidades fazer as adequações necessárias às normativas que seriam coordenadas pelo Conselho Nacional de Educação.

---

[94] BRASIL. Decreto nº 67.350, de 06 de outubro de 1970. Dispõe sobre a implantação de Centros Regionais de Pós-Graduação e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 07 out. 1970. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-67350-6-outubro-1970-408897-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em 11 jan. 2022.

A esse respeito, em um Seminário sobre pós-graduação realizado na cidade paulistana de Marília, Pais argumenta que a inexistência, no Brasil, de uma graduação específica em linguística desfavorecia o desenvolvimento de pesquisas avançadas em nível de pós-graduação, numa postura explícita de que ser linguista não equivalia a ter formação de base em Letras:

> Um dos problemas que se põem gravemente para qualquer Pós-Graduação em Linguística no Brasil é a inexistência de uma estrutura acadêmica que forme linguistas em cursos de graduação. […] Enquanto não dispusermos de uma licenciatura em Linguística, **teremos de aceitar como material de trabalho as pessoas formadas em Letras** (Pais, 1972/1973, p. 477-478, grifos nossos).

Nesse sentido, o novo programa de ensino que se propunha na Pós-Graduação em linguística da USP deveria "impedir a formação do especialista que sabe quase tudo sobre quase nada" (Pais, 1972/1973, p. 478).

A interpretação historiográfica de Altman (2003 [1998]) para o que irá acontecer na década de 70 do século XX, a partir desse contexto de mudanças na política educacional brasileira, é a de que a linguística, na ocasião, se fixa definitivamente como um campo de pesquisa distinto da área de investigação em filologia.

Cidmar Pais organiza o currículo do curso de pós-graduação em linguística da USP e é nesse momento, segundo Barbosa (1992), que a Lexicologia se institucionaliza como disciplina acadêmica:

> […] a Universidade de São Paulo foi a primeira, no país, em que as **disciplinas** de Lexicologia Geral e de Lexicografia Geral foram criadas como **disciplinas autônomas**, ou seja, não dependentes do ensino e da pesquisa da língua vernácula ou de uma língua estrangeira específica, tanto ao nível da graduação, como ao nível da pós-graduação. Essas **disciplinas** têm, pois, uma existência institucional na USP, como também a Linha de Pesquisa "Lexicologia e Lexicografia" […] (Barbosa, 1992, p. 116, grifos nossos).

Dentre as disciplinas oferecidas na USP no currículo de 1972, constavam Lexicologia estrutural e Problemas de Lexicologia, ministradas pelo próprio Pais[95].

[95] No rol de professores que assumiam as disciplinas do curso, verifica-se o nome de Maria Tereza Camargo Biderman, que iria despontar nas áreas da Lexicologia e lexicografia. No curso da USP,

Observa-se, no entanto, que, em nível de graduação, a Lexicologia sincrônica já fazia parte do currículo de algumas universidades. Conforme descrito na seção 3.1.1, Scliar-Cabral (2021) afirma ter ministrado a disciplina de Lexicologia e semântica em 1969 e 1970 na PUC-RS.

A Unicamp também responderá por essa tarefa. Entre 1967-1968, é elaborada a "Proposta de Criação do Grupo de Linguística" da Unicamp (Ferreira, 2020). Segundo Ferreira (2020), esse documento foi organizado pelo professor francês Yves Gentilhomme (1920-2016), em decorrência de um acordo entre a Unicamp e a Universidade de Besançon. Além de linguista, Gentilhomme era matemático e fazia uso de métodos matemáticos para o tratamento de dados linguísticos — o que era compreensível, na medida em que sua atuação em Besançon estava relacionada ao uso de máquinas mecanográficas e aos recursos informáticos, conforme descrito na seção 2.5.2.

> Gentilhomme trabalhava, na época, no *Trésor de la Langue Française*, de modo que a Linguística que trouxe, na visão dos seus contemporâneos, era um tipo de lexicologia quantitativa, com técnicas de computador. Adequada ou não, tal visão "matematizante" de Linguística se encaixava perfeitamente ao clima de opinião do momento (Altman, 2003 [1998], p. 154).

Na proposta do estudioso francês, como era de se esperar, a Lexicologia foi contemplada como um dos itens do currículo a ser implantado no então Instituto Central de Letras da universidade paulistana. Currículo esse formado pelas seguintes disciplinas:

> fonemática, monemática, sintaxe, semântica lexicologia (*sic*), Linguística Geral, estilística, dialetologia, plurilinguismo, filologia (métodos quantitativos de história de textos, pesquisas de datação, pesquisas de atribuição de autoria), procedimentos de tradução, métodos de crítica literária, teoria da literatura (Ferreira, 2020, p. 106).

O início de funcionamento do curso de graduação em linguística da Unicamp foi em 1970. No catálogo de cursos de graduação de 1971-1972, observa-se que as disciplinas eram subdivididas entre as obrigatórias, as complementares e as optativas. É no rol das complementares que a Unicamp insere as disciplinas de Lexicologia I e

---

entretanto, ela era responsável pela disciplina de sintaxe, conforme registrado na comunicação de Cidmar Pais (1972/1973, p. 479).

II (Ferreira, 2020), evidenciando, desse modo, mais um episódio de introdução desses estudos nas universidades brasileiras em nível de graduação.

Nos anos 1970, além dos já referidos cursos de pós-graduação, a disciplina pouco a pouco vai sendo introduzida em diferentes cursos de graduação e pós-graduação, com rótulos muito parecidos que já apontam algumas interfaces dos estudos lexicais: “Lexicologia” (Unesp, Unicamp), “Lexicologia e Lexicografia” (UFPB, UFRJ, Unicamp), “Semântica e Lexicologia” (UFRJ), “Lexicologia portuguesa” (Unesp)[96].

Nos anos 1980, a disciplina passa a ser mais recorrente em cursos de pós-graduação, ora com o título de “Lexicologia” (UFPB; UFRJ), ora combinada com outras interfaces: “Problemas em Lexicologia e Semântica nas Línguas Românicas” (UFBA), “A Língua Portuguesa no Brasil. Morfossintaxe sincrônica. Fonética e Fonologia. Semântica e Lexicologia” e “O Português no Brasil. Dialetologia Brasileira. Lexicologia e Lexicografia. Lexicologia e Semântica”, ambas ofertadas na UFRJ. Na graduação, há o registro da disciplina “Lexicologia e Lexicografia” na Ufac — uma indicação do alcance que a disciplina passa a ter em diferentes regiões do país[97].

Entre os anos 1990-2000, a Lexicologia já está plenamente implantada em vários cursos de graduação e na pós-graduação, em todos os níveis (especialização, metrado e doutorado), em universidades das mais variadas regiões do Brasil: PUC-SP, UEL, Uerj, Uesb, UFC, UFPB, UFPE, UFU, UnB, Unesp, Unicamp, Unimontes, USP, entre outras[98]. O diferencial desse período é a oferta da disciplina de Lexicologia associada à terminologia.

Além das disciplinas curricularizadas nos cursos de Letras/linguística das universidades brasileiras, a Lexicologia figurou em seminários, minicursos e em

[96] É difícil precisar as datas e os(as) docentes responsáveis por essas disciplinas, pois nem todos os dados estão documentados. Desse período, foi possível resgatar do Lattes alguns nomes, como: Cidmar Teodoro Pais (USP), Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (Unicamp), Ieda Maria Alves (Unesp-Assis), Maria Aparecida Barbosa (USP), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Maria Helena Duarte Marques (UFRJ), Maria Tereza Camargo Biderman (Unesp), Rodolfo Ilari (Unicamp).

[97] Dessa fase, apenas a título de ilustração, foram identificados os nomes das professoras Luiza Galvão Lessa (Ufac), Teresa Leal Gonçalves Pereira (Ufba), Maria Auxiliadora Bezerra (UFPB), Maria Silvana Militão de Alencar e Maria Helena Duarte Marques (UFRJ) e do professor Rogério Elpidio Chociay (Unesp).

[98] Alguns/algumas docentes desse período: Antonieta Laface (Unesp-Assis), Darcilia Marindir Pinto Simões (Uerj), Enilde Leite de Jesus Faulstich (UnB), Evandro Silva Martins (UFU), Jeni Silva Turazza (PUC-SP), Guiomar Fanganiello Calçada (USP), Lidia Almeida Barros (Unesp-SJRP), Nelly Medeiros de Carvalho (UFPE), Waldenice Moreira Cano (UFU).

cursos de extensão. Na década de 1980, por exemplo, tem-se “Lexicologia do Português”, minicurso ministrado por Margarida Maria de Paula Basilio (PUC-RJ; UFRJ). Já nos anos 1990, merecem destaque: o curso de extensão “Lexicologia: Léxico e Terminologia” e o minicurso “Lexicologia e Lexicografia”, ministrados por Ligia Maria Arruda Café (UnB); “Introdução à semântica e à Lexicologia”, minicurso ofertado por Marcos Antonio Rezende Maia (UFRJ); “Problemas de Lexicologia da Língua Portuguesa”, extensão ofertada na UFCE; e “Lexicografia e Lexicologia: a norma lexical e os dicionários”, seminário ministrado pelo lexicólogo canadense Jean Claude Boulanger (Universidade de Laval) na Unesp-Araraquara. Por fim, em 2000, houve o seminário "Lexicologia e Lexicografia: Léxico, Corpus, Dicionário", ministrado pelo professor Francisco da Silva Borba (Unesp-Araraquara).

Mesmo que os dados desta subseção não representem a totalidade do que se ofertou de disciplina lexicológica no século XX, o que se apresentou confirma a implantação da Lexicologia nos cursos universitários nos anos 1960 e sua expansão nas décadas subsequentes.

O fato de a disciplina de Lexicologia aparecer vinculada à lexicografia, à semântica e à terminologia demarca uma afinidade no campo temático (Lutzeier, 2002) que vai se formar pouco a pouco. Passa-se a entender, nessa conjugação, que estudar Lexicologia é também refletir teoricamente sobre o processo de significação, elaboração e avaliação de dicionários, bem como de tópicos relacionados à terminologia.

3.3.2.2 Institucionalização por meio da produção e publicação de teses

Como consequência da disciplinarização da Lexicologia em alguns cursos de pós-graduação, o número de trabalhos científicos em nível de mestrado e doutorado amplia-se, apontando uma descontinuidade na abordagem filológica das décadas anteriores e indicando uma adesão ao paradigma estruturalista dos estudos linguísticos (Quadro 2). Há trabalhos produzidos nas regiões Sul, Sudeste, Centro-oeste e Nordeste, numa clara demonstração de que a pesquisa lexicológica, ainda que timidamente, está sendo desenvolvida em diferentes territórios do Brasil.

Quadro 2: Amostra de teses produzidas nos anos 1970

Ano	Natureza	Filiação	Autoria	Título
1971	Mestrado	USP	Iracema Falcão Pires	Elementos para uma análise estrutural-funcional do léxico
1972	Doutorado	USP	Fernando Marson	Aspectos estruturais do léxico português
1974	Doutorado	USP	Maria Aparecida Barbosa	Para um modelo teórico da combinatória sêmio-táxica
1975	Mestrado	UFBA	Celina Scheinowitz	Análise contrastiva dos sistemas lexicais das línguas francesa e portuguesa: subsídios para o ensino do vocabulário da língua francesa a falantes nativos do português
1976	Doutorado	USP	Luadir Barufi	Aspectos epistemológicos e metodológicos na elaboração de modelos lexicais: análise quantitativa
1979	Mestrado	PUC-RS	Aldema Menine Trindade	Linguagem Regional da Fronteira do RGS: o léxico do cavalo
1979	Mestrado	UnB	Enilde Leite de Jesus Faulstich	Para uma análise estrutural de campos semântico

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, não bastaria enclausurar as pesquisas realizadas nas estantes de bibliotecas. Era necessário divulgar o resultado desses estudos para que um público maior tivesse acesso às ideias que estavam sendo planificadas. A amostra de títulos indicada no Quadro 3 permite compreender o reconhecimento editorial da pesquisa lexicológica e, por conseguinte, de uma valorização social do que se produz dentro do espaço universitário.

Quadro 3: Amostra de livros publicados nos anos 1970

Ano	Título
1975	POTTIER, B., AUDUBERT, A., PAIS, C. T. **Estruturas linguísticas do Português**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
1973	PINHO, Clemente Segundo. **O método lexicológico**: uma introdução teórica e prática. Brasília: MEC, 1973.
1977	LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. **A Semântica na linguística moderna**: o léxico. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
1978	BIDERMAN, Maria Tereza. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
1978	JUNGMANN, Angela Gonçalves. **Lexicologia e ensino do léxico**. Brasília: Thesaurus, 1978
1979	SOUZA, Cilene Cunha de. **Um método quantitativo para a análise lexical**: aplicação a três poetas simbolistas: Alphonsus de Guimaraens, Cruz e Sousa e Edgard Mata. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

Fonte: Elaboração própria.

A produção da década anterior não será abandonada. As teses de Clemente Segundo Pinho e de Maria Tereza Biderman são reeditadas, dessa vez sob a forma de livros. As obras de Angela Jungmann e Cilene Cunha de Souza também resultam de teses defendidas naquele período, ambas em 1975: a de Jungmann na Universidade Federal de Goiás; a de Souza, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Destaca-se, ainda, a publicação coletiva de Pottier, Audubert e Pais. O livro lançado em formato de bolso, contendo 138 páginas, traz alguns temas comuns à sinopse gramatical normativa, reinterpretados à luz da linguística estrutural francesa. A autoria do livro é encabeçada por Bernard Pottier, que desenvolvia pesquisas na área da semântica lexical, na Sorbonne, por Cidmar Pais e por Francis Henrik Aubert, professor da área de tradução da USP.

A publicação se propunha a funcionar como um manual de introdução à linguística, ou seja, uma alternativa diferenciada em relação a outras traduções que começavam a circular no Brasil. Na orelha do livro, os autores afirmam:

> No momento em que se multiplicam no Brasil as traduções de obras de linguística moderna e o ensino dessa disciplina se desenvolve e se afirma em todas as Universidades, devemos alegrar-nos ao ver, afinal, posto ao alcance de nossos estudantes um manual de novo tipo cujo objeto é a descrição da língua portuguesa e, em especial, do português do Brasil (Pottier; Audubert; Pais, 1972).

Enfatizar um livro de linguística voltado para o “português do Brasil” revela que não bastava fazer um tipo de linguística geral; era necessário verificar como aplicar os conhecimentos teóricos às diferentes línguas. Ao que tudo indica, essa publicação logrou sucesso, uma vez que ganhou uma 2ª edição em 1973 e uma 3ª edição em 1975. O impacto desse livro na pesquisa lexicológica se deu com a introdução de uma nova terminologia. É nele que os autores introduzem o conceito pottieriano de «lexia», que passará a ser adotado por vários autores, como uma alternativa ao conceito de «palavra».

Por fim, o livro de Lucia Lobato, publicado em 1977, irá trazer uma série de artigos contendo diferentes abordagens para os estudos semânticos. Orientanda de Pottier em 1971, é nessa obra que Lobato publica a tradução do artigo *A definição semântica nos dicionários*, assinado pelo semanticista francês. Nele, estão os princípios da análise sêmica componencial, que serão adotados, *ipsis litteris*, nas

pesquisas lexicológicas, sem uma reflexão mais apurada, segundo interpretação de Faulstich (1980, p. 16, grifos da autora):

> […] vale a pena lembrar que o célebre estudo de Pottier sobre os traços sêmicos distintivos de **sofá**, **poltrona**, **tamborete** etc. tem sido repetido **ad nauseam** em estudos posteriores, como se apenas em **tamborete**, **poltrona** e **sofá** etc. se pudesse aplicar com rigor a teoria do Mestre da Semântica Francesa contemporânea.

A afirmação de Faulstisch (1980) ratifica, por meio de um exemplo, como era importante reproduzir o modelo europeu nas pesquisas brasileiras — o que incluía os exemplos adaptados do francês para o português. Trata-se de um explícito flagrante de recepção à Lexicologia produzida no exterior.

3.3.3 Anos 1980: criação e sedimentação dos grupos de pesquisa

A formação dos grupos de especialidade teórica, conforme descrito por Murray (1998 [1994]) é outro dado relevante na análise do processo de institucionalização de uma disciplina ou área do conhecimento. É a partir dos 1980 que os principais grupos de investigação em Lexicologia são formados e sedimentados, conforme apresentação a seguir.

3.3.3.1. O GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL

Outro episódio histórico significativo para a compreensão do processo de institucionalização da Lexicologia no Brasil refere-se à criação e ao desenvolvimento de um grupo de trabalho temático que passou a congregar professores universitários, pesquisadores e estudiosos do léxico no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Fundada em 1984, surgiu com o propósito de reunir os programas de mestrado e doutorado nas áreas de Letras e linguística a fim de discutir e planificar ações político-acadêmicas no contexto da pós-Graduação brasileira. É dentro da Anpoll que são alocados os denominados grupos de trabalho (GTs) dedicados ao debate, execução e avaliação de projetos investigativos no contexto brasileiro da pós-graduação em nível *stricto sensu*.

Por sua abrangência, os GTs ainda contribuem para a circulação de um número diversificado de pontos de vista entre membros da comunidade acadêmica que atuam

em uma mesma área de estudo e/ou em linhas de pesquisa convergentes. Com isso, as atividades neles desenvolvidas ajudam a ampliar a circulação dos conhecimentos, fortalecendo o intercâmbio docente e interinstitucional, dando visibilidade às linhas temáticas emergentes nas diferentes regiões do país, promovendo a divulgação de trabalhos científicos de relevância nacional e demonstrando, às agências de fomento e aos órgãos responsáveis pelo desenvolvimento científico e tecnológico, a importância das pesquisas brasileiras em Letras e Linguística.

Essas foram algumas das razões que levaram Maria Aparecida Barbosa (USP) a assumir a liderança intelectual e organizacional na área dos estudos do léxico para propor, durante o Encontro Regional da Anpoll, realizado em 1986 na USP, a criação do Grupo de Trabalho de Lexicologia e Lexicografia da Anpoll (Barbosa, 1994)[99].

Relata Barbosa (1994) que o GT iniciou suas atividades no mesmo ano. As atividades eram executadas por pesquisadores derivados de variados centros acadêmicos brasileiros, experientes na área dos estudos lexicais, de modo a assegurar, desde o início da fundação do grupo, a apresentação de trabalhos de qualidade superior:

> Aqueles que constituíram o núcleo inicial do GT esforçaram-se por reunir os professores/pesquisadores de maior envergadura do país, nessas áreas de conhecimento, de modo que, no II Encontro Nacional da ANPOLL, realizado no Rio, na UFRJ, em 1987, o GT apresentou uma programação completa, com trabalhos de excelente qualidade.
> No III Encontro Nacional da ANPOLL, realizado no Rio, na UFRJ, em 1988, o GT já contava com um grupo considerável de professores/pesquisadores de todas as regiões do país.
> […] muitos dos integrantes daquele núcleo inicial do Grupo de Trabalho não só detinham larga experiência no campo das pesquisas lexicológicas, lexicográficas, terminológicas, comprovada por respeitável lista de publicações no país e no exterior, como também se qualificavam por expressivo número de dissertações e teses orientadas e pela assídua participação em congressos internacionais, nacionais e regionais (Barbosa, 1994, p. 54)

Desde sua criação, em 1986, até o fim do século XX, o GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL recebeu 5 coordenações formadas por 7 líderes intelectuais e organizacionais, representantes de várias áreas do país (São

[99] É apenas em 1988 que esse GT integra a Terminologia à sua designação, passando a se chamar Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL (Barbosa, 1994, p. 54).

Paulo, Brasília, Pernambuco, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul), responsáveis pela formação de uma profícua geração de lexicólogos(as):

Quadro 4: Coordenações do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll

Período	**Coordenador(a)**	**Instituição**	**Vice-coordenador(a)**	**Instituição**
1986 - 1992	Maria Aparecida Barbosa	(USP)	---	---
1992 - 1994	Enilde Faulstich	(UNB)	Maria Aparecida Barbosa	(USP)
1994 - 1996	Maria Tereza Camargo Biderman	(Unesp/Araraquara)	Ieda Maria Alves	(USP)
1996 - 1998	Nelly Medeiros de Carvalho	(UFPE)	Maria Emília Barcellos	(UFRJ)
1998 - 2000	Enilde de Jesus Faulstich	(UNB)	Aparecida Negri Isquerdo	(UFMS)

Fonte: Elaboração própria.

A Lexicologia foi postulada pelos membros do GT como uma ciência básica, voltada para o estudo científico do léxico e, ao mesmo tempo, uma área de interface com a lexicografia e a terminologia. As principais linhas investigação do GT foram assim sintetizadas na seção 2 do referido artigo:

> 2.1 Metaterminologia da Lexicologia, da Lexicografia, da Terminologia, da Terminografia e da Terminótica.
> 2.2 Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Terminótica: objetos de estudo, campos de atuação, método, técnicas e procedimentos.
> 2.3 Produção de vocabulários técnico-científicos e especializados, vocabulários fundamentais, dicionários terminológicos, tesauros (unilíngues, bilíngues, multilíngues).
> 2.4 Modelos linguísticos do ensino do léxico.
> 2.5 Observatórios de neologismos.
> 2.6 Bancos de dados lexicográficos e terminológicos.
> 2.7 Dinâmica da renovação lexical.
> 2.8 Relações de significação no léxico e no vocabulário.
> 2.9 Análise quantitativa e qualitativa do léxico.
> 2.10 Tratamento e processamento automáticos do léxico e dos vocabulários.
> 2.11 Epistemologia, metodologia e tecnologia da Lexicologia, da Lexicografia, da Terminologia, da Terminografia e da Terminótica.
> 2.12 As investigações lexicológicas, lexicográficas e terminológicas e a política científica e tecnológica (Barbosa, 1994, p. 58).

Nota-se, na descrição, que a programação do GT era ampla e incidia tanto sobre aspectos teórico-metodológicos, quanto em sua aplicação prática em diferentes setores, o educacional — e suas contribuições ao ensino do léxico; o da informática — para o tratamento automático e análises quanti-qualitativas das unidades lexicais; e o das áreas técnicas e tecnológicas. Com isso, o GT estaria alinhado às principais investigações levadas a cabo em países com maior tradição em Lexicologia e que já se valiam dos resultados das investigações para aprimorar o ensino de línguas, o processamento automático de dados lexicais extraídos de grandes *corpora* textuais, os diagnósticos e procedimentos terapêuticos relacionados a distúrbios da linguagem, entre outras áreas de cooperação (Barbosa, 1994). Destaca-se, ainda, a maciça participação de membros do GT em inúmeros eventos nacionais e internacionais[100] – o que foi essencial para o reconhecimento da área dentro e fora do Brasil.

3.3.3.2 Os grupos do CNPq

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entidade vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações para incentivo à pesquisa no Brasil, dispõe de um Diretório dos Grupos de Pesquisa, no qual são arquivadas as bases de dados sobre os grupos em atividade no país, cadastrados e certificados por essa instituição. O Diretório permite o resgate de informações elementares sobre as áreas e linhas de pesquisa em andamento, bem como dos agentes (docentes, discentes, técnicos) inscritos nos diferentes grupos do país.

Os grupos de especialidade do CNPq se ordenam em torno de uma liderança intelectual e/ou organizacional, com algumas características que a qualificam: são pessoas que atuam nas universidades, com experiência na pesquisa e facilidade para congregar pesquisadores em torno de um interesse comum, interessadas em compartilhar informações, principalmente por meio de publicações.

O CNPq realizou quatro coletas de dados entre os anos 1990-2000: a primeira, em 1993, seguida de outras três realizadas em 1995, 1997 e 2000. Desse modo, foi

[100] Barbosa (1994) traz uma lista exaustiva das várias atividades realizadas pelos membros do GT.

possível realizar uma busca ao sistema de consulta parametrizada, para identificação dos grupos cadastrados e certificados por essa instituição.

Figura 18: Sistema de busca de Grupos de Pesquisa certificados pelo CNPq

Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil[101]

Foram identificados 18 grupos de pesquisa que contemplaram a Lexicologia como uma de suas linhas de pesquisa. Ao todo, essas linhas congregaram 45 pesquisadores no período inventariado, alocados em universidades de várias regiões do Brasil.

Quadro 5: Lista dos Grupos de Pesquisa certificados pelo CNPq

Ano de criação	Nome do grupo	Universidade	Liderança
1982	Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia	Universidade de São Paulo (USP)	Maria Aparecida Barbosa (L)
1988	Grupo de Estudos das Línguas Ameríndias	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	Lucy Seki (L) Humberto Corbera Mori (VL)
1989	Centro de Estudos Dialectológicos do Acre - CEDAC	Universidade Federal do Acre (UFAC)	Luíza Galvão Lessa (L)
1989	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo - Projeto ATESP	Universidade de São Paulo (USP)	Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (L)
1989	Estudos Linguísticos Aplicados	Universidade Federal de Mato Grosso	Alice Maria Teixeira de Saboia (L)

[101] Disponível em: https://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf. Acesso em: 18 maio 2020.

1993	Léxico e Terminologia	Universidade de Brasília (UnB)	Enilde Leite de Jesus Faulstich (L)
1995	Língua, Imaginário e Narratividade	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Maria Thereza de Queiroz Guimarães Strongoli (L)
1995	GELLUTU - Grupo de Estudos Lexicológicos, Lexicográficos e Terminológicos de Uberlândia	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Evandro Silva Martins (L) Jose Valdemar Gonzalez Maziero (VL)
1995	Crítica Textual e Edição de Textos	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Flavio García Queiroz de Melo (L) José Pereira da Silva (VL)
1997	Terminologia Descritiva	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Nelly Medeiros de Carvalho (L)
1999	Linguagem Regional/Popular	Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET/PB)	Maria das Neves Alcântara de Pontes (L) Cícero Nicácio do Nascimento Lopes (VL)
1999	Dicionário Morfológico Eletrônico da Língua Portuguesa	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	Sebald Back (L)
1999	Grupo de Estudos e Pesquisas em Lusofonia	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Conceição de Maria de Araujo Ramos (L) José de Ribamar Mendes Bezerra (VL)
2000	Tradução e Lexicologia	Universidade Estadual do Ceará (UFCE)	Antônio Luciano Pontes (L) Eliana Paes Cardoso Franco (VL)
2000	Lexicologia e Lexicografia contrastiva	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)	Claudia Maria Xatara (L)
2000	Dicionário do Carnaval de Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Nelly Medeiros de Carvalho (L) José Ricardo Paes Barreto (VL)
2000	Tradução, Lexicologia e Processamento da Linguagem	Universidade Estadual do Ceará (UECE)	Vera Lúcia Santiago Araújo (L) Antônio Luciano Pontes (VL)
2000	Grupo de Estudos Integrados sobre Aquisição da Linguagem	Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	Nair Ferreira Gurgel do Amaral (L) Tania Rocha Parmigiani (VL)

Fonte: Elaboração própria.

O quadro anterior permite visualizar a importância da formação de grupos para o reconhecimento institucional de uma linha ou área de pesquisa. Os dados comprovam que a Lexicologia foi institucionalizada por grupos diversificados do Brasil, derivados das regiões Norte, Nordeste, Noroeste, Centro-oeste, Sul e Sudeste. Há uma ascensão no número de grupos certificados, sendo o ápice na década de 1990. É de se ressaltar ainda, a liderança compartilhada de muitos deles, formados por um(a) líder (L) e um(a) vice-líder (VL).

3.3.4 Anos 1990: divulgação de resultados e macroprojetos

Como apresentado neste capítulo, as décadas de 1960 e 1970 introduziram a formação inicial em Lexicologia e a produção das primeiras teses e publicações. Já a década de 1980 uniu os diferentes agentes envolvidos em um grupo de especificidade. Os anos 1990, por sua vez, vão ver um salto no número de trabalhos voltados para a divulgação de resultados de pesquisas, bem como para a implantação de projetos de investigação de grande porte.

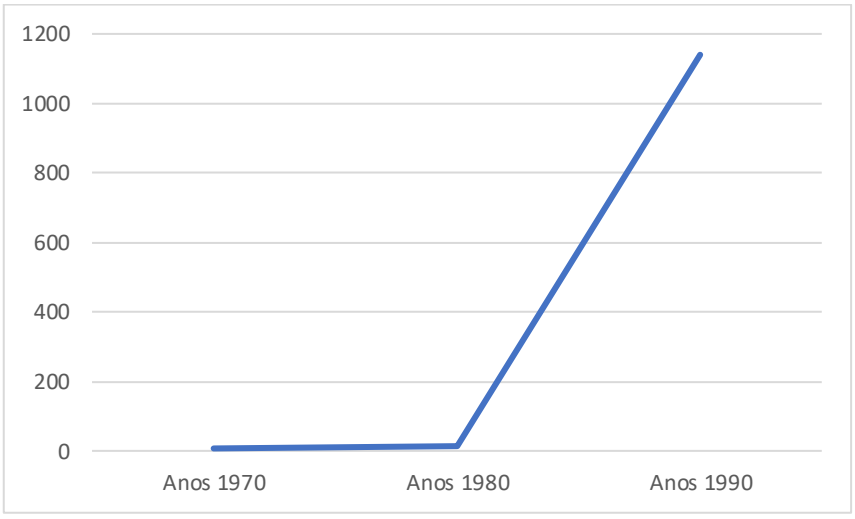
3.3.4.1 A vulgarização do conhecimento lexicológico

A década de 1990 do século XX foi o marco para a apresentação de comunicações orais, realização de congressos temáticos e projeção dos trabalhos realizados pelos “discípulos” da primeira geração de lexicólogos(as) que se formou no período anterior.

A análise da fonte documental revela que:

a) nos anos 1970-1980, as propostas de comunicação são geralmente de docentes-pesquisadores, com o título de doutor(a) ou livre-docente, com trabalhos apresentados individualmente;
b) nas décadas de 1980-1990, começam a surgir trabalhos apresentados por doutorandos(as), mestres e mestrandos(as), geralmente com a coparticipação de seus(suas) orientandores(as) e/ou membros participantes de pesquisas em que estão envolvidos(as);
c) nas décadas de 1990-2000, predominam as apresentações individuais e coletivas realizadas por mestres e mestrandos(as), conforme Gráfico 6.

Gráfico 6: Comunicações orais em eventos científicos



Fonte: Elaboração própria.

Além da apresentação de trabalhos nos eventos locais, realizados nas universidades em que os participantes estão alocados ou às quais são filiados, chama

a atenção o número expressivo de trabalhos submetidos a determinados eventos organizados por associações nacionais, regionais e internacionais, a partir dos anos 1990. É nesse período que são mais evidentes os trabalhos apresentados nos eventos dos seguintes órgãos: Associação Brasileira de Linguística (Abralin); Associação de Linguística e Filologia da América Latina (Alfal); Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll); Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná (Cellip); Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (Celsul); Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL); Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (Gelne); Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

3.3.4.2 O Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil

Os anos 1990 também foram cruciais para a produtividade e sedimentação das pesquisas realizadas em uma das áreas de estudos lexicológicos: a da neologia. O contexto sócio-histórico-cultural da época ajuda a compreender os rumos investigativos que passaram a vigorar naquela década.

Na área política, o Brasil iniciou os anos 1990 com a posse de Fernando Collor de Mello, primeiro presidente eleito pelo voto direto após a redemocratização do país. Num cenário de instabilidade econômica, confisco de poupanças, hiperinflação, o estadista passou por um processo de *impeachment*. Itamar Franco (1930-2011) assumiu a presidência, e seu Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, implantou o Plano Real (1994), pareando o dólar com a nova moeda brasileira — o Real. Foi também a década das privatizações de várias estatais nos setores da siderurgia, da mineração, da petroquímica.

No setor da saúde, uma atenção especial foi dada à política de combate à Aids e à popularização do Programa de Saúde da Família. No campo científico, o anúncio da clonagem da ovelha Dolly trouxe uma discussão sobre os avanços e limites das investigações na área dos estudos genéticos. A militância ambientalista se intensificou, e o Brasil acolheu a Eco-92 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento).

Na área cultura, o setor musical foi o que mais se expandiu nos diferentes estilos popularizados ao longo da década: lambada, pagode, sertanejo, axé *music*, samba-*reggae*, *rap*. Ao mesmo tempo, maconha, *ecstasy*, *piercing*, música eletrônica, tatuagens, camisinha e consumo foram alguns símbolos que marcaram o cotidiano de muitos jovens dessa época.

Na área tecnológica, uma revolução: vários produtos iriam modificar o modo de ser e proceder no processo de comunicação, entretenimento e no campo do trabalho. Foi a década que viu a popularização dos computadores pessoais (PC), a chegada do Microsoft Windows, o acesso à internet, o uso do *e-mail*, a popularidade da telefonia celular, do CD e do DVD. Diante de um contexto político, econômico, tecnológico e sociocultural passando por profundas transformações, seriam latentes as mudanças por que a língua passaria no setor lexical.

É na década de marajás, hiperinflação, congelamento de preço, caras-pintadas, Plano Collor, Plano Real, *impeachment* presidencial, *mouse*, *bug* do milênio, CD, HIV, Aids, *piercing*, teleatendimento, *marketing*, *e-mails*, clones, patricinhas, mauricinhos, axé *music*, DNA e globalização[102],que Ieda Maria Alves sedimenta o seu Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil.

Inspirada nos trabalhos de análise lexical do Laboratoire d'Analyse Lexicologique do Centre d'Étude du Vocabulaire Français de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Besançon (1958) e nos observatórios de neologismos criados a partir dos anos 1980, como o Observatório do Português Contemporâneo, da Universidade Nova de Lisboa – Portugal, e o Observatori de Neologia (Obneo), da Universidade Pompeu Fabra – Espanha, Alves implementou o referido laboratório em 1988, na Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estatual Paulista (Unesp-Assis), onde atuava como docente. O projeto recebeu apoio do CNPq e tinha como propósito:

> atender à necessidade de elaboração de trabalhos terminológicos sobre as áreas científicas e tecnológicas; e, de maneira mais específica, descrever algumas ciências e técnicas para responder às necessidades do desenvolvimento tecnológico e científico, que

[102] Todas essas designações eram consideradas, nos anos 1990, unidades lexicais neológicas.

> ocasiona a criação contínua de novos termos que devem ser catalogados e difundidos (Alves, 2011, p. 430).

Em 1990, contratada pela USP, a pesquisadora inseriu o Observatório na linha de pesquisa Lexicologia e Terminologia do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, que passou a receber, em 1991, financiamento da Fapesp.

O objetivo do observatório era "coletar, analisar e difundir aspectos da neologia geral e da neologia científica e técnica do português contemporâneo do Brasil". Com os resultados obtidos, a proponente buscava motivar a elaboração de novas dissertações e teses, bem como subsidiar a construção/reformulação de dicionários gerais do português brasileiro e elaboração de glossários e dicionários terminológicos nas áreas mapeadas pelos agentes participantes do projeto[103].

O clima de opinião era favorável ao levantamento de neologismos, e a imprensa era a principal fonte de divulgação das expressivas transformações pelas quais o Brasil (e outros países) estavam passando naquele momento histórico. Assim, a equipe liderada por Alves fez uso de um *corpus* constituído por dados extraídos dos jornais *Folha de S. Paulo*, o *Globo* e das revistas *IstoÉ* e *Veja*, mídias que tinham grande circulação nacional. Já para os trabalhos terminológicos, o *corpus* era constituído por dados extraídos de revistas especializadas, cujos textos fossem redigidos por profissionais de uma área investigada, bem como revistas e jornais semiespecializados, avaliados como textos de divulgação, produzidos geralmente por jornalistas. Os trabalhos do Observatório, amparados por fundamentos e métodos lexicológicos rigorosos para a detecção e descrição neologismos, contribuíram ainda para uma explícita demonstração da relação entre língua/léxico, cultura e sociedade.

[103] Esses dados estavam antiga página eletrônica da USP e foram resgatados de uma versão impressa do site, arquivada no meu acervo pessoal. Eis a referência original: OBSERVATÓRIO de neologismos científicos e técnicos do português contemporâneo do Brasil. Disponível em: www.fflch.usp.br/dlcv/neo/nfr_apr.htm. Acesso em: 18 nov. 2007.

3.3.5 Anos 2000: ciências do léxico

O principal evento que marca o final do século XX é a publicação da obra *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, cujo primeiro volume foi publicado em 1998 por uma sugestão da pesquisadora da Unesp-Araraquara, Dra. Maria Tereza Camargo Biderman (1936 – 2008). À época, ela solicitou às profas. Dras. Ana Maria Pinto Pires de Oliveira e Aparecida Negri Isquerdo, ambas da UFMS, que organizassem uma publicação contendo os textos apresentados pelos integrantes do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminografia (GTLEX) no Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll)[104].

A editora da UFMS aceitou a publicação e, segundo consta da nota prévia à 2ª edição, o livro logrou êxito e esgotou a edição no mesmo ano de lançamento. A editora concorreu a um edital do Programa Publicações de Apoio à Formação Inicial e Contínua de Professores do Comped-Inep/MEC e lançou sua segunda edição em 2001, com uma tiragem de 3.000 exemplares, distribuídos para as bibliotecas públicas de todo o Brasil.

A projeção dessa organização motivou os membros do GTLEX a transformarem *As Ciências do Léxico* em uma coleção oficial do grupo, a ser publicada bienalmente, com o propósito principal de divulgar os resultados de pesquisas realizadas ou em desenvolvimento por seus membros naquele biênio. O fato de a primeira edição ter sido contemplada por um edital do Ministério da Educação (MEC) guiou o tom que os artigos deveriam ter: precisão acadêmica, numa escrita didática, que contribuísse para a formação inicial e contínua de professores, estudantes, pesquisadores e outros interessados nos estudos lexicais.

A publicação de uma coletânea específica para qualificar os trabalhos produzidos apenas por membros do GTLEX foi uma forma de reforçar a identidade acadêmico-científica de um grupo de especialidades que, de certa forma, guiou o pensamento lexicológico em circulação no território nacional. A partir dos anos 2000, a Lexicologia, até então divulgada como disciplina acadêmica e área epistemológica

[104] Depoimento de Aparecida Negri Isquerdo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EZB6WrHyw9o. Acesso em: 25 set. 2020.

dos estudos linguísticos, passou a ser reivindicada como uma das “ciências do léxico”, ao lado da lexicografia e da terminologia.

3.4 Considerações analíticas sobre os parâmetros externos da HL da Lexicologia

O levantamento descritivo-analítico dos parâmetros externos da pesquisa historiográfica foram suficientes para a organização da seguinte interpretação do processo de institucionalização da Lexicologia no Brasil na segunda metade do século XX:

No que diz respeito aos dados acadêmicos dos agentes de recepção, produção e divulgação de ideias lexicológicas, a pesquisa mostrou que o grupo de especialidade foi formado por um corpo diversificado de docentes, discentes e pesquisadores, composto por aproximadamente 250 nomes. Entre eles, há uma representatividade em todos os níveis de formação, desde a graduação até a livre-docência (ou ao pós-doutoramento), assegurando, desse modo, a formação inicial e continuada de um número significativo de pesquisadores nessa área de especialidade. O fato de a maioria ser titulada com doutorado (32,83%), somado a uma parcela expressiva de livres-docentes e pós-doutores (11,65%), revela um perfil de área coordenada por um grupo de profissionais hiperespecializados.

Ficou evidente que os polos de formação acadêmica se concentraram em universidades do Sudeste do Brasil, principalmente no eixo São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda que haja um descompasso na formação oferecida em outras universidades fora desse eixo, a análise da filiação acadêmica desse grupo de especialidade apontou que a Lexicologia teve sua representação em universidades situadas em diferentes estados brasileiros, fazendo circular esse tipo de conhecimento nas regiões norte, nordeste e centro-oeste.

Verificou-se que muitos dos agentes buscaram formação especializada em universidades do exterior (12,45%), reflexo de um contexto de época: a linguística, como disciplina autônoma da filologia e da gramática tradicional, só se implantou no Brasil no início dos anos 1960, por meio de uma determinação do Governo Federal. Naquele momento histórico, não havia especialistas suficientes para assumir a docência de uma disciplina que se propunha a uma abordagem descritivo-sincrônica

dos fatos de língua e linguagem, influenciada pelos princípios do estruturalismo europeu e/ou estadunidense (Altman, 2003 [1998], Batista, 2023). Tampouco havia pesquisadores especializados nas subdisciplinas da ciência linguística. Assim sendo, recorrer a universidades estrangeiras como fontes de recepção de teorias e métodos era uma demanda que se impunha.

No que concerne à sedimentação da Lexicologia como um dos setores dos estudos linguísticos, seriam necessários alguns planos de ação institucionais para seu reconhecimento e legitimação nas diferentes esferas acadêmico-científicas. De acordo com Lutzeier (2002), uma disciplina (ou área epistemológica) tem seu reconhecimento científico assegurado quando consegue estabelecer:

> – um campo temático;
> – um interesse de pesquisa no campo temático;
> – métodos de pesquisa adequados ao interesse da pesquisa;
> – ferramentas a serem utilizadas;
> – um grupo de pessoas que mantêm o interesse na pesquisa, ou seja, as que estão ativamente envolvidas e as que estão passivamente envolvidas;
> – a visibilidade, garantida, entre outras coisas, por publicações (Lutzeier, 2002, p. 6, tradução de Claudia Cavalcanti)[105].

Nessa dimensão, pode-se afirmar que os parâmetros externos da análise historiográfica permitiram compreender como esses quesitos foram contemplados no fluxo do tempo: se a reivindicação dos anos 1960-1970 era pelo reconhecimento da identidade epistemológica da linguística em oposição à filologia (Altman, 2003 [1998]), nas décadas subsequentes, passa-se à reivindicação do reconhecimento das disciplinas e/ou subáreas da investigação linguística. É nesse sentido que um grupo de especialidade teórica (Murray, 1998 [1994]) pouco a pouco foi sendo formado, de modo a mostrar que o estudo científico de fenômenos lexicais das línguas poderia ser abordado por meio de uma disciplina específica, pareada com os princípios e os pressupostos dos paradigmas científicos da moderna linguística descritiva.

Coube, portanto, a uma geração pioneira de lexicólogos(as) comprovar que a Lexicologia operava com um objeto específico de observação, análise e descrição,

---

[105] “Eine wissenschaftliche Disziplin etabliert sich mindestens durch die folgenden Faktoren: – einen Gegenstandsbereich; – ein Untersuchungsinteresse am Gegenstandsbereich; – dem Untersuchungsinteresse förderliche Untersuchungsmethoden; – zur Anwendung kommende Hilfsmittel; – eine Gruppe der das Untersuchungsinteresse Aufrechterhaltenden, d. h. die aktiv Tätigen und die passiv Beteiligten; – Öffentlichkeit, garantiert u.a. durch Publikationsorgane.” (Lutzeier, 2002, p. 6).

tratado a partir de fundamentos e métodos próprios. Para isso, esses agentes de recepção, produção e circulação produziram e defenderam as primeiras dissertações e teses; ministraram as primeiras disciplinas; criaram linhas de pesquisa em temas de interesse lexicológico; orientaram os primeiros trabalhos de graduação e pós-graduação; publicaram os artigos seminais; formaram os primeiros grupos de pesquisa; organizaram os primeiros eventos acadêmicos na área; proferiram as primeiras conferências, palestras e comunicações orais no geral; pleitearam verbas internas em suas unidades de atuação e/ou externas, advindas dos diferentes órgãos de fomento à pesquisa; e passaram a se reconhecer e a serem reconhecidos(as) como lexicólogos(as) ou pesquisadores(as) da área.

Inserida em diferentes cursos de graduação e pós-graduação de universidades públicas e privadas de todo o país, a Lexicologia estava institucionalizada no fim do século XX como uma disciplina acadêmica autônoma e uma área epistemológica sedimentada pelos inúmeros trabalhos que passavam a ser inscritos no que se convencionou designar “Ciências do léxico”.

O foco de interesse agora passa a ser a descrição dos parâmetros internos da investigação historiográfica, isto é, do estudo da fonte documental em sua imanência, de modo a verificar como os grandes temas lexicológicos foram concebidos e propagados na investigação nacional. É o que se apresenta no capítulo subsequente.

4 A LEXICOLOGIA NO BRASIL: PARÂMETROS INTERNOS

Neste capítulo, são descritos e analisados dados referentes ao conteúdo das produções lexicológicas, observando-se como as ideias linguísticas sobre o léxico da língua portuguesa — ou do português brasileiro — foram configuradas por meio das dissertações, teses, artigos e outros produtos publicados ao longo do século XX. Trata-se de um estudo ancorado nos *parâmetros internos* da investigação historiográfica (cf. seção 1.4.1.2). Fundamenta-se essa tarefa no princípio da *imanência* (cf. seção 1.4.2.2), destacando-se, portanto, a manutenção, a evolução, o abandono ou a transformação de conceitos e práticas que se materializaram nas fontes documentais, observadas dentro de seu próprio quadro teórico. Recorre-se, ainda, ao princípio da *adequação teórica* (cf. seção 1.4.2.3), de modo a estabelecer um diálogo entre o que foi produzido no século XX em relação ao tempo presente.

Para análise dos itens coletados, foram verificadas informações referentes ao programa de investigação que norteou a investigação lexicológica, nele pressupostos os seguintes elementos internos: a) visão de léxico e de lexicologia; b) influência teórica; c) temas pesquisados; d) adequação teórica.

4.1 Ideias lexicológicas brasileiras revisitadas

As primeiras produções lexicológicas desenvolvidas e/ou introduzidas no Brasil foram propostas por mulheres que podem ser consideradas as formadoras da primeira geração de lexicólogas brasileiras. Fortemente influenciadas pelos preceitos da lexicologia europeia, sobretudo de matriz francesa, elas buscaram propor, no cenário brasileiro, modelos teóricos e metodológicos que dessem sustentação às descrições das unidades lexicais do português em uso no Brasil.

Essa geração se mobibilzou intra e interinstitucionalmente de modo a construir planos político-acadêmicos para a divulgação de uma disciplina científica que se apresentava como “moderna” em relação aos modelos de descrição lexical — anteriormente desenvolvidos nas áreas da filologia e da dialetologia — e também do que se tornaria uma nova área de investigação científica que demandaria a formação de uma nova geração de pesquisadores que se reuniriam para formar um grupo de especialidade teórica para o tratamento científico do léxico.

Desse modo, na descrição dos parâmetros internos da análise historiográfica, focalizam-se, a seguir, as ideias defendidas em torno da delimitação do conceito de Lexicologia e de seu objeto de estudo, bem como do programa de investigação que prevaleceu na segunda metade do século XX.

4.1.1 Lexicologia e seu objeto de investigação

Segundo Barbosa (1980; 1986 [1978]), a palavra, além de ser um dos elementos constitutivos da linguagem, materializa-se como um dos níveis de análise em linguística. Por essa razão, é estudada sob diferentes pontos de vista, sendo objeto de interesse da semântica, da morfossintaxe, da pragmática, da sociolinguística, da psicolinguística, entre outros ramos da ciência da linguagem. Nessa perspectiva, ao discorrer sobre as especificidades epistemológicas e metodológicas que conferem a identidade científica da Lexicologia, a autora assim se manifesta:

> A linguística é a ciência que se ocupa do estudo da estrutura e funcionamento da linguagem verbal, ou seja, efetivamente das línguas naturais. […] A lexicologia, **um dos ramos da linguística**, tem por objeto as unidades do universo lexical, isto é, as *lexias*, vistas como unidades memorizadas, disponíveis para atualização. […] Compreende-se, pois, a importância da lexicologia como **estudo científico do léxico** de uma língua e dos princípios gerais e mecanismos de sua estruturação (Barbosa, 1986 [1978], p. 81, grifos nossos, itálico da autora).

Em diversos textos teórico-programáticos, Barbosa (1980; 1986 [1978]; 1991; 1992; 1994) entende ser a Lexicologia parte integrante da linguística que se ocupa do estudo científico do léxico, correspondendo este último ao conjunto das palavras que compõem um sistema linguístico. Nesses artigos, a «palavra» é referenciada como equivalente aos termos «lexia» ou «unidade lexical», numa explícita adesão à terminologia empregada por Bernard Pottier (1964 [1962]).

Com vistas a orientar o leitor quanto a um dos "ramos da linguística" que se apresentava como novo, no sentido do direcionamento científico alinhado às correntes da linguística sincrônica, Barbosa (1980) delineia algumas das tarefas assumidas pela Lexicologia:

> Estudar a palavra em sua estrutura gramatical, semântica, semântico-sintática; examinar sua carga ideológica, sua força persuasiva, sua natureza modelizante; definir a rede de relações das palavras de um sistema linguístico; estudar o conjunto de palavras de tal sistema ou de um grupo de indivíduos, seja como universo lexical, seja como conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo, ativo e passivo, e fazer estimativas sobre o léxico virtual; considerar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma "visão de mundo", de uma ideologia, de um sistema de valores; abordá-la como um elemento instaurador e como um lugar privilegiado de reflexo da cultura; explicar os processos de criação e renovação da palavra, e de seu conjunto universo, o léxico, eis algumas das tarefas mais importantes de que se encarrega a lexicologia (Barbosa, 1980, p. 262).

Observa-se, nas tarefas programáticas explicitadas, um direcionamento para questões intra e extralinguísticas. A Lexicologia, assim concebida, ocupa-se tanto da palavra como uma unidade formal do sistema linguístico — razão pela qual seriam estudados seus processos de estruturação gramatical, semântico, semântico-sintático e interlexicais — quanto da palavra como uma unidade linguística dinâmica, de natureza psicolinguística, atualizada nas mais variadas situações de usos, condensando, em si, valores ideológicos, sociais e culturais, e funcionando como um índice de renovação e ampliação do repertório linguístico de um indivíduo, de um grupo e da própria língua.

Nesse direcionamento, a estudiosa do léxico aponta quais seriam as principais ocupações de um lexicólogo:

> Uma relação obviamente não exaustiva das tarefas atribuídas ao lexicólogo compreenderia: a) análise qualitativa dos dados lexicais; b) análise quantitativa desses mesmos dados; c) descrição da morfo-sintaxe-semântica das classes e subclasses de lexias lexicais e gramaticais; d) estabelecimento de uma rede semêmica de uma rede léxica; e) definição da estrutura vocabular; f) determinação do espectro táxico e da autonomia funcional das classes sintáticas do léxico; g) explicação dos processos de criação, mudança e renovação do léxico; h) organização de um quadro teórico da natureza e função dos modelos das unidades lexicais (Barbosa, 1980, p. 264).

Uma década depois, a autora distingue Lexicologia descritiva de Lexicologia aplicada (Barbosa, 1991; 1992), demonstrando haver duas linhas de atuação nas pesquisas desenvolvidas no Brasil. A Lexicologia descritiva permanece sendo apreendida como um dos ramos da linguística que se ocupa do estudo científico do léxico, cabendo-lhe as seguintes tarefas:

> definir conjuntos e subconjuntos lexicais – universo léxico, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; analisar e descrever as estruturas morfo-sintático-semânticas de tais unidades, sua estruturação, tipologia e possiblidades combinatórias; examiná-las em sua carga ideológica, força persuasiva, natureza modelizante; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma "realidade" infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do "real" operado pelo léxico das diversas línguas; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma "visão de mundo", de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e a atuação de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes: polissemia, homonímia, homossemia total (sinonímia), homossemia parcial (parassinonímia), hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia e, com a ajuda de certos métodos, como a análise distribucional e a análise sêmica, examinar a questão dos campos semânticos e dos domínios de experiência e trazer novas respostas a essa problemática; estabelecer a rede de relações das palavras de um sistema linguístico; procurar circunscrever a aptidão das palavras, para se interligarem, nos planos morfossintático, sintáxico e semântico, nos eixos paradigmáticos e sintagmático; estudar o conjunto de palavras de determinado sistema, ou de um grupo de indivíduos, como universo léxico ou conjunto vocabulário, analisar o léxico efetivo – ativo e passivo – e fazer estimativas sobre o léxico virtual, numa perspectiva diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica; procurar sistematizar os processos fundamentais de criação e renovação lexicais – neologia fonológica, semântica, sintagmática e alogenética –, as relações da neologia com o contexto de enunciação, os mecanismos de autoalimentação e autorregulagem do léxico; formalizar a dinâmica do léxico e do processo neológico, observadas as fases de criação da palavra, sua aceitabilidade no meio social, sua desneologização e possível reneologização (Barbosa, 1992, p. 153-154).

Numa análise do extenso parágrafo-síntese organizado pela autora, nota-se uma ampliação dos planos de ação, se comparados às tarefas por ela apresentadas em seu artigo de uma década anterior (Barbosa, 1980). O conteúdo programático da investigação lexicológica dos anos 1990, sem romper com a linguística da língua em seus aspectos intra e interlexical, está cada vez mais alinhado às correntes da linguística pragmática, na medida em que se passa a valorizar o léxico como um objeto extralinguístico, que condensa e expande valores cognitivos, sócio-históricos, culturais, ideológicos, enunciativos, apontando para a dinâmica da língua na sua

possibilidade de criação, recriação, ampliação e reformulação em função dos usos que dela se faz em cada contexto situacional.

Com relação à Lexicologia aplicada, a pesquisadora assim se posiciona:

> […] a Lexicologia aplicada se tem revelado importante, fundamental mesmo, para múltiplos campos, tecnologias e práticas. […] Os modelos teóricos construídos têm sido aplicados, com eficácia, a domínios como ensino de língua materna ou estrangeira, descrição, diagnóstico e terapia dos distúrbios de linguagem, processos de tradução automática ou mecânica, técnicas de documentação, tratamento da informação, dentre outros (Barbosa, 1992, p. 154).

Observa-se, no levantamento de Barbosa, a tentativa de justificar a Lexicologia não só como uma ciência básica, centrada na construção de modelos teóricos para a observação e descrição de fenômenos lexicais, mas também como uma ciência aplicada, em que são estabelecidas interfaces, por exemplo, com a área do ensino, da fonoaudiologia, das tecnologias, do tratamento da informação. A face "aplicada" da Lexicologia, ao ratificar o léxico no seu funcionamento e em seus diferentes usos, alinha a investigação lexicológica aos estudos pragmáticos, textuais e discursivos que ganham visibilidade no Brasil entre os anos 1980-1990.

Se, por um lado, Barbosa (1980 e ss.) buscou se ocupar de delimitar as tarefas da Lexicologia, por outro, Biderman (1978; 1999) tentou debater o objeto de estudo da Lexicologia: a palavra.

O conceito de palavra é complexo, heterogêneo e nem sempre satisfatório do ponto de vista científico. A palavra já foi teorizada sob o aspecto gráfico, fonético, mórfico, sintático, semântico e discursivo em diferentes linhas teóricas dos estudos linguísticos; contudo, em razão da polissemia que lhe é inerente e da dificuldade de delimitá-la como unidade linguística, a designação "palavra" foi preterida — e até mesmo rejeitada — por muitos linguistas. Lembra Biderman (1999) que Leonard Bloomfield (1887-1949) operou com os conceitos de morfema, forma livre mínima e forma presa, sem recorrer ao termo palavra em seus estudos. A esse respeito, a pesquisadora tece o seguinte comentário:

> No VI Congresso Internacional de Linguística, realizado em Paris, em 1948, onde se deveria discutir as noções fundamentais da Linguística Clássica, tais como a Palavra, a Frase, a Morfologia, a Sintaxe, esses conceitos foram seriamente questionados. Assim aconteceu, por exemplo, com o conceito de palavra. Esse tópico dividiu, muitas vezes, a assembleia dos linguistas presentes em posições conflitantes e

> radicais. Houve quem propusesse a proscrição definitiva deste termo da nomenclatura linguística, devido à sua imprecisão e à impossibilidade de se chegar a um acordo sobre sua definição ideal (Biderman, 1999, p. 81).

De fato, as teorias filiadas à linguística estrutural edificada no século XX a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1975 [1916]) atribuíram ao signo e ao sintagma o estatuto de unidades linguísticas de análise por excelência. Nessa perspectiva, no lugar de "palavra", foram empregados termos como morfema, lexema, monema, lema, signo, vocábulo, léxico, lexia, unidade lexical/unidade léxica, item lexical, forma livre mínima, sintagma lexicalizado, dentre outros.

Não à toa, com a ascensão da Lexicologia nos anos 1960, as primeiras reflexões lexicológicas publicadas no Brasil giraram em torno do conceito de palavra (cf. seção 3.3.1.1). Afinal, se o principal objeto de estudo da Lexicologia é a palavra, os(as) lexicólogos(as) tiveram de despender esforços para encontrar uma definição para essa unidade linguística, ainda que fosse um conceito apenas operatório. A esse respeito, argumenta Biderman (1978, p. 71):

> A notória dificuldade de estudar o léxico de uma língua se deve ao fato de ser este um sistema aberto, contrariamente aos demais domínios linguísticos como a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe. […] um sistema em expansão, como o léxico, não pode ser apreendido, nem descrito em sua totalidade.

Ao que problematiza mais adiante: "Qual é a unidade léxica que pretendemos analisar? Aliás, há uma questão ainda mais primitiva: existe uma unidade léxica?" (Biderman, 1978, p. 71). A partir desses questionamentos, a pesquisadora distingue o saber do senso comum do saber científico, a fim de defender que o conceito de palavra não pode ser universal:

> […] em todo falante existe uma consciência intuitiva de uma unidade léxica, seja qual for a sua língua materna […] É certo, porém que a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante (Biderman, 1978, p. 72-73).

Nessa dimensão, entende a pesquisadora que o conceito de palavra tem de ser de ser relativizado e delimitado no interior de cada língua. O conceito adotado por ela é o de palavra como uma unidade psicolinguística:

> […] considero que o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto; ele é relativo e varia de língua para língua. De fato, a afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade (Biderman, 1999, p. 82).

Nesse sentido, em termos operacionais, a autora aceita o uso de «vocábulo» e «palavra» para designar realizações discursivas, por serem as designações mais correntes aos falantes do português. Porém, no que diz respeito à metalinguagem lexicológica, Biderman (1999) recorre à seguinte proposta: o termo «lexema» é empregado para unidades virtuais que compõem o léxico; «lema» é a sua representação canônica dicionarizada; já as manifestações discursivas dos lexemas devem ser referidas utilizando o termo técnico «lexia». A partir disso, o «léxico» é denominado como o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua, e «vocabulário», o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades[106].

4.1.2 Programa de investigação

4.1.2.1 Léxico e quantificação da linguagem

Em 1966, a então professora. Maria Tereza de Almeida Camargo (mais tarde Maria Tereza Camargo Biderman) apresenta uma comunicação oral no I Seminário de Linguística de Marília, realizado em agosto daquele ano na Unesp, e se propõe a discutir o uso de métodos estatístico-matemáticos no tratamento de dados linguísticos. O propósito do encontro era reunir linguistas brasileiros para "[…] avaliar o estado atual dos estudos linguísticos no Brasil, de acordo com as suas **tendências mais representativas**" (Biderman, 1967, p. 7, grifo nosso). Nesse evento, a autora comenta a inexistência de pesquisas sistemáticas em estatística linguística realizadas no Brasil ou sobre a língua portuguesa no geral.

Em uma passagem de sua comunicação, organiza uma exposição modalizada pelo discurso do "fazer-saber", razão qual pela qual justifica a apresentação de um relatório informativo sobre a aplicação de métodos estatísticos da descrição de línguas modernas por lexicólogos europeus e estadunidenses: "Justifico-me assim de

[106] Nesta tese, a discussão sobre as tarefas da Lexicologia e de seu objeto de estudo delimita-se aos trabalhos de Barbosa e Biderman, por terem sido as autoras mais referenciadas sobre essas questões nos trabalhos produzidos no período investigado.

antemão por não apresentar um trabalho original, mas de fornecer simplesmente ocasião para discutirmos sobre **um setor importante da linguística que tem sido descurado entre nós**" (Biderman, 1967, p. 117, grifo nosso).

Na visão da pesquisadora, o uso e aplicação de técnicas estatísticas e probabilísticas para análise e descrição da "face quantitativa da linguagem" era um procedimento emergente em muitos setores das ciências humanas; contudo, o fato de ser "descurado" pelos linguistas brasileiros não só representava certo descompasso da investigação nacional em relação ao que se produzia no exterior, como também poderia indiciar a falta de precisão nos resultados obtidos nos estudos aqui realizados. A advertência lançada pela pesquisadora decorre de sua consciência de que a quantificação de dados já era um procedimento adotado nas investigações filológicas; todavia, ainda de modo empírico, heterogêneo e, de certo modo, artesanal, na medida em que os dados eram catalogados em fichas e analisados manualmente.

Uma forma de alinhar a pesquisa nacional às "tendências mais representativas" seria a implantação de métodos derivados das ciências exatas, auxiliados pelos recursos tecnológicos disponíveis na época — calculadoras mecanográficas ou eletrônicas. Esse seria um desafio a ser suplantado pela comunidade científica brasileira, principalmente pela relutância em empregar métodos usados nas ciências exatas na estruturação, análise, quantificação e interpretação de fenômenos e ocorrências linguísticas: "A maioria dos linguistas recuará com horror diante de tratados como o The Calculus of Linguistic Observations de Herdan, e torcerá o nariz a uma tábua de X^2 das Geórgicas de Virgílio" (Biderman, 1967, p. 117).

Para essa estudiosa, no entanto, os linguistas precisariam se predispor a esse tipo de investigação, afinal "[…] os matemáticos e estatísticos que se têm dedicado à Linguística Matemática não têm suficiente formação linguística para equacionarem devidamente os problemas linguísticos dentro do universo estatístico" (Biderman, 1967, p. 117-118).

O dilema, portanto, incidia sobre uma dualidade: por um lado, matemáticos e estatísticos sabiam fazer uso dos instrumentos inerentes a seu campo de atuação, mas não tinham conhecimento suficiente para analisar, descrever e explicar fenômenos linguísticos; por outro, linguistas sabiam estudar os fenômenos linguísticos; praticavam-no, contudo, sem o método adequado para o tratamento de

grandes *corpora* textuais, de onde se extraíam os fenômenos a serem observados e analisados.

Diante desse impasse, a autora defende a inserção de estudos estatísticos nos currículos de linguística ofertados nos cursos de formação inicial. Sobre isso, faz uma afirmação programática: "[…] **é absolutamente indispensável uma formação estatística elementar**, a fim de que o linguista possa avaliar os resultados da Estatística, quando aplicada ao universo linguístico" (Biderman, 1967, p. 118, grifo nosso). A pesquisadora, então, discute a estatística linguística, enfatizando três aspectos:

a) o uso da estatística e dos conhecimentos matemáticos como instrumento de pesquisa linguística;

b) os problemas e métodos da estatística linguística, até então regidos pelo empirismo linguístico ou pelo uso de múltiplos critérios de análise;

c) as aplicações da estatística linguística.

Como alternativa aos problemas a serem suplantados, expõem-se as seguintes demandas: a) necessidade de inserção de cursos introdutórios de estatística na formação inicial de estudantes inclinados aos estudos linguísticos; b) estabelecimento de uma plataforma comum para acondicionar/divulgar os dados sobre a língua portuguesa, derivados de investigações de análise linguística por métodos estatísticos; c) formação especializada dos linguistas/lexicólogos, que deveriam ter uma definição clara de vocabulário e de unidade léxica, a fim de que a análise estatística fosse realizada por meio de critérios seguros — principalmente no que diz respeito à automação do processo por meio de recursos tecnológicos (Biderman, 1967, p. 118).

Ao que tudo indica, o argumento de Biderman (1967), numa explícita demonstração de recepção às pesquisas consolidadas no exterior, principalmente em universidades francesas, ia ao encontro do clima de opinião da época, direcionado para a interdisciplinaridade e, no caso analisado, com forte adesão ao estabelecimento de interfaces entre os estudos linguísticos e os estudos matemáticos/estatísticos. Nessa mesma direção, Ferreira (2020), ao resgatar o histórico da Proposta de criação do Grupo de Linguística, de 1968, na Unicamp, flagra,

em uma Ata de Reunião do Conselho Diretor, a aprovação desse grupo pelo então Magnífico Reitor Zeferino Vaz, nos seguintes termos:

> A Linguística Matemática, cuja evolução se fez sobretudo nestes últimos quinze anos, abriu horizontes e perspectivas extraordinárias para a matematização das chamadas ciências humanas. A Universidade de Campinas se quiser realmente desenvolver-se em termos modernos e utilizando imediatamente as consequências dos conhecimentos já estabelecidos da Linguística Matemática e ainda se quiser impor-se no panorama cultural brasileiro com características de originalidade deve, ao ver do Reitor, dar apoio à criação imediata do Grupo de Linguística (Trecho da Ata do Conselho Diretor da Unicamp, 1969 *apud* Ferreira, 2020, p. 111).

A proposta da Unicamp era condizente ao modelo de pesquisa realizado na universidade francesa de Besançon (cf. cap. 2): “Vemos, no texto da Proposta, uma linguística configurada a partir de estreitas relações com métodos matemáticos, que era uma das linhas de pesquisa na Universidade de Besançon naquele momento” (Ferreira, 2020, p. 98).

Pais (1972) adere à introdução dos estudos de ciências exatas na investigação linguística e publica um artigo no qual busca alinhar a metalinguagem da área, argumentando ser a estatística linguística uma técnica, e não um método ou uma corrente dos estudos linguísticos:

> Apesar da terminologia um tanto rebarbativa para os literatos que tentam abordá-la sem uma preparação matemática, a estatística linguística — linguística estatística, como preferem alguns —, desenvolvida em algumas Universidades europeias e americanas, como Estrasburgo e Stanford, é uma técnica, ou antes, um conjunto de técnicas bastante simples, que busca aplicar os métodos estatísticos à análise das estruturas e funções linguísticas.
> Não se confunde, pois, com a assim chamada linguística matemática, que consiste essencialmente numa tentativa de formalização da língua e que se vale dos quadros lógico-matemáticos.
> Técnica ou conjunto de técnicas, a estatística linguística não constitui propriamente uma escola linguística independente, mas põe à disposição das diferentes correntes atuais uma série de instrumentos de pesquisa eficientes e versáteis. Empregada em estudos linguísticos, literários ou filológicos, não suprime o linguista ou o filólogo e em nada diminui o seu papel (Pais, 1972, p. 73).

Observa-se, no trecho, não um discurso de ruptura, mas de complementariedade entre o saber conhecido e o que se propunha como novidade.

De acordo com Pais (1972), linguistas, literatos e filólogos poderiam se valer das técnicas da linguística estatística — avaliadas por ele como “bastante simples” — para o aprimoramento de teorias e métodos inerentes a cada área do saber.

Recorrer a procedimentos estatísticos, a técnicas probabilísticas ou a esquemas matemáticos para estruturar, analisar, quantificar e interpretar fenômenos e ocorrências linguísticas era uma forma de deslocamento da linguística do sistema — com todas suas abstrações — para uma linguística centrada nos usos. É assim que a Lexicologia adota um programa de investigação, denominado léxico-estatística, visando à aplicação prática de princípios/técnicas científicas em vários setores, como o da análise de textos concretos, o do ensino de línguas e o da confecção de dicionários ordenados por frequência de uso.

Nessa esfera de análise quantitativa da linguagem, Souza (1979 [1975]) defende a análise das propriedades lexicais de um texto, tomando como parâmetro sua quantificação. Para isso, recorre ao poeta simbolista francês Charles Baudelaire (1921-1867), segundo o qual:

> Para adivinhar a alma de um poeta, ou ao menos a sua principal preocupação, procuremos, nas suas obras, qual é a palavra ou quais são as palavras que nelas são representadas com maior frequência. A palavra vai traduzir a obsessão! Se eu encontrar […] uma palavra que, pela sua repetição frequente, demonstre denunciar uma inclinação natural e um determinado propósito, terei o direito de concluir que esta palavra pode servir para caracterizar, melhor do que qualquer outra, a natureza de seu talento. (Baudelaire, Charles *apud* Souza, 1979 [1975], p. 7, tradução nossa[107]).

A afirmação baudelairiana ecoa um dos pressupostos defendidos por Guiraud (1954), para quem a frequência de uso de um signo pode tanto desvelar o discurso prototípico de um autor quanto caracterizar o estado de uma língua em um dado recorte temporal. Seguindo as orientações de Guiraud (1954), a autora recorre aos processos estatísticos como instrumento de pesquisa para uma investigação sistemática da frequência lexical na obra de três poetas simbolistas brasileiros:

[107] “Pour deviner l’âme d’un poète ou du moins sa principale préoccupation, cherchons dans ses oeuvres quel est le mot ou quels sont les mots qui s’y représentent avec le plus de fréquence. Le mot traduira l’obsession! Si je trouve […] un mot qui, par sa fréquente répétition, semble dénoncer un penchant naturel et un dessein déterminé, j’aurai le droit de conclure que ce mot peut servir à caracteriser, mieux que tout autre, la nature de son talent”.

Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), Cruz e Souza (1861-1898) e Edgar Mata (1878-1907).[108]

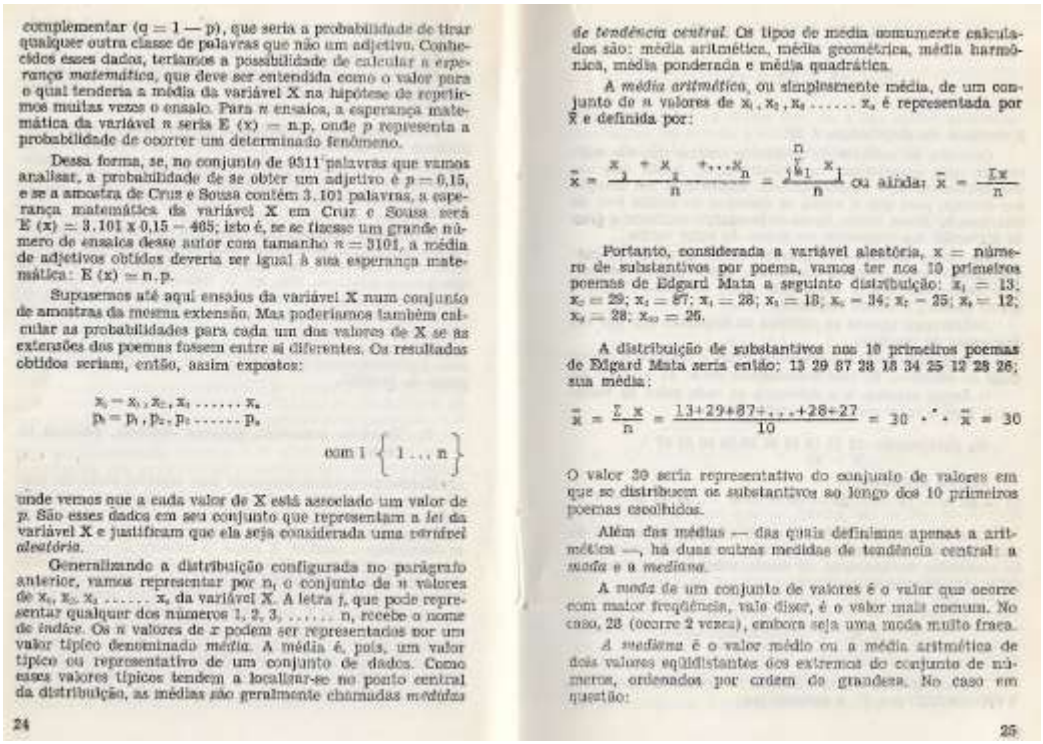
No prefácio à obra, a autora afirma não ter interesse em criar novas teorias; pelo contrário, busca se valer de estudos previamente formulados e aplicá-los a seu foco de interesse, num explícito discurso de recepção às teorias existentes e continuidade epistemológica:

> Nossa intenção foi, somente, organizar o material teórico já existente em termos de estatística aplicada à linguística e **definir uma metodologia de análise** cuja aplicabilidade fosse imediata e nos levasse a um trabalho experimental com resultados também imediatos (Souza, 1979 [1975], p. 11, grifo nosso).

Para o cumprimento de seu propósito, a pesquisadora recorre à léxico-estatística e constrói um capítulo para discutir os "Fundamentos teóricos do método" (Souza, 1979 [1975]). Sua base teórica é concentrada na abordagem de linguistas-estatísticos franceses, como Pierre Guiraud, Charles Muller, René Michéa, Jean Roche, Jean-Claude Corbeil, Georges Gougenheim, Louis Guilbert, bem como do linguista tcheco Gustav Herdan. Os fundamentos discutidos pela autora incluem tópicos relacionados: à coleta dos dados (por *população* ou *amostragem*); à *variável* de *dados efetivos* e de *dados de frequência* (*relativa* e *absoluta*); à *triagem aleatória* de elementos; aos graus de certeza/incerteza decorrente do *cálculo das probabilidades*; ao processo de *constituição de amostras* (*exaustivo* ou *não exaustivo*); à medida das *variáveis* (*centrais* ou *de dispersão*); à distribuição de probabilidade de uma variável aleatória; e à testagem de hipóteses.

[108] Na verdade, a autora também segue a mesma linha temática, na medida em que P. Guiraud (1954) se ocupou inventariar o léxico de poetas simbolistas; contudo, franceses.

Figura 19: Exemplo de como realizar uma análise de variável aleatória



complementar (q = 1 — p), que seria a probabilidade de tirar qualquer outra classe de palavras que não um adjetivo. Conhecidos esses dados, teríamos a possibilidade de calcular a *esperança matemática*, que deve ser entendida como o valor para o qual tenderia a média da variável X na hipótese de repetirmos muitas vezes o ensaio. Para *n* ensaios, a esperança matemática da variável *n* seria E (x) = n.p, onde *p* representa a probabilidade de ocorrer um determinado fenômeno.

Dessa forma, se, no conjunto de 9511 palavras que vamos analisar, a probabilidade de se obter um adjetivo é p = 0,15, e se a amostra de Cruz e Sousa contém 3.101 palavras, a esperança matemática da variável X em Cruz e Sousa será E (x) = 3.101 x 0,15 = 465; isto é, se se fizesse um grande número de ensaios desse autor com tamanho n = 3101, a média de adjetivos obtidos deveria ser igual à sua esperança matemática: E (x) = n.p.

Suponemos até aqui ensaios da variável X num conjunto de amostras da mesma extensão. Mas poderíamos também calcular as probabilidades para cada um dos valores de X se as extensões dos poemas fossem entre si diferentes. Os resultados obtidos seriam, então, assim expostos:

$$x_i = x_1, x_2, x_3 \ldots\ldots x_n$$
$$p_i = p_1, p_2, p_3 \ldots\ldots p_n$$
$$\text{com } i \left\{ 1 \ldots n \right\}$$

onde vemos que a cada valor de X está associado um valor de *p*. São esses dados em seu conjunto que representam a *lei* da variável X e justificam que ela seja considerada uma *variável aleatória*.

Generalizando a distribuição configurada no parágrafo anterior, vamos representar por n_i o conjunto de *n* valores de $x_1, x_2, x_3 \ldots\ldots x_n$ da variável X. A letra *i*, que pode representar qualquer dos números 1, 2, 3, ... n, recebe o nome de *índice*. Os *n* valores de *x* podem ser representados por um valor típico denominado *média*. A média é, pois, um valor típico ou representativo de um conjunto de dados. Como esses valores típicos tendem a localizar-se no ponto central da distribuição, as médias são geralmente chamadas *medidas*

24

de tendência central. Os tipos de média comumente calculados são: média aritmética, média geométrica, média harmônica, média ponderada e média quadrática.

A *média aritmética*, ou simplesmente média, de um conjunto de *n* valores de $x_1, x_2, x_3 \ldots\ldots x_n$ é representada por $\bar{x}$ e definida por:

$$\bar{x} = \frac{x_1 + x_2 + x_3 + \ldots x_n}{n} = \frac{\sum_{i=1}^{n} x_i}{n} \text{ ou ainda: } \bar{x} = \frac{\Sigma x}{n}$$

Portanto, considerada a variável aleatória, x = número de substantivos por poema, vamos ter nos 10 primeiros poemas de Edgard Mata a seguinte distribuição: $x_1 = 13$; $x_2 = 29$; $x_3 = 87$; $x_4 = 28$; $x_5 = 18$; $x_6 = 34$; $x_7 = 25$; $x_8 = 12$; $x_9 = 28$; $x_{10} = 26$.

A distribuição de substantivos nos 10 primeiros poemas de Edgard Mata seria então: 13 29 87 28 18 34 25 12 28 26; sua média:

$$\bar{x} = \frac{\Sigma x}{n} = \frac{13+29+87+\ldots+28+27}{10} = 30 \therefore \bar{x} = 30$$

O valor 30 seria representativo do conjunto de valores em que se distribuem os substantivos ao longo dos 10 primeiros poemas escolhidos.

Além das médias — das quais definimos apenas a aritmética —, há duas outras medidas de tendência central: a *moda* e a *mediana*.

A *moda* de um conjunto de valores é o valor que ocorre com maior freqüência, vale dizer, é o valor mais comum. No caso, 28 (ocorre 2 vezes), embora seja uma moda muito fraca.

A *mediana* é o valor médio ou a média aritmética de dois valores eqüidistantes dos extremos do conjunto de números, ordenados por ordem de grandeza. No caso em questão:

25

Fonte: Souza (1979 [1975], p. 24-25).

Conforme ilustrado na figura anterior, referente a uma orientação sobre a análise de uma variável aleatória X, em que X faz remissão ao número de adjetivos empregados em cada um dos poemas de Cruz e Sousa, caberia ao lexicólogo léxico-estatístico ter afinidade com os modelos de cálculos estatístico-matemáticos para o estudo dos fenômenos linguístico-literários, ou mais especificamente, léxico-estilísticos.

Como observado, mais uma vez, um trabalho lexicológico produzido no Brasil destaca a preocupação com escolha do método mais adequado ou da técnica mais eficaz para a análise lexical da obra de um autor literário e sua respectiva quantificação.

As ideias de Cilene Souza recaem sobre os seguintes pressupostos:

- A lexicologia brasileira é uma lexicologia de recepção aos modelos teórico-metodológicos europeus, sobretudo franceses.

- A lexicologia brasileira é uma lexicologia de continuidade epistemológica em relação à lexicologia francesa e de reinterpretação dos percursos de análise

lexical iniciados nas áreas da filologia e da dialetologia. Não se trata, portanto, de uma ruptura; pelo contrário, há o reconhecimento de que filólogos e dialetólogos já realizam análises lexicais, ainda que de modo empírico e heterogêneo. Caberia, portanto, à lexicologia, apresentar modelos mais eficazes e produtivos para o tratamento de maior quantidade e diversidade de textos para resultado mais seguros e sistematicamente analisados por meio de dados estatístico-matemáticos e de tratamento tecnológico para coleta e análise de dados.

- O enfoque da lexicologia brasileira é a busca por um método eficaz e seguro para análise lexical: “Nossa intenção foi […] definir uma metodologia de análise” (Souza (1979 [1975]), p. 11) – também revelado no título das obras: “Um método quantitativo para a análise lexical”

4.1.2.2 Construção de modelos teóricos

Outra preocupação referente ao programa de investigação diz respeito à construção de modelos teóricos adequados à pesquisa lexicológica. Nesse quesito, o trabalho de Barbosa (1986 [1978]) é um exemplar das ideias que circularam ao longo do século XX. Trata-se de um capítulo do *Manual de Linguística*, publicado em 1978 pela Editora Vozes. No Manual, além da apresentação assinada por Cidmar Pais e Mônica Rector, há sete capítulos, acompanhados de listas de exercícios, que contribuem para a caracterização do gênero, ampliando sua funcionalidade no processo de ensino-aprendizagem, ainda que o formato dos exercícios seja distinto e irregular.

Na apresentação da obra, seus organizadores assim se posicionam:

> […] aprender uma disciplina científica consiste sobretudo em habilitar-se a fazer um novo recorte da experiência, reformular a visão de mundo construído, adquirir uma nova linguagem, a metalinguagem que lhe é própria, como um instrumento privilegiado que abre as portas de um discurso cuja ideologia necessária é o “dizer verdadeiro” e cujo desempenho traz o poder saber e o fazer saber (Pais *et al*., 1986 [1978], p. 7).

Nota-se aí um argumento voltado para a ruptura com os modelos até então instituídos. Vale ressaltar que essa ruptura não se limita aos modelos teóricos que até

então circulavam nos anos 1970, como também no modo de dizer a ciência; afinal, Pais *et al*., 1986 [1978]), de certa forma, tecem uma crítica aos manuais de introdução aos estudos linguísticos que circulavam nos ambientes acadêmicos (cf. Altman, 2021a; 2021b):

> […] os organizadores deste trabalho procuraram – e esperam tê-lo conseguido – escapar à tentação de fazer uma apressada apresentação de numerosas escolas e correntes, o que, além de superficial, deixaria o leitor não especialista tão perplexo como desinformado (Pais *et al*., 1986 [1978], p. 7)

Infere-se desse discurso a tentativa de convencer o leitor de que ele encontrará, naquele *Manual de Linguística*, uma obra mais concisa em termos de explicação das diferentes possibilidades de teorização linguística, porém mais objetiva e aprofundada no programa de investigação que busca divulgar para quem está em processo de formação inicial. Trata-se, assim, de um manual que busca guiar seu leitor para que ele não se sinta "desinformado" em meio a tantas novidades que começam a emergir no fim da década de 70 do século XX.

O programa de investigação planificado e divulgado por Barbosa busca contemplar o público-alvo para o qual o manual foi delineado: "[…] estudantes universitários e todos aqueles que desejam iniciar-se nos estudos desse rico, complexo e multifacetado objeto que é a linguagem humana".[109]

Nesse sentido, a autora se propõe a construir uma exposição voltada ao seguinte propósito comunicativo: "fazer saber" o que a comunidade de pesquisadores — no caso, os lexicólogos — defende como princípios elementares para o tratamento científico do léxico de uma língua. Para isso, recorre a uma metalinguagem rigorosa, introduzindo termos prototípicos da lexicologia estrutural, vigente naquele momento histórico:

A metalinguagem empregada pela estudiosa desvela sua esfera de influência, bem como a recepção e adesão de modelos teórico-metodológicos da linguística descritiva sincrônica, mais especificamente da lexicologia estrutural na sua vertente francesa, representada pelos trabalhos de B. Pottier, C. Muller, L. Guilbert, C. Dubois, J. Dubois, E. Genouvrier e J. Peytard.

[109] Trecho extraído de texto inserido na orelha direita do livro.

A autora aborda a Lexicologia, nas dimensões estrutural, sintática e semântica, a partir de uma perspectiva essencialmente estruturalista (europeia), como se depreende das formas discursivas adotadas: “a semântica lexical e gramatical possuem o mesmo tipo de estruturação, diferindo, porém, quanto à natureza dos elementos nelas implicados” (Barbosa, 1986 [1978], p. 3).

Ademais, a pesquisadora aborda desde campos semânticos até a estrutura morfológica das “lexias lexicais e gramaticais”, passando por análises das relações que compõem o significado tanto no nível lexical quanto no nível gramatical (“semântica lexical e gramatical”). A retórica adotada na exposição dos aspectos teórico-metodológicos da lexicologia e da lexicografia realça, como esperado, a busca da cientificidade, uma vez que se faz um “tratamento científico do léxico” (Barbosa 1986 [1978]), inserido numa perspectiva exploradora do diálogo da linguística com a semiótica (“o léxico e a semiótica humana”, como indica o título de uma das subseções), outra esfera de influência presente no manual e também campo de atuação dos organizadores do livro.

4.1.2.3 Neologia, neologismos e as mudanças sociais

A preocupação de estabelecer vínculos entre léxico e sociedade fica evidente nas pesquisas direcionadas ao tema da neologia e dos neologismos. Nesse setor, Nelly [Medeiros de] Carvalho e Ieda Maria Alves, por suas publicações, assumem um papel de liderança intelectual relevante na Lexicologia nacional.

As ideias linguísticas depreendidas do conteúdo das obras produzidas por Nelly Carvalho incidem sob a noção teórica de neologia e de suas funções sociais, sobretudo nos domínios discursivos jornalístico e publicitário.

A pesquisadora parte do pressuposto de que a sociedade está em contínuo processo de transformação, produzindo inovações nos diferentes setores da atividade humana: político, econômico, científico, artístico, técnico etc. Por essa razão, a língua deve ser compreendida, segundo essa estudiosa, como a representação de uma sociedade e da cultura por ela produzida: “A língua [é] espelho da cultura […] é um fato social, concretizando uma maneira peculiar de ver o mundo de cada comunidade” (Carvalho, 1984, p. 7; 14).

Nessa perspectiva, uma forma de acompanhar as mudanças socioculturais inerentes a uma comunidade é por meio da observação e análise dos neologismos produzidos pelos membros dessa comunidade em determinado tempo e espaço.

Já os trabalhos coordenados por Alves voltaram-se para a análise sistemática das unidades lexicais neológicas e do fenômeno da neologia na mídia impressa brasileira. A autora centrou seus estudos tanto no processo de criação de novas unidades lexicais (neologia) quanto no produto resultante dessa criação e renovação (neologismo). Na visão dessa pesquisadora, o neologismo pode ser "[…] uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de outra língua" (Alves, 1990, p. 5).

Desse modo, além de descrever os tipos de relações que as unidades lexicais neológicas estabelecem com outras unidades nos diferentes níveis de análise linguística (fonológico, morfossintático e semântico), as investigações dessa pesquisadora contribuíram para compreender como os fatores sócio-históricos determinam a necessidade de nomear o novo e/ou de reinterpretar o conhecido.

Em sendo o processo de criação e renovação lexical inerente às mudanças sociais, históricas e culturais por que passa uma comunidade linguística, as investigações lexicológicas de Alves e Carvalho foram fundamentais para deslocar a visão tradicional de neologismos ou de empréstimos como vícios de linguagem ou ameaça ao sistema linguístico.

Essas pesquisadoras, assim como outros autores que aderiram a essa linha de pesquisa, foram fortemente influenciados pelos estudos de lexicólogo francês Louis Guilbert. Notam-se, ainda, recorrentes referências aos trabalhos de Jean-François Sablayrolles, Jean-Claude Boulanger, Georges Matoré, Christiane Marcellesi, Jacqueline Bastuji e John Lyons, revelando, desse modo, a influência teórica francófona sobre seus estudos.

4.2 Temas e interfaces

A produção de estudos em nível de graduação deu origem a trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica voltados para fenômenos lexicais em áreas de interface. Raramente, as pesquisas produzidas foram configuradas como

exclusivas à área da Lexicologia; pelo contrário, a esta última funcionou como ciência básica ou o principal fundamento teórico para tratar de questões relacionadas à dialetologia, terminologia, lexicografia, fraseologia, onomástica, sociolinguística, geolinguística e fonética/fonologia. Os temas de maior interesse foram:

- a formação de neologismos e a introdução de empréstimos lexicais no português brasileiro;
- a construção de campos léxico-semânticos decorrentes de pesquisas sobre o léxico regional e/ou de textos comuns a áreas de especificidades (terminologia);
- a análise de propostas didáticas para o ensino do léxico na educação básica;
- a descrição de unidades lexicais de línguas indígenas brasileiras.

A produção de trabalhos em nível de pós-graduação *lato sensu* deu origem a monografias de especialização ancoradas nos seguintes centros de interesse:

- estudo de designações lexicais empregadas em diferentes campos do conhecimento;
- detecção e descrição de neologismos no português brasileiro, principalmente das inovações lexicais em circulação na mídia impressa;
- descrição de alguns processos de formação lexical (derivação, siglonímia);
- análise de práticas de ensino do léxico aplicadas e/ou aplicáveis à educação básica;
- estudo do léxico autoral de cânones da literatura brasileira;
- estabelecimento de interfaces entre Lexicologia e outras áreas como a dialetologia e a lexicografia.

A produção de trabalhos em nível de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) deu origem a dissertações e teses que abarcaram parte dos temas elencados em nível de graduação e especialização, tendo sido responsáveis pelo programa de investigação que se fixou nas quatro décadas finais do século XX. Desse modo, os principais temas de interesse foram:

- a análise quantitativa do léxico extraído de diferentes fontes escritas — dos cânones da literatura em língua portuguesa aos textos da imprensa jornalística e/ou do domínio discursivo publicitário;

- a descrição das unidades lexicais neológicas, sua tipologia, funções e usos, bem como do processo de neologia;
- a descrição analítica de empréstimos lexicais no português brasileiro;
- a construção de campos léxico-semânticos decorrentes de pesquisas sobre o léxico regional e/ou de textos comuns a áreas de especificidades (terminologia);
- o estudo do significado lexical e de suas relações de hierarquia, coordenação, equivalência, oposição, complementariedade;
- a análise de propostas didáticas para o ensino do léxico na educação básica;
- o estudo de designações lexicais empregadas em diferentes campos do conhecimento;
- os processos de formação de unidades lexicais em seus aspectos morfológicos, morfossintáticos e morfossemânticos;
- os usos e funções do léxico motivados por problemas de natureza histórica, sociocultural, psicolinguística, pragmática;
- o léxico no funcionamento textual-discursivo;
- a descrição de unidades lexicais de línguas indígenas brasileiras.

A Lexicologia também ficou caracterizada como sendo uma disciplina de interfaces, que faz fronteira com as seguintes áreas:

- lexicografia;
- etimologia;
- semasiologia/onomasiologia;
- onomástica;
- morfologia;
- semântica;
- estilística;
- fraseologia.

4.3 Adequação teórica

Como registrado no capítulo 1, o princípio da «adequação teórica» pressupõe a intervenção do historiógrafo sobre a fonte documental, possibilitando sua

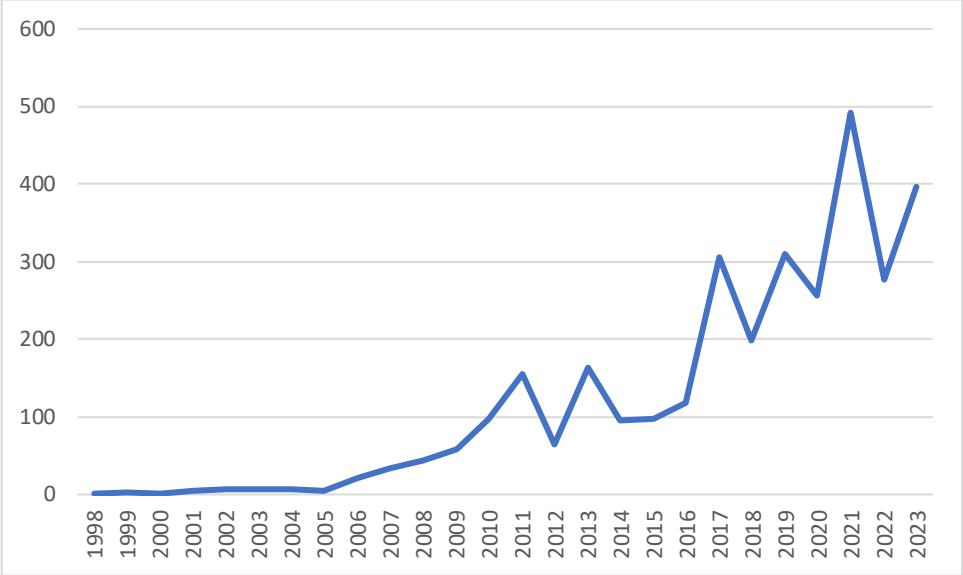
reinterpretação e atualização à luz de teorias, métodos, terminologias e conceitos vigentes na atualidade. No entanto, ainda é ínfimo o distanciamento temporal entre o que se produziu no século XX e a pesquisa lexicológica deste início de século XXI, de modo que ainda se observa muita similaridade entre o produzido e o que vem sendo investigado.

Por ser uma área relativamente nova, a Lexicologia do século XX se ocupou da formação de um corpo de pesquisadores especializados; foi, portanto, uma Lexicologia pouco propositiva e mais programática e instrucional, dando continuidade aos modelos teórico-metodológicos europeus. Inovou, no entanto, na escolha do *corpus* — por privilegiar textos de grande circulação nacional, como jornais e revistas, em detrimento de textos literários — e no estabelecimento de novas interfaces, como a linguística textual e a análise do discurso, não se restringindo a áreas mais tradicionais como a lexicografia e a terminografia. Foi uma Lexicologia conciliadora, na medida em que não rompeu com a dialetologia, com a estilística e até mesmo com a filologia, ao mesmo tempo que buscou estabelecer diálogos com a morfologia, a linguística textual e a linguística computacional.

Não se observa, portanto, um discurso de ruptura, e sim de reinterpretação de modelos desenvolvidos em décadas anteriores por outros mais adequados e precisos para o tratamento de fenômenos lexicais na língua em uso e/ou para a aplicação em outros setores, como o do ensino de língua portuguesa. Trata-se de uma Lexicologia apreendida como estrutural em seu tempo, mas, sob o olhar contemporâneo, nitidamente funcionalista e textual-discursiva.

No que diz respeito à metalinguagem empregada para se referir à Lexicologia, se, no passado, o hiperônimo definicional oscilava entre “área”, “setor”, “disciplina” ou “estudo”, a tendência, no Brasil atual, é entendê-la como uma das “ciências do léxico”, visão defendida pelos membros do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll. Esse é também um fato evidenciado nos artigos publicados em *sites* brasileiros nas décadas iniciais deste século XXI, conforme representado no Gráfico 7:

Gráfico 7: O uso do termo «ciências do léxico» em páginas eletrônicas



Fonte: Elaboração própria.

As áreas de interesse, contudo, têm se diversificado e são cada vez mais voltadas para conteúdos específicos da Lexicologia. Despontam no século XXI estudos sobre onomástica — com destaque à toponímia e à antroponímia; sobre o léxico regional — numa interface com a dialetologia e a geolinguística; sobre neologia e neologismos — reforçando parte do programa de investigação fixado no século XX.

Com relação às pesquisas em «léxico-estatística», tem sido recorrente o uso dos equivalentes «estatística léxica» ou «lexicometria» (Quemada, 1973; Biderman, 1998; 2001). Essa é uma linha de investigação científica do léxico, que passou a estabelecer intersecções entre a linguística informática (Zapparoli; Camlong, 2002) e a linguística de *corpus* (Halliday *et al*., 2004).

Modernamente, os procedimentos de análise e interpretação de dados quantitativos do léxico, extraídos de textos falados e escritos das mais distintas áreas do conhecimento, têm sido realizados por meio de tratamentos matemático-estatístico-computacionais rigorosos, facultando um levantamento mais preciso da composição lexical de textos em circulação nas inúmeras esferas discursivas cotidianas. Os resultados desses estudos têm demonstrado as funções práticas da Lexicologia, pois deles resultam contribuições relacionadas às delimitações das unidades lexicais, aos processos de lematização vocabular, às análises de vocábulos homônimos e polissêmicos, entre outras questões. Ressalte-se, ainda, sua

importância no setor da inteligência artificial, sobretudo no que concerne a questões relacionadas à tradução automática.

As pesquisas mais recentes têm oferecido bases para o ensino de línguas maternas e estrangeiras, pois inventariam as unidades lexicais com alta, média e baixa frequência de usos, pontuando efetivamente o que é usual em toda a extensão do léxico. Ademais, possibilitam a construção de dicionários, vocabulários e outros materiais para fins didáticos, que reflitam, com maior grau de fidelidade, as ocorrências léxico-gramaticais reais — e não apenas as idealizadas por autores de livros didáticos, por exemplo.

Destaca-se, ainda, a possibilidade de identificação e levantamento do vocabulário presente em dada obra literária ou típica de um falante, de um grupo de falantes, bem como de toda uma comunidade linguística, propiciando o reconhecimento da densidade lexical de um texto, dos processos de formação vocabular e da produtividade no uso certos afixos, na frequência de empréstimos lexicais e na formação de fenômenos neológicos, estilísticos, pragmáticos, sócio-histórico-culturais e ideológicos que tipificam as variações diastráticas, diafásicas, diatópicas. Subsidia, assim, as pesquisas onomásticas, a construção de atlas linguísticos, a construção de dicionários históricos, a elaboração de dados relacionados à morfologia histórica, a descrição de fenômenos de lexicalização, entre outros tipos de ocorrência na língua em uso.

Outro trabalho que pode ser compreendido à luz do princípio da adequação teórica é o estudo de Cambraia (2013), que reinterpreta a Lexicologia social de Matoré (1953), buscando uma articulação entre as ideias do lexicólogo francês e a sociolinguística variacionista laboviana. Segundo Cambraia (2013), a Lexicologia social de Georges Matoré centra-se na descrição de neologismos lexicais, com vistas a compreender a visão de mundo estabelecida socialmente em um dado estado de uso linguístico. No entanto, acrescenta o pesquisador, essa Lexicologia não contempla, em sua análise, as variações lexicais relacionadas a gênero, idade, classe social, região, nível de escolarização dos falantes, etc. Nesse sentido, o autor propõe uma articulação entre conteúdos de história, sociologia e sociolinguística variacionista. Nessa nova abordagem, denominada por ele «Lexicologia sócio-histórica», o léxico deve ser apreendido na dinâmica de seus diferentes usos e em seus aspectos temporal, social e espacial:

> […] uma tal visão dinâmica supõe ainda encaixar o estudo do léxico nos três principais eixos (temporal, social e espacial) que devem ser considerados para uma compreensão mais global das mudanças, tal como defendeu Labov (1982, p. 20) ao propor a articulação entre linguística histórica, sociolinguística e dialetologia. Uma consequência inevitável é a de que um tal modelo de *lexicologia sócio-histórica* supõe uma prática mais baseada em estudos aprofundados de casos específicos com o objetivo, a longo prazo, de associação entre eles com base em dados sócio-históricos do que análises descontextualizadas de grandes listas de neologismos (Cambraia, 2013, p. 184).

Por fim, no plano das pesquisas voltadas para os usos socioculturais do léxico, tem-se introduzido, na Lexicologia brasileira, o conceito de «lexicultura», proposto Robert Galisson (1991). Ele emerge de uma abordagem discursiva, cujo propósito é integrar, com maior grau de precisão, o ensino da cultura ao ensino de uma língua, tendo como suporte o léxico. Lexicultura, para esse pesquisador, é "[…] a cultura mobilizada e atualizada nas e por meio das palavras de todos os discursos" (Galisson, 1995, p. 6, tradução nossa, grifo do autor).

Segundo Galisson (1995), as representações socioculturais condensadas nas formas lexicais e/ou manifestadas por meio delas devem ser objeto de estudo e ensino, uma vez que se aprende cultura por meio dos conhecimentos linguísticos ao mesmo tempo que o aprendiz se vale dos conhecimentos linguísticos para ascender aos conhecimentos socioculturais. Essa indissociabilidade entre léxico e cultura pleiteada pelo pesquisador desencadeou uma aplicação didática dos modelos de descrições lexicológicas, para além dos limites formais da análise lexical.

4.4 Considerações analíticas sobre os parâmetros internos da HL da Lexicologia

Em uma clássica citação de Eugênio Coseriu (1921-2002) sob sua percepção do desenvolvimento dos estudos linguísticos nos diferentes países latino-americanos, o pesquisador romeno assim se posiciona:

> […] a linguística latino-americana é uma linguística que em geral não luta pela originalidade e que não tem ambições teóricas e metodológicas. Seu lema é absorver e aplicar, e não criar e renovar. Nos últimos anos, tem-se notado um avanço metodológico mas, a rigor, tal avanço se apoia na importação de novos métodos e não numa renovação interna da metodologia nem no desenvolvimento de métodos originais (Coseriu, 1976 [1968], p. 29-30)

A interpretação historiográfica que se depreende das palavras enunciadas por Coseriu (1976 [1968]) é a de que a linguística latino-americana propalada até os anos 1960 — década de publicação de seu artigo — se caracterizava pela recepção aos modelos teóricos e metodológicos consagrados em centros de referência europeus e/ou estadunidenses. Seria, dessa feita, uma linguística menos propositiva e mais reprodutiva.

De fato, no cenário acadêmico brasileiro, a implantação e o desenvolvimento do programa de investigação dos estudos linguísticos demandaram um conjunto de ações de cooperação internacional que implicaram não apenas a leitura e adoção de teorias e métodos estrangeiros como também o envio de discentes e docentes para qualificação acadêmica no exterior. Além disso, há de se considerar a presença constante de professores-pesquisadores estrangeiros convidados para ministrar cursos introdutórios e avançados de linguística nas universidades brasileiras.

Nas palavras de Batista (2023, p. 108), “A recepção esteve e está presente em abordagens de diferentes subáreas da linguística brasileira, desde as mais próximas da ‘linguística dura’, como fonologia e morfologia, até a recepção de teorias sociolinguísticas, textuais, discursivas entre outras.” Nessa perspectiva, o programa de investigação lexicológica e a formação de um grupo de especialidade teórica em Lexicologia não destoarão do que estava sendo proposto no contexto mais geral dos estudos linguísticos.

A análise do programa de investigação que deu sustentação à Lexicologia no Brasil apontou para uma recepção aos estudos sedimentados no exterior. Os autores amplamente referendados na bibliografia das produções científicas brasileiras também desvelam a recepção à lexicologia francesa. Os mais citados são, entre outros: Bernard Pottier, Bernard Quemada, Charles Muller e Georges Matoré.

Fora do circuito europeu, alguns autores ainda fazem recepção a um modelo de lexicologia francófona, na medida em que recorrem à produção de autores canadenses e belgas, cuja produção científica é predominante em francês. Outra interpretação que aponta para tal recepção decorre do ocultamento, do desconhecimento ou da não aceitação de outros modelos teóricos que circulavam em outros polos de investigações europeias. É o caso da lexicologia russa, alemã, tcheca e romena. A retórica usada não é a da revolução, mas a da atualização, isto é, fazer lexicologia é fazer uso das mais recentes pesquisas na área do léxico.

Ainda que o foco tenha sido na “recepção teórica”, defende Batista (2023) que a linguística de recepção não deve ser avaliada de modo negativo: “a recepção científica é etapa (mesmo que de longa duração) do estabelecimento de um campo, sem que com isso se configure prática menor ou desvalorizada” (Batista, 2023, p. 106). Para esse historiógrafo, a importação e a adoção de teorias e métodos configuram, de certa forma, um espaço de interlocução intelectual internacional necessário aos diferentes modos de pensar o fazer científico.

Nesse sentido, ainda que a Lexicologia brasileira tenha transposto para o território nacional teorias e métodos francófonos, numa atitude de continuidade epistemológica, os fenômenos lexicais aqui investigados inovaram na medida em que passaram a observar, analisar e descrever fenômenos lexicais do português brasileiro extraídos de fontes não exploradas até então, como a imprensa nacional e os falares indígenas.

Conclui-se, desse modo, que o trabalho da primeira geração de lexicólogos que vislumbrou um percurso teórico-metodológico foi essencial para a institucionalização da Lexicologia na esfera acadêmico-científica. Foi uma geração que, de fato, testemunhou a planificação e execução de um projeto que, pouco a pouco, se expandiu e se sedimentou em diferentes meios universitários. A lexicologia é, hoje, uma disciplina, uma teoria e uma área do conhecimento com intensa produtividade dentro dos estudos linguísticos, o que se materializa nos manuais, teses e dissertações, periódicos especializados, grupos de pesquisas e eventos dedicados a essa temática.

CONCLUSÃO

Ao findar este trabalho, não será exagero retomar a máxima atribuída a Ferdinand de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, em que se lê: “Longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 1975 [1916], p. 15). Se é o olhar do pesquisador que produz seu objeto de investigação, pode-se afirmar que a narrativa historiográfica que se buscou construir nesta pesquisa é apenas uma das várias interpretações que poderiam ser elaboradas em torno da Lexicologia e de seu processo de institucionalização no Brasil.

Conforme defendido por Batista (2020), o fazer historiográfico não tem, necessariamente, compromisso com a explicitação totalitária da história ou com o desvelar de uma suposta verdade absoluta; pelo contrário, o trabalho ancora-se em um ponto de vista particular e seletivo, no qual determinados fatos e eventos são privilegiados em detrimento de outros, numa moderada subjetividade inerente à pesquisa que tem a história como seu objeto de análise.

A percepção que se tem ao finalizar uma investigação de natureza historiográfica é a de que apenas parte da história foi reconstruída; afinal, depois de um longo percurso de estudo sobre o mesmo objeto de observação, descrição e análise, o olhar do historiógrafo reveste-se de criticidade e de maior consciência do que se produziu sobre seu foco de interesse. Entende-se, no entanto, que essa consciência da completude de um percurso, ainda que inconcluso, seja necessária para instigar outros-novos olhares críticos sobre o passado que se pretendeu interpretar.

Dada essa constatação, ao retomar as questões problematizadoras apresentadas na introdução deste trabalho, formuladas para nortear a execução da pesquisa aqui exposta, foi possível chegar às seguintes conclusões:

Ao longo de todo o século XX, a Lexicologia se firmou como disciplina científica dos estudos lexicais no território europeu. A partir da segunda metade daquele século, os principais modelos teóricos, métodos e técnicas para o tratamento das unidades lexicais das diferentes línguas ditas naturais foram desenvolvidos, sobretudo, na França, Alemanha, Espanha e em países que compunham a antiga União Soviética. Contudo, a Lexicologia francesa — e ocasionalmente francófona — foi a que

prevaleceu como referencial teórico/bibliográfico de boa parte das investigações lexicológicas brasileiras.

Na análise da produção lexicológica nacional, observou-se a ausência de referência às inúmeras obras produzidas por autores como os soviéticos Asja Markovna Iskos, Ada Falkovna Lenkowa, Ksenija A. Lewkowskaja, Marija D. Stepanova e Irina I. Černyševa; os alemães Peter Rolf Lutzeier, Thea Schippan e Peter Schifko; o tcheco Josef Filipec; o romeno naturalizado italiano Sorin Stati; o espanhol Gregorio Salvador Caja; os italianos Tullio De Mauro e Mario Alinei, entre outros nomes ignorados e/ou ocultados pela geração que sedimentou as bases iniciais da Lexicologia no Brasil.

Algumas das hipóteses que podem justificar a ausência desses autores são: a) o desconhecimento de suas produções; b) a dificuldade para acessar e/ou importar os livros produzidos nesses países; c) a dificuldade com a língua original em que foram publicados.

Apesar disso, passados 50 anos das primeiras ações voltadas para a implantação dos estudos lexicológicos no Brasil, pode-se afirmar, na atualidade, que a Lexicologia, de fato, institucionalizou-se, na segunda metade do século XX, como uma reconhecida área do saber linguístico. Num recorte sincrônico delimitado a quatro décadas (1960-2000), foram vários os eventos históricos que responderam pela recepção de modelos lexicológicos europeus. Para isso, recorreu-se à análise dos dados por periodização.

Demonstrou-se, no trabalho, que a primeira fase, iniciada nos anos 1960, mais especificamente em 1966, foi marcada pela recepção a teorias lexicológicas produzidas originalmente em países como a França. Nesse primeiro momento, surgiram as primeiras publicações, com destaque às dissertações e teses produzidas por um grupo de agentes de recepção e produção que se tornaria o que se pode designar 1ª geração de lexicólogos(as) brasileiros(as).

O ano de 1966 é interpretado como uma data simbólica, na medida em que nele ocorreram alguns eventos pontuais para a introdução da reflexão lexicológica extramuros: atestação do termo «Lexicologia» na lexicografia brasileira; publicação dos artigos seminais de Leonor Scliar-Cabral na mídia jornalística impressa do Rio Grande do Sul (*Diário de Notícias*), em que problematiza a definição teórica de

«palavra» — principal objeto de estudo da Lexicologia; publicação da tese inaugural de livre-docência de Clemente Segundo Pinho, apresentada à Unesp de Araraquara, na qual o pesquisador expõe o uso de um método lexicológico descritivo e sincrônico, pautado em dados estatísticos e aplicado à análise de texto literário.

Na década de 1970, coube àquela geração a tarefa de apresentar textos programáticos sobre a Lexicologia, discutindo a terminologia característica (léxico, lexia…) e suas respectivas definições. Também foi a geração responsável por mostrar que a pesquisa lexicológica se diferenciava dos estudos lexicais realizados em outras áreas, como a filologia, a estilística, a dialetologia, a morfologia, a etimologia e a sociolinguística, mas não desconsiderava totalmente esses estudos, evidenciando que cada uma delas aborda o léxico a partir de princípios teórico-metodológicos distintos, ainda que complementares.

Nos anos 1980, percebeu-se que as relações sociais eram geograficamente distantes ou intelectualmente isoladas, pois cada qual desenvolvia suas pesquisas nas universidades às quais estavam filiados. Era necessária uma ação de aproximar interesses acadêmico-científicos comuns no que diz respeito aos temas pesquisados, às linhas de pesquisa que se formavam, à captação de pessoas (discentes) para realizar pesquisas na área, à recepção teórica — principalmente pelo fato de muitos materiais usados serem publicados em outras línguas —, à formação de especialistas, à produção de material teórico em sistema de coautoria — principalmente entre agentes alocados em diferentes universidades —, ao reconhecimento da área intra e extramuros e à obtenção de fomentos para a execução dos estudos. Para tanto, coube a uma liderança organizacional as tarefas de reunir os diferentes estudiosos e organizar a área, dando origem a grupos de especialidade teórica. O marco mais representativo dessa fase foi a criação do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll.

Já a década de 1990 foi marcada pela divulgação de resultados por meio das comunicações em eventos científicos locais, nacionais e internacionais. Também foi o momento de captação de novos pesquisadores, favorecendo a ascensão da área. Destaca-se, ainda, o fato de ter sido a década em que muitos estudiosos passaram a se reconhecer (e a serem reconhecidos) como lexicólogos. Além disso, os anos 1990 foram marcados por grandes transformações nas áreas da política, saúde, cultura e tecnologia, estabelecendo um clima de opinião favorável à observação de

fenômenos lexicais no seu uso efetivo. Por essa razão, ampliaram-se os estudos em torno da neologia, dos neologismos, dos empréstimos lexicais, de sorte a destacar a natureza interdisciplinar da investigação lexicológica. Em consequência desses estudos, a relação entre língua/léxico, cultura e sociedade sedimentou uma das linhas de pesquisa mais produtivas no final do século XX.

A periodização da tese foi concluída no ano 2000, numa delimitação justificada por alguns fatores. Foi o ano propício a uma retrospecção histórica da produção lexicológica sedimentada ao longo do século que se encerrava. Além disso, foi a data que marcou a publicação do livro *Ciências do Léxico* que, anos depois, iria se tornar a principal coleção que marca a publicação de textos resultantes de investigações produzidas por membros do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll. Não menos relevante, a escolha permitiu ao proponente da presente tese distanciar-se da história do tempo presente, propiciando, conforme argumentado no primeiro capítulo, uma interpretação historiográfica amparada numa objetividade relativa, tal qual defende Batista (2020).

A análise do processo de institucionalização por periodização mostrou-se satisfatória, na medida em que foi possível identificar, no ano de 1966, um marco simbólico inicial em que a Lexicologia passou a ser abordada por sua especificidade epistemológica e metodológica e, no ano de 2000, o fechamento de um ciclo de pesquisas sedimentadas e reconhecidas por órgãos como CNPq. Os principais elementos que atestam sua institucionalização foram:

- ampla produção bibliográfica, nos mais diferentes setores do ambiente universitário, envolvendo desde resumos e pesquisas de IC até investigações de pós-doutoramento;
- introdução de disciplinas específicas de Lexicologia e/ou que contemplaram temas lexicológicos nos componentes curriculares de cursos de graduação e pós-graduação (*lato* e *stricto sensu*), ora como disciplinas obrigatórias, ora como eletivas;
- organização de grupos de pesquisas regionais e nacionais certificados pelo CNPq;
- desenvolvimento de projetos de pesquisa individuais ou coletivos, com ou sem financiamento de reconhecidos órgãos de fomento;
- convênios interinstitucionais nacionais e internacionais;

- massiva representação em eventos científicos locais, regionais, nacionais e internacionais;
- criação de revista temática e/ou de números temáticos em periódicos acadêmicos de grande circulação e aceitação científica.

Diante dessas constatações, pode-se afirmar que os questionamentos foram respondidos, e os objetivos propostos, atingidos, comprovando a tese de que a moderna Lexicologia brasileira se institucionalizou na segunda metade do século XX como uma área da ciência linguística e uma disciplina acadêmica autônoma caracterizada, sob o ponto de vista historiográfico, pela continuidade epistemológica de modelos teóricos franceses, ainda que deles tenha se diferenciado na proposição de modelos metodológicos rigorosos para a observação, análise, descrição e explicação de fenômenos lexicais que tipificam o português brasileiro na dimensão de sua história, estrutura, conteúdo, funções e usos.

Ao findar a pesquisa, resgata-se a afirmação de Batista (2020, p. 35), para quem “a atividade do historiador não é isenta de críticas e julgamentos ao longo do tempo”. Entende-se, desse modo, que a narrativa historiográfica construída na presente tese emerge de uma pesquisa seletiva, formulada por um indivíduo que assumiu o papel de observador crítico do passado para construir sua narrativa interpretativa, com vistas a entender o que se produziu na pesquisa lexicológica brasileira do século XX, de que modo e com quais argumentos. Trata-se de uma narrativa que se propôs exaustiva — mas não totalitária — guiada por uma objetividade relativa (cf. Batista, 2020), inerente a qualquer trabalho de natureza interpretativa, ainda que sustentada nos rigorosos pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos defendidos nas mais recentes orientações em Historiografia da Linguística.

Nesse sentido, a única veleidade do autor, ao concluir este trabalho investigativo, é que outras/novas historiografias lexicológicas, inspiradas nas ideias aqui iniciadas, sejam planificadas, com outros recortes temporais, outras fontes documentais, outros procedimentos de coleta e análise de dados e outras interpretações, de modo a ampliar a reflexão científica sobre a língua portuguesa e sobre a história da linguística no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. 2. ed. Humanitas/FFLCH/USP, 2003 [1998].

ALTMAN, Cristina. Filologia e Linguística – outra vez. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 6, p. 161-198, 2004. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/131307. Acesso em 10 out. 2020.

ALTMAN, Cristina. Retrospectiva e perspectivas da Historiografia Linguística no Brasil. **Revista Argentina de Historiografia Linguística**, v. 1, p. 115-136, 2009. Disponível em: https://www.rahl.ar/index.php/rahl/article/view/12. Acesso em: 13 jan. 2018.

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. **Todas as Letras**. Revista de Língua e Literatura, n. 14, v. 1, p. 14-37, 2012. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4526. Acesso em: 10 jan. 2018.

ALTMAN, Cristina. A ciência, a história da ciência e seu ensino. **Confluência**, v. 61, p. 233-257, 2021a. Disponível em: https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/506. Acesso em: 20 jul. 2021.

ALTMAN, Cristina. Linguística, filosofia, e suas historiografias. **Revista Letras**, Curitiba: UFPR, n. 104, p. 7-31, jul./dez. 2021b. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/80499. Acesso em: 25 jan. 2022.

ALTMAN, Cristina. História interna e história externa. *In*: ENCONTRO DE HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA, 15, 2023, São Paulo. **Resumo**. São Paulo: CEDOCH- DL/USP, 2023. s.p. Disponível em: https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/inline-files/HIST%C3%93RIA%20INTERNA%20E%20HIST%C3%93RIA%20EXTERNA%20Resumo.docx.pdf. Acesso em: 03 dez. 2023.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**. Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, Ieda Maria. Lexicologia: uma entrevista com Ieda Maria Alves. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 430-442, 2011. Disponível em: https://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_17_entrevista_ieda_maria_alves.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

ASENCIO, José J. Gómez; MONTORO DEL ARCO, Esteban T.; SWIGGERS, Pierre. Principios, tareas, métodos e instrumentos en historiografía lingüística. *In*: VAQUERA, María Luisa Calero (ed.). **Métodos y resultados actuales en historiografia de la lingüística**. Münster: Nodus Publikationen, 2014. p. 266-301. Disponível em: https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/34575/G%c3%b3mez-Montoro-Swiggers_2014_Metodos-historiografia.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 mar. 2018.

AUROUX, Sylvain (dir.). **Histoire des idées linguistiques**. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1989; 1992; 2000. 3 t.

AUROUX, Sylvain *et al*. (ed.). **History of the language sciences**: an international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present. Berlin; New York: de Gruyter, 2000; 2001; 2006. 3 t.

BAGNO, Marcos. **Uma história da linguística**: da Antiguidade ao Iluminismo. t. 1. São Paulo: Parábola, 2023a.

BAGNO, Marcos. **Uma história da linguística**: do século 19 ao limiar do século 20. t. 2. São Paulo: Parábola, 2023b.

BARBOSA, Maria Aparecida. Modelos em lexicologia. **Língua e literatura**, v. 9, p. 261-279, 1980.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. *In*: PAIS, Cidmar Teodoro *et al*. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986 [1978]. p. 81-125.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. *In*: Estudos Linguísticos XX. Seminários do GEL, XXXIX, Franca, Unifran, 1991. **Anais** […] Franca: Unifran, 1991. p. 182-189.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. *In*: II Simpósio Latino-Americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica, 1990, Brasília. **Anais** […] Brasília: IBICIT; Paris: União Latina, 1992. p. 152-158.

BARBOSA, Maria Aparecida. Grupo de trabalho de lexicologia, lexicografia e terminologia da Anpoll: contribuições ao desenvolvimento científico e tecnológico. **Boletim Informativo Anpoll**, n. 20, p. 66-70, 1994.

BARBOSA, Maria Aparecida; LAFACE, Antonieta; BARROS, Lídia Almeida. Grupo de Trabalho: questões epistemológicas e metodológicas em lexicologia, lexicografia e terminologia. *In*: Estudos Linguísticos XXVII. Seminários do GEL, XLV, Unicamp, Campinas, SP, 1997. **Anais** […] São José do Rio Preto: UNESP/GEL, 1998. p. 177-185.

BARROS, José D'Assunção. História e Historiografia: todas as interações possíveis. *In*: BARROS, José D'Assunção (org.). **A historiografia como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BASTOS, Neusa Barbosa. O fazer historiográfico: dimensões/parâmetros externos e internos. *In*: BATISTA, Ronaldo de Oliveira; BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Questões em historiografia linguística**: homenagem a Cristina Altman. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. p. 97-116.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à Historiografia da Linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Fundamentos da pesquisa em Historiografia da Linguística**. São Paulo: Mackenzie, 2020.

BATISTA, Ronaldo. **A linguística brasileira**: percursos históricos. São Paulo: Mackenzie, 2023.

BEAUZÉE, Nicolas. Grammaire. *In*: DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond. **ENCYCLOPÉDIE** ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres. Lausanne; Berne: Sociétés Typographiques, 1782 [1757]. v. 16, p. 485-496. Disponível em: https://www.e-rara.ch/zuz/content/zoom/7017094. Acesso em: 10 jul. 2018.

BHARTRHARI. **Da palavra [*Vākyapadīya*]**: livro I – suma da tradição. Trad. Adriano Agrigliano. São Paulo: Unesp, 2014.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (LTC), 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (org.). **Palavra**. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, v. I, p. 81-97.

CAMARGO, Maria Tereza de Almeida. Estatística linguística. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 11, p. 117-128, 1967. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3300. Acesso em: 22 mar. 2022.

CAMBRAIA, César Nardelli. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan./jun. 2013. Disponível em: Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5096. Acesso em 28 jul. 2021.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. **O que é neologismo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. **A palavra é**. Recife: Liber Gráfica, 1999.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografia moderna**. 3. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992 [1950].

CAVALIERE, Ricardo. **História da gramática no Brasil**: Séculos XVI a XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

CHEVALIER, Jean Claude; ENCREVÉ, Pierre. **Combats pour la linguistique*, de Martinet à Kristeva.*** Essai de dramaturgie épistémologique. Lyon: ENS, 2006.

CLEMENTE, Ir. Elvo; MOREIRA, Alice Therezinha Campos. **Lexicologia e semântica**: textos e exercícios. Porto Alegre: Acadêmica/Letras de Hoje, 1984.

CNRS. **Lexicologie et lexicographie françaises et romanes**. Orientations et exigences actuelles. Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientique, Strasbourg, 12-16 nov. 1957. Paris: CNRS, 1961.

COELHO, Olga Ferreira; HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva. Historiografia linguística. *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. **Ciências da linguagem**: o fazer científico? Vol. 1. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 381-407.

COSERIU, Eugenio. Perspectivas gerais. *In*: NARO, Anthony Julius (org.). **Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil**. Trad. Maria Candida Diaz Bordenave e Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976 [1968]. p. 11-44.

COSERIU, Eugenio. **La semántica en la linguística del siglo XX**: tendencias y escuelas. Madrid: Arco/Libros, 2016.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o campo do signo (1945-1966). Trad. Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007 [1992].

ESPARZA, Miguel Angel. Tareas de la historiografía lingüística. *In*: SALIDO, Maria do Carmo Henríquez; ESPARZA, Miguel Angel (ed.). **Estudios de lingüística**. Vigo: Departamento de Filología Española – Universidad de Vigo, 1997. p. 69-86.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Lexicologia**: a linguagem do noticiário policial. Brasília, DF: Horizonte, 1980.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **Uma história da linguística**: entre os nomes dos estudos da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 2020.

FIORIN, José Luiz. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. **Línguas & Letras**, v. 7, n. 12, p. 11–25, 2000. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/887. Acesso em: 20 mar. 2022.

FILIPEC, Josef. K úkolům české lexikologie [Sobre as tarefas da lexicologia tcheca]. *In*: EICHLER, Ernst (org.). **Josef Filipec**: Studia lexicologica. München: Verlag Otto Sagner, 1996 [1968]. p. 43-74. (Trad. inédita em português de Klára Bachurková).

GALISSON, Robert. **De la langue à la culture par les mots**. Paris: CLE, 1991.

GALISSON, Robert. Où il est question de lexiculture, de Cheval de Troie, et d'Impressionnisme… . **Études de Linguistique Appliquée**, n. 97, p. 5-14, jan.-mar. 1995.

GONÇALVES, Ângela Jungmann. **Lexicologia e ensino do léxico**. Brasília, DF: Thesaurus: 1977.

HALLIDAY, Michael et al. **Lexicology and corpus linguistics**: an introduction. Londres; Nova York: Continuum, 2004.

HALLIDAY, Michael; YALLOP, Colin. **Lexicology**: a short introduction. London; New York: Continuum, 2007.

HANNA, Vera Lucia Harabagi; BASTOS, Neusa Barbosa. História do presente e Historiografia Linguística: implicações. *In*: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro (org.). **História Entrelaçada 5**: estudos sobre a linguagem em materiais didáticos – década de 1950. São Paulo: EDUC, 2012. p. 17-34.

ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo; MARQUES, Elizabete Aparecida (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. vol. X. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6662. Acesso em: 1º dez. 2023.

KOERNER, Ernest Frideryk Konrad. História da linguística. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 9-22, 1º sem. 2014a [1994]. Disponível em: https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/4/6. Acesso em: 14 jan. 2018.

KOERNER, Ernest Frideryk Konrad. Linguística e revolução: com especial referência à 'revolução chomskyana'. *In*: KEMMLER, Rolf; ALTMAN, Cristina (org.). **E.F.K. Koerner**. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014b [2004]. p. 177.

KOERNER, Ernest Frideryk Konrad. O problema da metalinguagem na historiografia linguística. *In*: KEMMLER, Rolf; ALTMAN, Cristina (org.). **E.F.K. Koerner**. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014c [1993]. p. 75-90.

KOERNER, Ernest Frideryk Konrad. Questões que persistem na historiografia linguística. *In*: KEMMLER, Rolf; ALTMAN, Cristina (org.). **E.F.K. Koerner**. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014d [1995]. p. 45-63.

KOERNER, Ernest Frideryk Konrad. Pour une historiographie engagée; or where historians of linguistics could still do better. *In*: KOERNER, Ernest Frideryk Konrad. **Last Papers in Linguistic Historiography**. Studies in the History of the Language Sciences. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020a [2005]. p. 37-48.

KOERNER, Ernest Frideryk Konrad. The historiography of linguistics past, present, future. *In*: KOERNER, Ernest Frideryk Konrad. **Last Papers in Linguistic Historiography**. Studies in the History of the Language Sciences. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020b [2007]. p. 3-35.

LEISI, Ernst. **Der Wortinhalt**. *Seine Struktur im Deutschen und Englischen* [O conteúdo da palavra. Sua estrutura em alemão e inglês]. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1971 [1952].

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1971 [1967].

LUTZEIER, Peter Rolf. Grundlagen und Grundfragen der Lexikologie/ The foundations and fundamental questions of lexicology [Os fundamentos e as questões fundamentais da Lexicologia]. *In*: CRUSE, D. Alan et al. (Hg.). **Lexikologie**: ein internationales Handbuch zur Natur und Struktur von Wörtern und Wortschätzen. Berlin; New York: de Gruyter, 2002. v. I, p. 1-14. (Tradução inédita em português de Claudia Cavalcanti)

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1979.

MATORÉ, Georges. La mesure en lexicologie. **Thalès**, Paris: Armand Colin, v. 5, p. 8-15, 1948. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/43855294>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MATORÉ, Georges; GREIMAS, Algirdas Julius. La méthode en lexicologie: à propos de quelques thèses récentes. **Romanische Forschungen**, Frankfurt am Main, v. 60, n. 3, p. 411-419, 1948.

MATORÉ, Georges; GREIMAS, Algirdas Julius. La méthode en lexicologie (II). **Romanische Forschungen**, Frankfurt am Main, v. 62, n. 2-3, p. 208-221, 1950.

MATORÉ, George. **La méthode en lexicologie**. Domaine Français. Paris: Didier, 1953.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **História da Linguística**. 7. ed. Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 [1962].

MÉLANGES linguistiques dédiés au premier congrès des philologues slaves. **Travaux du Cercle Linguistique de Prague**, Prague: Jednota československých matematiků a fysiků, 1929. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k92445c/f1.item. Acesso em: 20 jan. 2018.

MOUNIN, Georges. **História da Linguística**: das origens ao século XX. Trad. F. J. Hopffer Rêgo. Porto: Despertar, 1970 [1967].

MURRAY, Stephen O. **American sociolinguistics**: theorists and theory groups. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998 [1994].

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Fundamentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística. *In*: NASCIMENTO, Jarbas Vargas (org.). **A historiografia linguística**: rumos possíveis. São Paulo: Edições Pulsar; Terras do Sonhar, 2005. p. 11-30.

NEBOT, Francisco Abad. **Cuestiones de lexicología y lexicografia**. 3. ed. Madrid: UNED, 2001 [1997].

NEVES, Abílio Afonso Baeta. Capes: 50 anos a serviço da pós-graduação. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; MOREIRA, Regina da Luz. **CAPES, 50 anos**: depoimentos ao CPDOC/FGV. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, CPDOC; Brasília, DF: CAPES, 2002. Disponível em: https://repositorio.fgv.br/items/555d372f-53ea-45ba-929b-627fcf717ab8. Acesso em: 23 mar. 2023.

PAIS, Cidmar Teodoro. A pós-graduação em linguística na Universidade de São Paulo. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 18, 1972/1973. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3531. Acesso em: 25 fev. 2020.

PAIS, Cidmar Teodoro *et al*. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986 [1978]. p. 81-125.

PILAGALLO, Oscar. **A história do Brasil no século 20**. São Paulo: PubliFolha, 2009. (Folha Explica, 5 v.).

PINHO, Clemente Segundo. **O método lexicológico (uma introdução teórica e prática)**. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro (MEC), 1973.

POTTIER, Bernard. Les travaux lexicologiques préparatoires à la traduction automatique. **Cahiers de lexicologie**, n. 3, 1961, p. 200-206.

POTTIER, Bernard. **Introduction à l'étude des structures grammaticales fondamentales**. 2è ed. Nancy: Faculté des lettres et des sciences humaines de Nancy, 1964 [1962].

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. **Estruturas linguísticas do português**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro (DIFEL), 1972.

PRUVOST, Jean. La lexicologie et la sémantique lexicale. *In*: ANTOINE, Gérald; CERQUIGLINI, Bernard (Dir.). **Histoire de la langue française (1945-2000)**. Paris: CNRS Éditions, 2000. p. 907-936.

PRUVOST, Jean. Quelques concepts lexicographiques opératoires à promouvoir au seuil du XXIe siècle. **Études de linguistique appliquée** (Éla), Paris: Klincksieck, v. 1, n. 137, p. 7-37, 2005.

QUEMADA, Bernard. Lexicology and lexicography. **Current Trends in Linguistics**: Linguistics in Western Europe, The Hague; Paris: Mouton, v. 9, p. 395-475, 1972.

QUEMADA, Bernard. Bilan des applications de l'informatique aux études lexicologiques. **Meta**: jornal des traducteurs, v. 18, n. 1-2, p. 87-102, 1973. Disponível

em: https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1973-v18-n1-2-meta259/003883ar/. Acesso em: 25 mar. 2021.

QUEMADA, Bernard. Greimas lexicologue. **Nouveaux Actes Sémiotiques**, hommages à A. J. Greimas, Limoges: PULIM, n. 25, p. 49-57, 1993.

REY, Alain. **La lexicologie**: lectures. Paris: Armand Colin, 1970.

REY, Alain. **De l'artisanat des dictionnaires à une science du mot**. Paris: Armand Colin, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 7. ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975 [1916].

SCHIPPAN, Thea. Der Gang der lexikologischen Forschung II: Das Erwachen der Disziplin [O desenvolvimento da pesquisa lexicológica II: o despertar da disciplina]. *In:* CRUSE, D. Alan et al. (Hg.). **Lexikologie**: ein internationales Handbuch zur Natur und Struktur von Wörtern und Wortschätzen. Berlin; New York: de Gruyter, 2002. v. I, p. 68-77. (Tradução inédita em português de Claudia Cavalcanti)

SCHERER, Amanda Eloina. Uma trajetória em busca do saber. Uma referência na história das ideias linguísticas no RS – Entrevista com Leonor Scliar Cabral. **Fragmentum**, Santa Maria (RS), UFSM, n. 6, v. 3, p. 11–33, 2004. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/6340. Acesso em: 10 fev. 2022.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Introdução à linguística**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1976 [1973].

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Memorial até o concurso para titular na UFSC Leonor Scliar-Cabral. **Abralin**: memoriais. 2021. Disponível em: https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2021/03/ABRALIN-Memorial-Scliar-Cabral-06-03-2021-CORRIGIDO.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

SIMONE, Raffaele. Theorie et histoire de la linguistique. **Historiographia Linguistica**: International Journal for the History of the Language Sciences, v. 2, n. 3, p. 353-378, 1975.

SOUZA, Cilene Cunha de. **Um método quantitativo para a análise lexical**: aplicação a três poetas simbolistas: Alphonsus de Guimaraens, Cruz e Souza e Edgard Mata. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979 [1975].

STEUCKARDT, Agnès. Beauzée et la rationalisation de la terminologie grammaticale. **Congrès international des Lumières, Sciences, Techniques et Cultures**, Montpellier (France), jul. 2007. Disponível em: https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00353728/document. Acesso em: 10 jul. 2018.

SUGIYAMA JUNIOR, Enio. **O ensino de linguística no Brasil (1960-2010)**: efeitos do processo de institucionalização da disciplina na configuração curricular dos cursos de Letras e Linguística. 2020. 280 p. Tese (Doutorado em Linguística) – FFLCH/USP, 2020.

SWIGGERS, Pierre. La construction d'une théorie de l'historiographie de la linguistique: quelques réflexions méthodologiques. *In*: AUROUX, Sylvain *et al*. (ed.). **Matériaux pour une histoire des théories linguistiques**. Lille: Presses Universitaires de Lille (P.U.L.), 1984. p. 15-21.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. *In*: CORRALES ZUMBADO, José Cristóbal *et al*. (ed.). Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. **Actas** […] Madrid: Arco/Libros, p. 113-146, 2004.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. Rio de Janeiro: **Confluência**, n. 44-45, p. 39-59, 2013. Disponível em: https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602. Acesso em: 07 jul. 2018.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas, problemas. *In*: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (ed.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80.

TOURNIER, Jean. **Lexicologie anglaise et comparée**. Paris: Annales Littéraires de l'Université de Franche-Comté, 1998.

TOURNIER, Nicole; TOURNIER, Jean. **Dictionnaire de lexicologie française**. Paris: Ellipses, 2009.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WEINREICH, Uriel. Lexicology. **Current Trends in Linguistics**: Soviet and East European Linguistics, The Hague; Paris: Mouton, v. I, p. 60-93, 1970. (Trad. inédita em português de Ciça Lopes).

ZAPPAROLI, Zilda Maria; CAMLONG, André. **Do léxico ao discurso pela informática**. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2002.

APÊNDICE
Dissertações e Teses brasileiras em Lexicologia (1960-2000)
(ordenação cronológica)

Ano	Nome	Natureza	Título	Orientador(a)	Universidade	Local
1966	Clemente Segundo Pinho	Tese	Linguagem de Fernão Mendes Pinto, segundo um sistema de conceitos. Exame parcial de amostras do vocabulário	Francisco Silveira Bueno	USP	SP
1969	Maria Tereza Camargo Biderman	Tese	Análise computacional de Fernando Pessoa (ensaio de estatística léxica)	Isaac Nicolau Salum	USP	SP
1971	Iracema Falcão Pires	Dissertação	Elementos para uma análise estrutural-funcional do léxico	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1974	Maria Aparecida Barbosa	Tese	Para um modelo teórico da combinatória sêmio-táxica	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1975	Ângela Jungmann Gonçalves	Dissertação	Lexicologia e ensino do léxico	Cidmar Teodoro Pais	UFG	GO
1975	Celina de Araújo Scheinowitz	Dissertação	Análise contrastiva dos sistemas lexicais das línguas francesa e portuguesa: subsídios para o ensino do vocabulário da língua francesa a falantes nativos do português	Claiz Passos	UFBA	BA
1975	Luandir Barufi	Dissertação	Visão crítica de textos literários para o ensino da língua portuguesa: uma análise léxica comparativa	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1975	Cilene da Cunha Pereira	Dissertação	Um método quantitativo para análise lexical: aplicação a três poetas simbolistas	Eduardo Portella	UFRJ	RJ
1979	Aldema Menine Trindade	Dissertação	Linguagem Regional da Fronteira do RGS: o léxico do cavalo	Ir. Elvo Clemente	UFRGS	RS
1979	Enilde Leite de Jesus Faulstich	Dissertação	Para uma análise estrutural de campos semânticos: estudo lexicológico da linguagem do noticiário policial	Antonio Salles Fillho	UnB	DF
1979	José Jorge Peralta	Tese	Estruturas linguísticas e análise do texto literário: elementos para um modelo linguístico-matemático de análise estilística	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1980	Aracy Graça Ernst	Dissertação	Análise da produção e compreensão em leitura sob um enfoque lexicológico	Leonor Scliar Cabral	PUC-RS	RS
1980	João Batista Pinheiro	Dissertação	Por uma pedagogia do vocabulário	Ir. Elvo Clemente	PUC-RS	RS
1981	Terezinha de Melo	Dissertação	Um estudo lexicológico de derivação: palavras em /-meNtu/-SawN/,/-azeyN/awN/ e /Ura/	Ir. Elvo Clemente	PUC-RS	RS

1981	Maria da Graça de Melo Pereira	Dissertação	Critérios para uma classificação de palavras	Maria do Socorro Silva de Aragão	UFPB	PB
1981	Marcos Wagner da Costa Agra	Dissertação	As faces secretas do hiperônimo flor: uma abordagem da obra de Drummond	Maria do Socorro Silva de Aragão	UFPB	PB
1981	Maria Emilia Barcellos da Silva	Dissertação	O chimarrão: uma vivência gaúcha	Celso Ferreira da Cunha	UFRJ	RJ
1982	Nelly Medeiros de Carvalho	Dissertação	Neologismos na linguagem jornalística recifense	José Brasileiro Vilanova	UFPE	PE
1982	Rogério Elpidio Chociay	Tese	O vocabulário da rima no Romantismo Brasileiro	Maria Tereza Camargo Biderman	Unesp-Araraquara	SP
1983	Mario Ferreira	Dissertação	A palavra no Rgveda: contribuição para o estudo da lexicologia védica	Izidoro Blikstein	USP	SP
1983	Maria Luzia de Ara újo Freitas	Dissertação	A renovação lexical da língua portuguesa de 1958 a 1974 observada através de seus sufixos	Maria Auxiliadora Bezerra	UFPB	PB
1984	Janselice Torres Castelo Branco	Dissertação	Universo vocabular do vaqueiro monteirense	Maria Auxiliadora Bezerra	UFPB	PB
1985	Arlete Inês Ribeiro Rubini	Dissertação	Para um dicionário básico de ideias e estilo da língua portuguesa	Evanildo Bechara	UFF	RJ
1986	Maria Cristina Fernandes Salles Altman	Dissertação	Estruturas de léxico: competência, desempenho e procedimentos linguístico-pedagógicos de ensino para alunos da 5ª série do primeiro grau	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP
1987	Vicente Francisco da Silva	Dissertação	Aspectos de caracterização linguística (léxico-vocabular) de personagens da obra Brás, Bexiga e Barra Funda, de Antonio de Alcântara Machado	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP
1988	Maria Emilia Barcellos da Silva	Tese	O homem e o mar da Região dos Lagos/RJ	Celso Ferreira da Cunha	UFRJ	RJ
1991	Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa	Tese	Inquisição portuguesa: vocabulário do Direito Penal - substantivo e adjetivo	Cacilda de Oliveira Camargo	Unesp-Araraquara	SP
1991	Lêda Terezinha Martins	Tese	A lexicalização: processos de produção textual de lexias nominais	Ir. Elvo Clemente	PUC-RS	RS
1991	Eduardo Luiz Ribeiro	Dissertação	Ponderações semântico-pragmáticas sobre a delimitabidade lexêmica	Lucinda Ferreira Brito	UFRJ	RJ
1991	Maria Antonieta Carbonari de Almeida	Tese	Aspectos lexicais dos contos de Lygia Fagundes Telles	Ieda Maria Alves	Unesp-Assis	SP
1991	Paulo Mosânio Teixeira Duarte	Tese	A formação de palavras em Português com prefixos latinos e vernáculos	Maria Tereza Camargo Biderman	Unesp-Araraquara	SP

1992	Antonieta Laface	Tese	Léxico e produção de sentido: contribuição para o desenvolvimento da leitura e reformulação do conhecimento	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP
1992	Beatriz Amazonas Cardoso	Dissertação	De olho nas artes de Machado - um estudo da criatividade de Machado de Assis na construção do referente "Capitu" em D.Casmurrro	Regina Célia Pagliuchi da Silveira	PUC-SP	SP
1992	Fabio Luiz Lopes da Silva	Dissertação	Para uma genealogia da corrupção	Kanavillil Rajagopalan	Unicamp	SP
1992	Jeni Silva Turazza	Tese	Léxico e criatividade	Regina Célia Pagliuchi da Silveira	PUC-SP	SP
1992	Otilia Idalina Maia de Vasconcelos	Tese	Recorte do léxico de estudantes do segundo grau: abordagem comparativa de duas escolas de João Pessoa - Paraíba (1992)	Erasmo d'Almeida Magalhães	USP	SP
1992	João Dino F. P. dos Santos	Tese	Normalização de empréstimos linguísticos	Enilde Leite de Jesus Faulstich	UnB	DF
1993	Maria do Rosário Gomes Lima da Silva	Dissertação	Empréstimos Linguísticos do Inglês no Discurso Jornalístico Brasileiro	Mário Mascherpe	Unesp-Assis	SP
1993	Nelly Medeiros de Carvalho	Tese	Léxico da publicidade	Francisco Gomes de Matos	UFPE	PE
1994	Aldo Luiz Bizzocchi	Tese	Processos Lexicogênicos em Línguas Românicas e Germânicas	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
1994	Emilia Maria Peixoto Farias	Dissertação	Campo semântico e análise componencial: estudo aplicado aos verbos de respirar em inglês e português	Stella Esther Ortweiller Tagnin	UECE	CE
1994	Jorge Luiz Peixoto	Dissertação	Aspectos lexicográficos de mitônimos anchietanos: o poema épico De Gestis Mendi de Saa	Edison Lourenço Molinari	UFRJ	RJ
1994	Maria das Graças Pereira Araújo	Dissertação	Aspectos linguísticos de poesia de João Cabral de Melo Neto uma abordagem lexico-semântica de Morte e Vida Severina	Maria do Socorro Silva de Aragão	UFPB	PB
1994	Maria Zélia Borges	Tese	Vocabulário da Moda no Português do Brasil: abril/90 a janeiro/91	Geraldina Porto Witter	USP	SP
1994	Maria Lucia Mexias-Simon	Tese	O falar da escravidão	Emmanoel Maria da Santíssima Trindade José dos Santos	UFRJ	RJ
1995	Gladis Maria de Barcelos Almeida	Dissertação	Neologismo na informática: natureza e deriva de um vocabulário	Devino João Zambonin	Unesp-Araraquara	SP

1995	João Machado de Queiroz	Dissertação	O vocabulário da pesca artesanal no Lago de Itaipu	Pedro Caruso	Unesp-Assis	SP
1995	Maria Thereza Francisca Isabel de Sulima Arczynska	Tese	Léxico relativo às penas no direito penal polonês e português: um estudo comparativo	Belchior Cornelio da Silva	UFRJ	RJ
1995	Waldenor Barros Moraes Filho	Dissertação	Uso conotativo das designações das cores em português e em inglês	Martha Steinberg	USP	SP
1995	Nelson Luís Ramos	Dissertação	Dos campos léxicos aos campos temáticos na obra de Emiliano Perneta	Rogério Elpídio Chociay	Unesp-SJRP	SP
1995	Vito Cesar de Oliveira Manzolillo	Dissertação	Dinamicidade lexical: uma abordagem linguístico-sociológica do empréstimo	Castelar de Carvalho	UFRJ	RJ
1996	Aparecida Negri Isquerdo	Tese	O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural	Devino João Zambonim	Unesp-Araraquara	SP
1996	Maria Cristina da Silva Martins	Dissertação	Os locativos na Peregrinatio Aetheriae	Rodolfo Ilari	Unicamp	SP
1996	Marcilene Rodrigues Pereira	Dissertação	Relevâncias lexicais e formações discursivas. Monteiro Lobato em discussão	Jeni Silva Turazza	PUC-SP	SP
1996	Maria da Graça de Souza	Dissertação	Um procedimento de leitura de textos na área de História a partir de relevâncias lexicais: processos de reconstrução e de representação do homem negro brasileiro	Jeni Silva Turazza	PUC-SP	SP
1996	Luiz Carlos Oyhenart Dias	Tese	Campo conceitual do amor e suas manifestações lexemáticas nas canções populares brasileiras de fácil consumo	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP
1996	Nelson Luís Ramos	Tese	A Expressão do sonho em Emiliano Perneta e Émile Nelligan	Rogério Elpídio Chociay	Unesp-SJRP	SP
1996	Waldenice Moreira Cano	Dissertação	A prefixação no vocabulário técnico científico	Maria Tereza Camargo Biderman	Unesp-Araraquara	SP
1997	Alfeu Garcia Júnior	Dissertação	Do Issokun Ao Eri-Okan: um contributo ao estudo do vocabulário das religições brasileiras de origem africana	Pedro Caruso	Unesp-Assis	SP
1997	Beatriz Daruj Gil	Dissertação	Letras de música popular: vocabulário, campos conceituais e campos léxico-semânticos como instrumento de ensino de língua	Fernando Marson	USP	SP
1997	Claudia Zavaglia	Dissertação	Os cromônimos no italiano e no português do Brasil: uma análise comparativa	Loredana de Stauber Caprara	USP	SP
1997	Débora Maria Befi Lopes	Tese	Aspectos da competência e do desempenho lexicais em crianças entre 4:0 e 6:6 anos, com padrões de desenvolvimento normal da linguagem e com alterações articulatórias	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP

1997	Eliana Gianni	Dissertação	Transferências lexicais para a fala dialetal italiana em uma comunidade bilíngue do RGS	Maria da Graça Krieger	UFRGS	RS
1997	Elizabete Aparecida Damasceno	Tese	Do ensino do vocabulário em Língua Portuguesa no 1º Grau: aspectos epistemológicos e metodológicos	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP
1997	Humberto Harvelino Maroneze	Dissertação	Empréstimos linguísticos: a influência da língua inglesa no vocabulário da música	Maria Antonieta Carbonari de Almeida	UEL	PR
1997	Isabel Korbes Scapini	Dissertação	Associações Interlexicais: contribuição para um dicionário remissivo	Marcelino Poersch	PUC-RS	RS
1997	Márcia Maisa Pelachin	Dissertação	Estudo dos neologismos no Memórias Sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade	Ieda Maria Alves	USP	SP
1997	Marieta Prata de Lima Dias	Tese	Para um vocabulário sistemático do Código Penal brasileiro (Parte Geral)	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP
1997	Maria Silvana Militã o de Alencar	Dissertação	A linguagem regional popular na obra de Patativa do Assare: aspectos fonético-lexicais	Maria do Socorro Silva de Aragão	UFC	CE
1998	Beatriz Daruj Gil	Tese	"Quem mandou você gostar?" Um estudo léxico-semântico do amor paixão em letras de música preferenciais de alunos do ensino médio	Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick	USP	SP
1998	Celina Márcia de Souza Abbade	Dissertação	Três campos lexicais no vocabulário do "Livro de Cozinha da Infanta D. Maria	Célia Marques Telles	UFBA	BA
1998	Lavinia Bozzo Aguilar Porciuncula	Dissertação	Neologismos publicitários: elementos de renovação lexical do italiano contemporâneo	Loredana de Stauber Caprara	USP	SP
1998	Lêda Pires Corrêa	Dissertação	Coesão lexical: reflexão e perspectivas	Jeni Silva Turazza	PUC-SP	SP
1998	Maria das Neves Alcântara de Pontes	Tese	Linguagem regional popular: uma visão léxico-semântica de Menino de Engenho, de José Lins do Rego	Devino João Zambonin	Unesp-Araraquara	SP
1998	Natalina Sierra Assêncio Costa	Dissertação	Língua, Cultura e Sociedade Guató: universo léxico-semântico da fala indígena	Mary Francisca do Careno	Unesp-Assis	SP
1998	Solimar Mellin Campo Azevedo	Dissertação	O ensino do vocabulário e os livros didáticos	Maria Auxiliadora Bezerra	UFPB	PB
1998	Tânia Elisa Serra Vianna Andrade	Dissertação	Visibilità del Lessico Inglese in Riviste di Grande Comunicazione Italiane e Brasiliane	Loredana de Stauber Caprara	USP	SP
1998	Valdete Aparecida Xavier de Macedo	Dissertação	Entrada vocabular na linguagem virtual	Antonieta Laface	Unesp-Assis	SP
1998	Kátia Maria Ribeiro Motta	Dissertação	O léxico de vegetais e agricultura: estudo semântico-vocabular	Maria Emilia Barcellos da Silva	UFRJ	RJ

1999	Adevaldo Pereira de Aragão	Dissertação	O Vocabulário do Poema Sangue-Mau" de Arthur de Salles Segundo o Begriffisystem de Hallig e Wartburg	Nilton Vasco da Gama	UFBA	BA
1999	Ana Maria Pinto Pires de Oliveira	Tese	O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos	Maria Tereza Camargo Biderman	Unesp-Araraquara	SP
1999	Camilo Rosa da Silva	Dissertação	Inovação Lexical no Texto Jornalístico: produtividade neológica nos jornais Diário de Natal e Tribuna do Norte	Maria das Neves Alcântara de Pontes	UFPB	PB
1999	Denise dos Santos Duarte	Dissertação	Unidades Terminológicas Complexas: um estudo lexical no âmbito da Análise Sensorial Enológica	Sabrina Pereira de Abreu	UFRGS	RS
1999	Isabel Cristiane Jerônimo	Dissertação	A linguagem esportiva do Notícias Populares: vocabulário sensacionalista	Antonieta Laface	Unesp-Assis	SP
1999	Jose Luiz de Lucca	Tese	Minidicionários da língua portuguesa: análise léxico-estatística contrastiva das macro e microestruturas e sugestão de modelo	Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick	USP	SP
1999	Juliana Riva Gibelli Cerântola	Dissertação	O vocabulário de Duarte Nunes de Leão em Crônicas dos Reis de Portugal - D. Afonso o V: um estudo semântico-lexical	Clotilde Murakawa	Unesp-Araraquara	SP
1999	Julio Luis Flor Bernuy	Tese	Estruturas léxico-semânticas e cosmovisão na narrativa quéchua	Erasmo D'Almeida Magalhães	USP	SP
1999	Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros	Dissertação	Índice dos Vocábulos do Auto da Ave Maria (1562), de Antônio Prestes	Evanildo Bechara	UERJ	RJ
1999	Maria Otília Farto Pereira	Dissertação	Reinações lexicais do homem do porviroscópio: um estudo do vocabulário no Sítio do Picapau Amarelo	Antonieta Laface	Unesp-Assis	SP
1999	Marlene das Neves Guarienti	Dissertação	Léxico e produção cultural do sentido: as denominações e as qualificações do indígena na Carta do Achamento	Guiomar Fanganiello Calçada	USP	SP
1999	Monica Martins Pereira	Dissertação	A construção do léxico nas histórias de assombração: uma leitura da visão de mundo do narrador	Maria das Neves Alcântara de Pontes	UFPB	PB
1999	Pedro Antonio Gomes de Melo	Dissertação	A formação lexical em textos jornalístico-políticos escritos na imprensa periódica alagoana	Maria Denilda Moura	UFAL	AL
1999	Simone Cristina Spironelli	Dissertação	O vocabulário de Manoel de Barros: construindo sentidos por meio da expressividade das palavras	Aparecida Negri Isquerdo	UFMS	MS
1999	Flávia Cristina Cruz Lamberti	Dissertação	Empréstimos linguísticos no português do Brasil: uma interpretação variacionista	Enilde Leite de Jesus Faulstich	UnB	DF
1999	Isabel Aparecida de Souza Stamato	Tese	Os neologismos na língua portuguesa escrita contemporânea do Brasil - mecanismos de criação e produtividade	Sebastiao Expedito Ignacio	Unesp-Araraquara	SP
2000	Denise Aparecida Masson Maiolino	Tese	Análise sêmio-linguística da intertextualidade: o papel das estruturas léxicas e morfossintático-semânticas na	Maria Aparecida Barbosa	USP	SP

			intermediação entre o intratextual e o interconceitual, e algumas implicações pedagógicas			
2000	Elen Cristina Almeida Santos	Dissertação	O Vocabulário Fundamental para o Ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira	Luiz Carlos Costa; Alice Cunha de Freitas	UFU	MG
2000	Márcia de Carvalho Saliba	Dissertação	Unidades lexicais maiores que a palavra: descrição linguística, considerações psicolinguísticas e implicações pedagógicas	José Erasmo Gruginski	UFPR	PR
2000	Márcia Sipavicius Seide	Dissertação	Descrição léxico-semântica da antonímia em dois sermões de Vieira	Guiomar Fanganiello Calçada	USP	SP
2000	Maria do Rosário Gomes Lima da Silva	Tese	O uso da língua inglesa na fala de alguns profissionais brasileiros na área de informática	Paulo Fernandes Zanoto	Unesp-Assis	SP
2000	Ricardo Correia Lima Huber	Tese	Empréstimos linguísticos e estrangeirismos nos jornais de Londrina, Manaus e Rio de Janeiro	Vanderci de Andrade Aguilera	UEL	PR
2000	Rosália Maria Netto Prados	Tese	A temática da cidadania na imprensa escrita de São Paulo: análise lexical e sociossemiótica	Cidmar Teodoro Pais	USP	SP
2000	Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha	Tese	De uma abordagem funcionalista do léxico do Grego Antigo para uma aplicação Lexicográfica	Enilde Leite de Jesus Faulstich	UnB	DF
2000	Sonia Maria Gomes Gerais	Dissertação	Estrangeirismos, Empréstimos e Processos de Formação de Neologismos em periódicos brasileiros	Maria Zélia Borges	Mackenzie	SP